

Prêmio

Paulo Freire 2020

de Qualidade do Ensino Municipal

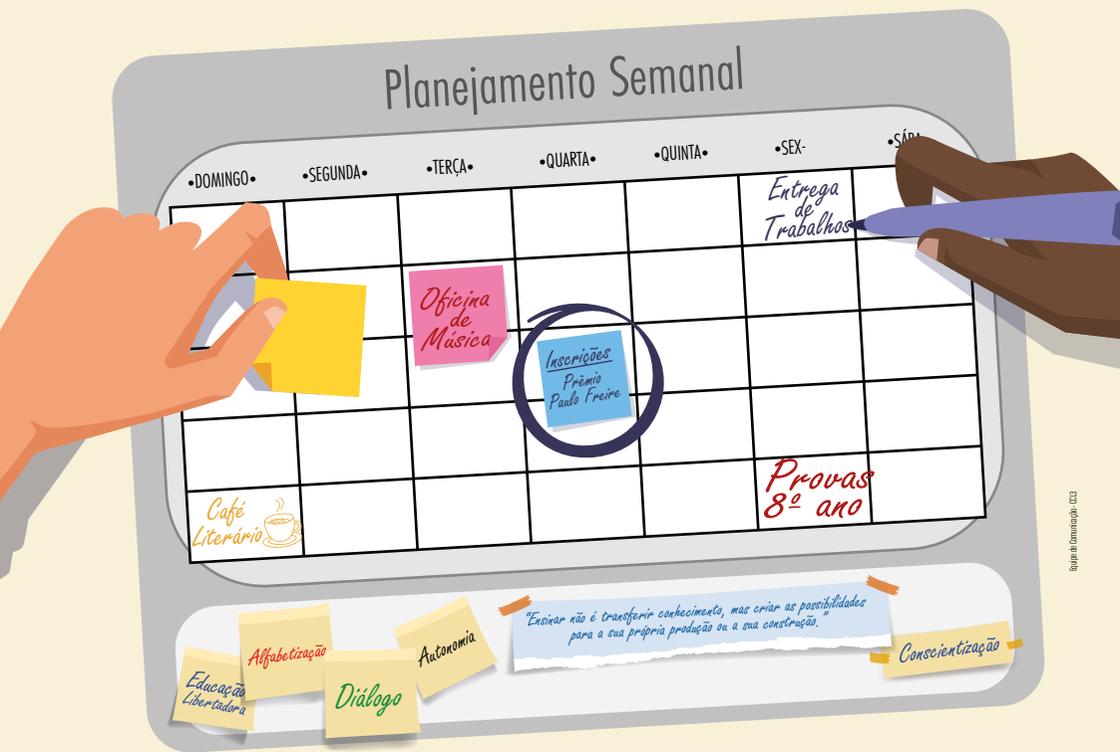


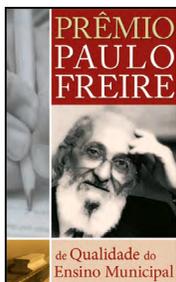
Ilustração: Domingos, 2020

Projetos Premiados



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal



Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETOS PREMIADOS 2020

Os projetos premiados da edição 2020 do Prêmio Paulo Freire estão publicados neste caderno, conforme disposto nos itens 1.9 e 5.3 do regulamento. Os textos dos projetos são de responsabilidade dos respectivos autores.

Sumário

CATEGORIA I - EDUCAÇÃO INFANTIL

- 1º **LUGAR** Jongo: uma roda pela igualdade.....7
- 2º **LUGAR (empate)** Territórios Brincantes: revelando as múltiplas formas de ser criança no extremo sul - vivências com a infância guarani..... 20
- 2º **LUGAR (empate)** Saídas culturais – Ultrapassando os muros do CEI..... 27
- 3º **LUGAR** Viagem para África 32

CATEGORIA II – ENSINO FUNDAMENTAL I

- 1º **LUGAR** Mulheres que mudaram o mundo..... 44
- 2º **LUGAR** FRUVS 54
- 3º **LUGAR** Transformando vidas 67

CATEGORIA III – ENSINO FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO

- 1º **LUGAR** Um país chamado Grajaú: cartografia afetiva do bairro, sua história, personagens, coletivos e organizações sociais..... 78
- 2º **LUGAR** Abrindo portas com arte 87
- 3º **LUGAR** Sarau Heranças Afro: a ruptura do silêncio e o emergir de novas identidades 92

CATEGORIA IV – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

- 1º **LUGAR** Mundo do Trabalho..... 111
- 2º **LUGAR** Descolonizar os cotidianos (in)visíveis: culturas e povos indígenas na formação da cidade de São Paulo e da sociedade brasileira..... 120

3º LUGAR (empate) Encontro Brasil Angola - arte africana e afro brasileira da tradição à contemporaneidade	134
3º LUGAR (empate) EJA trabalhando cultura maker e robótica com sucata.....	144
Lista dos projetos inscritos	147

CATEGORIA I - EDUCAÇÃO INFANTIL

1º LUGAR

Projeto:

Jongo: uma roda pela igualdade

Unidade Educacional:

EMEI Nelson Mandela

Responsável:

Carolina Gitahy Hamburger

RESUMO DO PROJETO

O projeto “Jongo: uma roda pela igualdade” foi um percurso de pesquisa e investigação realizado por crianças de 4 e 5 anos para conhecer e vivenciar essa manifestação cultural. Teve como objetivo valorizar a cultura brasileira de matriz africana e promover representatividade. Por meio de diversas experiências e linguagens, as crianças tiveram a oportunidade de tecer uma teia de conhecimentos sobre o Jongo, a história do Brasil e a constituição de sua cultura.

JUSTIFICATIVA

A valorização da cultura brasileira de matriz africana é urgente em uma sociedade que, apesar de majoritariamente negra, discrimina, marginaliza e até criminaliza suas práticas. O racismo estrutural – a partir do qual a sociedade brasileira se constituiu e organizou – atravessa os sujeitos e seus processos de subjetivação desde a primeira infância. A forma como a cultura negra e seus/ suas representantes são apresentados, representados ou invisibilizados – tanto na escola como na mídia – pode determinar com que aspectos as crianças vão ou não sem identificar ao longo de seus processos de construção de identidades e referências.

O Jongo é uma manifestação cultural de matriz africana típica do sudeste

do Brasil. Trazida pelas/os africanas/os escravizadas/os das regiões da Angola e do Congo e ressignificada nas senzalas – e ao longo da história –, representa a resistência do povo negro e sua riqueza cultural.

Impedidos de se expressarem durante os dias de trabalho, se reuniam à noite, para afirmar suas existências e saudar sua cultura. Ancestralidade, circularidade, musicalidade, corporeidade e comunitarismo são valores expressos em cada roda de Jongo. O batuque dos tambores, os pontos entoados e os corpos dançantes mantêm viva a memória dessa luta e a potência dessa cultura.

A narrativa hegemônica sobre a história Brasil invisibilizou – ou deturpou – a luta das pessoas negras e seus papéis na formação cultural, intelectual, social, econômica e política nacional. Cabe a escola recontar essa história garantindo representatividade, valorizando a negritude e desconstruindo estereótipos.

Foi a partir dessas concepções que surgiram as motivações para a realização do projeto “Jongo: uma roda pela igualdade”:

- Difundir e valorizar aspectos da cultura afro-brasileira;
- Impactar positivamente a comunidade em relação à cultura afro-brasileira;
- Contribuir para a valorização da cultura negra e para a reparação dessa dívida histórica;
- Contribuir para a luta antirracista;
- Colocar em prática a lei 10.639/03;
- Promover a valorização da diversidade.

OBJETIVOS

Os objetivos do projeto foram selecionados do Quadro de Referências da EMEI Nelson Mandela. Esse documento é organizado em quatro eixos que pretendem garantir às crianças experiências diversas por meio das quais elas possam desenvolver diferentes potencialidades.

São eles: Ser, Conhecer, Fazer e Conviver.

EIXO SER: Promove situações em que a criança expressa os saberes, experiências e hipóteses que possui sobre determinado tema.

Objetivos selecionados:

- Expresse suas ideias, hipóteses e opiniões sobre uma questão apresentada;
- Organiza pensamento e fala participando de conversas coletivas;
- Elabore hipóteses sobre as suas investigações;

- Expresse os conhecimentos que já possui sobre uma prática corporal;
- Realize leituras da prática corporal e seus sujeitos praticantes;
- Pergunte e questione sempre que sua curiosidade aflorar.

EIXO CONHECER: Busca a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos que as crianças já possuem.

Objetivos selecionados:

- Aprenda a formular perguntas;
- Aprenda a realizar pesquisas e entrevistas;
- Explore diferentes territórios, dentro e fora da escola, em busca de respostas para suas indagações;
- Adquira autonomia para utilizar os diversos recursos tecnológicos;
- Convide familiares, outras educadoras e representantes para compartilharem seus conhecimentos sobre uma temática;
- Aprenda sobre as influências da História e Cultura Africana em nossas vidas;
- Aprofunde os conhecimentos que já possui sobre uma prática corporal;
- Amplie seu repertório sobre uma prática corporal;
- Recorra a representantes de práticas corporais para ampliar/aprofundar os seus conhecimentos sobre ela.

EIXO FAZER: Viabiliza experiências que contribuem para a estruturação dos saberes.

Objetivos selecionados:

- Crie formas de registros para suas vivências, ideias, hipóteses e conclusões sobre assuntos relacionados ao projeto;
- Construa suportes para a comunicação das suas ideias;
- Interaja com os elementos presentes em uma prática corporal;
- Experimente os movimentos da prática corporal estudada;
- Vivencie as práticas corporais.

EIXO CONVIVER: Aborda os conhecimentos construídos e ressignificados a partir dos demais eixos e como eles refletem nas interações e no compartilhamento de experiências sociais.

Objetivos selecionados:

- Ressignifique a prática corporal estudada a partir das experiências do grupo;
- Compartilhe com outras turmas/adultos/famílias os saberes construídos ao longo do projeto.

PÚBLICO-ALVO

Foram atendidas as 30 crianças de 4 a 6 anos da Turma Clementina de Jesus.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Leonardo Carvalho, Ana Cristina Godoy, Marina Basques, Alice Signorelli, Priscilla Lima, Ligia Chiavolella.

METODOLOGIA

O projeto “Jongo: uma roda pela igualdade” foi desenvolvida de acordo com as concepções do Currículo Cultural da Educação Física que foi objeto de estudo e formação das professoras nos anos de 2018 e 2019 para efetivação do trabalho com a Cultura Corporal na escola. Coaduna também com a metodologia de Projeto desenvolvida ao longo dos anos pela unidade e que é prevista no Projeto Político Pedagógico.

O Currículo Cultural “parte do princípio de que se a escola for concebida como ambiente adequado para discussão, vivência, ressignificação e ampliação da cultura corporal, será possível almejar a formação de cidadãos que identifiquem e questionem as relações de poder que historicamente impediram o reconhecimento das diferenças. Afinal, em uma sociedade democrática é importante indagar por que determinados esportes, brincadeiras, danças, lutas ou ginásticas são tidos como adequados ou inadequados”. (NEIRA, M. 2011)

Nesse sentido, o trabalho feito nessa perspectiva inicia-se a partir de um mapeamento sobre o que as crianças já sabem sobre determinada prática. Busca ampliar esses conhecimentos trazendo novas referências e se aprofundando em seus significados e suas formas de existir. Acaba por trazer novas significações às práticas de acordo com o potencial de criação das crianças e o que faz sentido para elas em determinado contexto.

Essa concepção está de acordo com a forma como é concebida o trabalho com Projeto na EMEI Nelson Mandela, que: 1) prevê a escuta atenta às crianças para a condução das atividades, 2) procura repertoriá-las com novos aprendizados sobre o mundo e elas mesmas, 3) proporciona que as crianças façam suas próprias leituras e significações sobre determinado

assunto, 4) estimula a reflexão e atuação no fazer social para o compartilhamento de saberes. A própria organização dos objetivos do Quadro de Referência nos Eixos Ser, Conhecer, Fazer e Conviver revela justamente essa forma de pensar.

Está previsto na Linha de Tempo o trabalho com a Cultura Corporal uma vez por semana. As atividades do projeto “Jongo: uma roda pela igualdade” se deu nesses momentos assim como em momentos dedicados às artes e a registros (atividades dirigidas realizadas a partir de uma comando nos cadernos das crianças).

Algumas ferramentas metodológicas utilizadas:

Rodas de Conversa: A Roda de Conversa acontece quando a professora deseja saber o que as crianças pensam sobre algum assunto ou quando traz novos dados sobre um assunto já tratado. Nesta proposta, a professora ouve as crianças e anota suas falas e reações, pois estas podem determinar os próximos passos do projeto.

Práticas Investigativas: Como uma forma de valorizar a busca pelo conhecimento e de colocar a criança no centro de seu processo de aprendizagem, em vários momentos do projeto são propostas diversas formas de pesquisas. Entrevistas dentro da escola e em seu entorno; pesquisas nos computadores, livros e revistas; pesquisas enviadas para casa, etc. Esta é uma forma de promover a autonomia das crianças, incentivando a pesquisa, envolvendo a comunidade e as famílias.

Vivências com Convidada/os: Em alguns momentos é pertinente trazer convidadas/os para promover vivências sobre temas relacionados ao projeto com as crianças. Podem ser especialistas de diversas áreas, familiares e responsáveis pelas crianças, educadoras/es da escola, etc. Essas ações também contribuem para a prática de uma comunidade educativa.

Momentos de Registro: A professora propõe atividade nas quais as crianças são convidadas a registrar de diversas formas os conhecimentos construídos. Pode ser por meio da expressão artística ou por meio do mundo letrado. São momentos de sistematização, apropriação e significação os novos saberes.

Festa: A festa que acontece anualmente é baseada nos temas dos projetos. É um momento importante para compartilhamento dos projetos com a comunidade.

CRONOGRAMA

FEVEREIRO: Conhecendo Clementina de Jesus

MARÇO: Música “Rainha Quelé”: “O que é Jongo?” – hipóteses das crianças; Registros das vivências e aprendizados – desenhos, pinturas, escritas, etc.

ABRIL: “O que é Jongo?” – Entrevistas na escola, na comunidade e pesquisa na internet; “Como é uma roda de Jongo?” – vídeo de roda de jongo; Registros das vivências e aprendizados – desenhos, pinturas, escritas, etc.

MAIO: Elementos dos Jongo – vivências com saias, tambores, fogueira, etc; Maio: A História do Jongo – Jogo baseado em informações de uma revista; Registros das vivências e aprendizados – desenhos, pinturas, escritas, etc.

JUNHO: O Jongo na literatura – leitura e apreciação de livro “Jongo”, de Sônia Rosa e Rosinha Campos; O Jongo em seus territórios -documentário social “Jongo”, da comunidade Jongo da Serrinha

JUNHO/JULHO: O Jongo por seus praticantes –Vivência com Jongueira Aninha e com Jongueiro Paulinho; O Jongo pelas crianças da Turma Clementina de Jesus– Elaboração de apresentação de coreografia e roda de Jongo; Registros das vivências e aprendizados – desenhos, pinturas, escritas, etc.

AGOSTO: Apresentação da Roda de Jongo na Festa da escola; Os pontos de Jongo pelas crianças da Turma Clementina de Jesus – Criação espontânea de pontos (canções de improviso).

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O disparador para a pesquisa sobre o Jongo se deu durante a investigação que as crianças estavam fazendo a respeito de Clementina de Jesus – a musa da turma. Para iniciar a investigação sobre Clementina, foi enviado um presente para a turmas: era um lenço, tal qual Clementina usava na cabeça, e um tambor acompanhados do escrito “Rainha Quelé”. Depois de levantar hipóteses acerca do significado desses presentes e de quem seria “Rainha Quelé”, propus uma pesquisa na internet e descobrimos que se trata de um apelido carinhoso atribuído a Clementina de Jesus. Nesse mesmo dia, tomamos conhecimento da música intitulada “Rainha Quelé”, de Dona Ivone Lara. Foi essa música que disparou o início do projeto “Jongo: uma roda pela igualdade”.

No decorrer da semana, depois de escutá-la diversas vezes, paramos para analisar sua letra com o apoio de um cartaz e destaquei uma estrofe que diz:

“Vejo a lua prateada, no terreiro de jongueiro, escutando a sua voz, praguejando o cativo”. Então questionei: “Alguém tem alguma ideia do que seja terreiro de jongueiro?”. Algumas respostas foram: “Eu acho que terreiro é onde as pessoas vive e fica tomando ar e fica brincando o dia inteiro”, “Eu acho que é casa”. Em seguida perguntei: “O que vocês acham que é Jongo, de jongueiro?”. Uma criança respondeu: “Jongo é tipo uma ginga. Tipo, ano passado eu aprendi com a prô Alice que é ginga. Eu acho que naquela época eles ginguavam.” Essa criança estabeleceu uma relação entre as palavras Jongo e ginga porque havia participado de vivências de capoeira no ano anterior.

Ao constatar que ninguém sabia ao certo o que era Jongo, perguntei o que poderíamos fazer para descobrir. As crianças que já estavam na escola no ano anterior e, portanto, já tinham familiaridade com a ação investigativa, disseram: “Temos que pesquisar!”. Sugeriram algumas formas de pesquisa: na internet, na sala de leitura, perguntando para as pessoas, entre outras. Decidimos fazer entrevistas, primeiro na escola e depois no entorno do bairro. A pergunta formulada pelas crianças foi: “Você sabe o que é o Jongo? E jongueiro?”.

Na escola, as respostas das pessoas que sabiam o que era o Jongo variaram entre: é uma dança, é uma dança de origem africana e é uma dança muito antiga. Na semana seguinte, fizemos a mesma pergunta para pessoas que transitavam no entorno da escola. Nenhuma das pessoas entrevistadas sabia o que era o Jongo. Nesse dia, uma criança falou: “Prô, a gente precisa contar pra todo mundo que é uma dança”. Respondi que realmente precisávamos contar para as pessoas sobre o Jongo, mas que antes era necessário sabermos mais sobre ele.

Dando continuidade à nossa investigação, propus uma pesquisa na internet. Fomos até a sala das professoras onde havia quatro computadores disponíveis. As crianças se revezaram em duplas e foram convidadas a digitar a palavra JONGO no campo de busca de imagens no Google. Quando apareciam as imagens, imediatamente as crianças identificaram: “É uma dança! Ô, prô, Jongo é uma dança!”. Conforme apreciavam as imagens, eu as provocava com perguntas do tipo: o que vocês estão vendo nessa imagem? O que mais chamou sua atenção nessa? Você já viu isso em algum lugar? Etc.

De volta à sala, perguntei para o grupo o que haviam descoberto durante a pesquisa na internet.

“Eu vi um monte de mulher dançando de vestido e saia”

“Eu vi na pesquisa do computador, aí eu vi uma criança dançando com um vestido e um tambor”

“Eu vi pessoas dançando em volta de uma fogueira”

“Eu vi todo mundo fazendo música”

“Eu vi com a Isabelly que a gente viu duas fotos, uma era colorida e a outra meio branca, aí era uma roda. Circular, circular.”

“Eu vi que tava descalça”

No encontro seguinte, mostrei imagens impressas selecionadas na pesquisa no Google. As crianças logo reconheceram as imagens e voltaram a apreciá-las. “Eu acho que esse tamborzinho aqui é da Rainha Quelé”, disse uma criança relacionando o tambor da roda de Jongo ao presente que haviam ganhado sobre a Clementina de Jesus. “Prô, por que eles tão dançando no meio? Prô!!! Eu tava certa, o Jongo é a capoeira!” concluiu a mesma criança que havia associado Jongo a ginga.

Propus que as crianças fizessem uma pintura inspirada no que tinham de referência sobre o Jongo até agora. Em suas produções, as crianças puderam retratar suas impressões sobre os elementos relacionados ao Jongo. Apareceram rodas, fogueiras, pessoas de saia, tambores. O passo seguinte da nossa investigação foi assistir a um vídeo de uma roda de Jongo. Durante uma conversa sobre o que haviam assistido as crianças compartilharam:

“Eu vi gente dançando. É tipo o samba! Porque é uma dança muito antiga”

“Eu vi pessoas tocando o tambor”

“Eu vi um homem e uma mulher dançando no meio da roda”

“Eu vi pessoas dançando com antiga de um tempo atrás. Girando, girando.”

“Eu vi que eles dançavam assim ó:”

O que era apenas imagens estáticas ganhou som e movimento. A partir dessa experiência, as crianças começaram a levar para o corpo as novas referências apresentadas na pesquisa associando-as com seus repertórios pessoais.

No encontro seguinte, na quadra, disponibilizei para as crianças os elementos do Jongo que haviam sido observados durante os momentos da pesquisa: saias de chita, tambores, fogueira (que construímos com galhos e papéis crepom). Propus que experimentassem esses elementos ao som de músicas de Jongo. A saia ganhou destaque. Todas as crianças quiseram vestir, dançar e girar para vê-la rodar. Durante essa vivência, uma criança disse: “Prô, parece o pagode! Minha mãe adora pagode. Pagode é tipo samba”.

Na semana seguinte, repetimos a vivência. Combinamos de dançar em roda no começo experimentando a maneira como havíamos observado no vídeo e nas fotos. Em seguida, as crianças foram convidadas mais uma vez a

registrar o que haviam vivido. Para isso, foram disponibilizados materiais de desenho, retalhos de chitas e galhos.

Após as pesquisas e vivências iniciais, em roda, lancei a pergunta: o que nós aprendemos até agora sobre o Jongo? As crianças listaram mais uma vez tudo o que já sabiam. No meio as falas, uma criança disse: “A gente acha que é uma dança africana, mas a gente quer ter certeza”. Dando ouvidos a essa fala, senti que era hora de aprofundar e ampliar os conhecimentos sobre o Jongo e as características dessa prática corporal.

Para isso, contei com o conteúdo de uma matéria da revista Ciências Hoje intitulada “Jongo, avô do samba”. Preparei cartões com as informações e imagens principais trazidas na revista. Dispus no centro da roda os elementos do Jongo que eles tinham vivenciado: saias, tambores, fogueira e coloquei cada cartão junto de um desses elementos. Antes de começar, contei para as crianças sobre a matéria e mostrei a revista. As crianças ficaram em volta da roda e, cantando uma música do Jongo, sorteiei algumas crianças. Cada criança sorteada escolhia um cartão para que eu lesse e mostrava para a turma. Depois, colamos os cartões em um papel craft para compor um cartaz.

As informações apresentadas nessa atividade, além de trazerem novos conhecimentos, conferiram sentido a muitas coisas que as crianças já haviam visto e vivido sobre o Jongo e também durante o projeto sobre Clementina de Jesus. Por exemplo, ao lerem o cartão que dizia que “Os africanos e as africanas escravizados/as vindos de regiões como ANGOLA e CONGO que desembarcaram no Rio de Janeiro e São Paulo trouxeram consigo a cultura da RODA DE JONGO” as crianças puderam associar essa informação à história da vinda das/os africanas/os para o Brasil que lhes foi contada pela Turma Dandara 1 durante a investigação sobre a vida de Clementina.

Com objetivo de acessar representações do Jongo em outras linguagens, fizemos a leitura do livro “Jongo”, de Sônia Rosa com ilustrações de Rosinha Campos. É um livro curto com bastante ilustrações que conta a história de um menino que, desde a barriga, vivia as rodas de Jongo. A leitura do livro foi feita em uma roda próxima ao nosso cartaz, dessa forma, foi possível estabelecer relações imediatas entre o que aparecia no livro e as informações contidas no cartaz. E também exibimos o “documentário social Jongo”, que retrata a comunidade de Jongo Dito Ribeiro, onde as crianças tiveram a oportunidade de ouvir e aprender sobre o Jongo a partir da fala de quem o vive.

Nessa toada, também convidamos a jongueira Aninha que no ano anterior havia feito uma vivência sobre ancestralidade com as professoras, para propor uma vivência com a turma.

Quando contei às crianças que receberíamos a visita de uma Jongueira elas ficaram muito animadas. Para nos preparar para essa visita, fizemos um levantamento dos conhecimentos acessados até então e depois as crianças elaboram perguntas que gostariam de fazer a ela.

“A gente ainda não sabia o que era o Jongo então a gente pesquisou e descobriu o que que era.”

“Era mulheres dançando descalças”

“Eu vi que tinha tambores e música tipo o samba”

“A gente foi lá fora e perguntou: você sabe o que é o Jongo?”

“Eu lembro que você trouxe aquela revista que tava escrito do ladinho: o avô do samba!”

“Eu vi a África ali!”

“A África é da onde os avô da Clementina veio. Mas não é África do Sul, mas é tipo África do Sul”

“Depois a gente viu os tambores aqui ó: o pequeno, o médio e o grande. Que nem tava fazendo aqui na África. Tava aqui na África os tambores”.

“Eu lembro daquele livro da Semente da África”

Ao final, as perguntas elaboradas para Aninha foram:

Onde as pessoas escravizadas trabalhavam?

No lugar onde você faz Jongo tem fogueira?

Você conhece a Clementina?

Você dança na roda de Jongo?

Por que as rodas de Jongo só podiam ser a noite?

No dia da visita, Aninha chegou caracterizada: de saia e descalça. As crianças logo apontaram para isso: “Por que você tá descalça?”, “Você tá de saia?”. Aninha explicou que o Jongo se dança descalça e a saia é um elemento importante para dançar. Sentada em roda, Aninha contou a história da vinda das/os africanas/os para o Brasil. Mais uma vez as crianças puderam reviver essa história já contada pela Turma Dandara. Dessa vez, contada da boca de uma Jongueira que relatou que, nessa vinda, elas/eles trouxeram o Jongo.

Nesse momento as crianças puderam associar essa informação a outro conhecimento construído durante a investigação sobre Clementina. Em determinado momento, depois de descobrir que seus avós vieram da África escravizados, nos questionamos: o que os avós da Clementina, e outras africanas

e africanos, trouxeram consigo para o Brasil? Concluímos que, as africanas e africanos, na época da escravidão, trouxeram consigo para o Brasil sua cultura e conhecimento. A partir dessa fala da Aninha, as crianças puderam associar o Jongo à cultura e ao conhecimento trazidos pelos africanos e africanas.

Em seguida, ela respondeu às perguntas elaboradas pelas crianças e depois sugeriu que vestissem as saias. Nesse momento, contou que a saia deve ser sempre vestida por cima da cabeça e nunca por baixo, pelos pés. Ensinou os passos do Jongo e explicou a importância de permanecermos sempre em roda. Disse que antigamente era preciso ficar em roda para proteger uns aos outros.

Consideramos que a vivência com a Aninha foi muito significativa em vários sentidos. Além dela apresentar mais informações sobre o Jongo e ensinar os passos a figura dela, mulher negra, em lugar de destaque, de autoridade da prática estudada é bastante importante quando queremos tratar a representatividade.

Na semana seguinte, a professora Cris, da Turma Dandara, que faz aulas de percussão e toca Jongo, sugeriu que eu convidasse seu professor para tocar e cantar com as crianças. Paulinho veio trazendo seu tambor. A professora Cris também participou da vivência. Ele apresentou para as crianças diversos pontos 2. Mostrou como é o ritmo no tambor e também os passos. Deixou que as crianças tocassem e dançaram com elas. O tambor e os pontos foi o que teve mais destaque dessa vivência. A partir desse dia, as crianças passaram a bater em tudo quanto é lugar (nas mesas, nas panelas do parque, nas pernas) e cantar as músicas aprendidas.

A vivência com o Jongueiro Paulinho se deu na última semana de aula em julho. Quando voltamos às aulas em agosto, tínhamos que preparar nossa apresentação para a festa que aconteceria na terceira semana. Passamos a nos dedicar a elaboração da nossa dança. As crianças decidiram criar uma coreografia para a música "Muriquinho Pequenininho", da Clementina de Jesus e, em seguida, fazer uma roda de Jongo com os passos que aprenderam com Aninha e Paulinho. Tomamos uma decisão importante de fazer nossa apresentação na calçada da escola, já que, quando fizemos a pesquisa no entorno da escola, ninguém sabia o que era o Jongo, tivemos a ideia de mostrar a todas e todos o que havíamos aprendido sobre o Jongo.

Durante o processo de elaboração da dança e dos ensaios, as crianças começaram, espontaneamente, a improvisar pontos com base naqueles apresentados por Paulinho.

“A Prô Cris é uma jongueira

Ela toca com o Paulinho

Ela toca com o Paulinho, Ai meu deus do Céu

Ela toca o tambor”

A apresentação no dia na festa foi um sucesso! Foi bastante emocionante para nós e para as crianças apresentar o resultado de um processo tão rico e significativo. As crianças estavam apropriadas e desinibidas. Dançaram e cantaram com propriedade. As famílias e a comunidade que assistiram à apresentação na calçada também se mostraram bastante comovidas. Foram convidadas a cantar e dançar junto das crianças.

Mesmo depois da festa, no decorrer do ano, em diversos momentos do dia as crianças dançavam e cantavam o Jongo. Às vezes pediam para que eu organizasse uma roda de Jongo, mas normalmente elas mesmas começavam a cantar e se aglutinar para dançar. Fazem desenhos que remetem ao Jongo e sempre que veem algo que os remete a essa prática, fazem questão de apontar. É evidente como foi um percurso significativo carregado de novos aprendizados e referências.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação dos resultados foi realizada de forma contínua ao longo do projeto por meio da: 1) revisitação constante à documentação pedagógica: planejamento, registro das falas das crianças, registros de observações realizadas no decorrer do semestre, etc; 2) análise das produções das crianças (desenhos, pinturas, escritas); 3) escrita dos relatórios (momento em que paramos para analisar o percurso individual percorrido por cada criança dentro no projeto coletivo); 4) conversa com a gestão e outros/as educadores/as envolvidos.

Posso afirmar que os objetivos foram alcançados. As evidências das aprendizagens alcançadas com o projeto se apresentam – tal como se devem nessa etapa da Educação Infantil – nas falas das crianças, em suas produções e nos retornos das famílias.

Ao longo do projeto, além dos momentos em que eu lançava questionamentos às crianças para saber sobre suas ideias e saberes, houve momentos de retomadas para mapear o que haviam aprendido até então. Falas como as a seguir evidenciam o aprendizado da turma:

“A gente ainda não sabia o que era o Jongo então a gente pesquisou e descobriu o que que era”

“A gente foi lá fora e perguntou: você sabe o que é o Jongo?”

“Era mulheres dançando descalças, de saia e com tambor”

“Eu vi que tinha tambores e música tipo o samba”

“Eu lembro que você trouxe aquela revista que tava escrito do ladinho: o avô do samba!”

“Depois a gente viu os tambores aqui ó: o pequeno, o médio e o grande. Que nem tava fazendo aqui na África. Tava aqui na África os tambor”

Nos momentos em que as crianças foram convidadas a registrarem seus saberes em desenhos, pinturas ou colagens suas aprendizagens também ficaram evidenciadas. Quando propus que registrassem a vivência com os elementos do Jongo, apareceram em suas produções os tambores, as saias, a fogueira. Quando pedia que as crianças falassem sobre os desenhos, suas narrativas também apontavam os conhecimentos adquiridos.

Outras evidências das aprendizagens ocorreram de forma espontânea, revelando o quão significativas foram para as crianças. Por exemplo, quando desenharam uma roda de Jongo na areia do parque e em seguida se organizaram para dançar. Ou quando começaram a inventar pontos de Jongo na sala.

Outras aprendizagens muito simbólicas foram aquelas que empoderaram as crianças e elevaram suas autoestimas. Essas se revelam em falas como:

“Sou uma guerreira igual a Dandara! Meu cabelo (crespo) é igual o dela!”

2º LUGAR (EMPATE)

Projeto:

Territórios Brincantes: revelando as múltiplas formas de ser criança no extremo sul - vivências com a infância guarani

Unidade Educacional:

EMEI Professor José La Torre

Responsáveis:

**Keila Cristina Rocha Carvalho, Nilma Ferreira Andrade e
Aline Oliveira Lemos Nepomuceno**

RESUMO DO PROJETO

Considerando a brincadeira como linguagem especial das crianças, foi realizada uma pesquisa acerca das diferentes maneiras de se vivenciar a infância no local da escola. A proximidade geográfica da aldeia indígena Tenondé Porã possibilitou a interação das crianças com modo de vida guarani, ampliando seus repertórios e rompendo imagens estereotipadas ligadas aos povos indígenas.

JUSTIFICATIVA

Nosso projeto nasce a partir da autoavaliação dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana 2018. Nesta ocasião constatamos que nossa articulação com o território, bem como nossas práticas pedagógicas voltadas à educação para as relações etnicorraciais eram pontos sensíveis em nosso Projeto Político Pedagógico. Em face desta constatação e, considerando a brincadeira como linguagem especial da infância, passamos a um trabalho de pesquisa acerca das diferentes maneiras de ser criança e experimentar a infância em nosso lugar.

Tal pesquisa revelou nossa proximidade geográfica com a aldeia indígena Tenondé Pora, território extremamente potente no que tange às suas singularidades culturais e que nos despertou para a necessidade de aproximar nossas crianças do modo de vida guarani, ampliando seus repertórios e possibilitando a ruptura com as imagens estereotipadas e estigmatizadas dos povos indígenas que até hoje encontramos na escola. No entanto, consideramos que seria relevante para este processo não apenas “visitar” a aldeia, numa incursão folclórica, mas efetivamente participar de momentos significativos para os pequenos, possibilitando momentos de troca de saberes e experiências entre crianças e educadores indígenas e não indígenas. Desta forma, nossa parceria com o CECI (Centro de Educação e Cultura e Indígena) foi o eixo para o desenvolvimento desta proposta.

A ideia central do projeto foi ganhando contornos mais definidos à medida em que os encontros foram acontecendo, de modo que a cada visita as crianças puderam explorar sentidos e linguagens por meio de atividades de artesanato, culinária, música e outras experiências ligadas às tradições e cultura do povo Guarani. Mediatizadas pela linguagem universal das infâncias - a brincadeira- as crianças construíram inúmeros conhecimentos acerca de si, do outro, dos elementos naturais e do território, assumindo protagonismo neste processo, que lhes oportunizou vivências carregadas de valores como empatia, solidariedade e respeito às diferenças, etc.

Algumas ações como planejamento, encontros formativos entre os professores de nossa Unidade e educadores indígenas e com as famílias precederam as visitas, que ocorreram entre os meses de abril e novembro. Acreditamos que o projeto Territórios Brincantes representa um marco identitário de nossa Unidade, que se propõe a trabalhar na perspectiva da Educação Integral, compreendendo a complementaridade da Educação formal, informal e não formal e a necessidade de ampliarmos as experiências educativas para além dos muros da escola.

Assim, identificamos as particularidades, possibilidades e potencialidades de um trabalho que se articule com nosso território e reafirmamos nosso compromisso com uma Educação Infantil, que considere nossos pequenos como sujeitos de direitos, inclusive direito de acesso à cidade.

O desenvolvimento do projeto também oportunizou o reconhecimento do trabalho coletivo como premissa para nossos fazeres e representou a legitimação de ações que se constroem alicerçadas na concepção de que

nos educamos ao longo de toda a vida, nos mais diversos espaços, tempos e com as mais diferentes pessoas.

Acreditamos que essa é a perspectiva de trabalho que se compromete com o desenvolvimento das dimensões afetivas, cognitivas, sociais de nossos pequenos, compreendendo-os como sujeitos integrais e plurais.

Assim, a realização do projeto em pauta justifica-se pela necessidade de responder às demandas apresentadas por nossa comunidade escolar, bem como de fomentar a ruptura com estereótipos, ampliando repertórios e possibilitando a construção de conhecimentos, valores e experiências, entendidas como primordiais no contexto de uma Educação Infantil, comprometida com a descolonização do Currículo.

OBJETIVOS

- Possibilitar um intercâmbio de brincadeiras entre as crianças de nossa unidade escolar e as crianças matriculadas no CECL, promovendo um exercício de alteridade e empatia;
- Conhecer aspectos de uma cultura diferente;
- Mapear e experimentar práticas de sustentabilidade promovidas no território indígena;
- Registrar as interações entre as crianças, conferindo visibilidade às infâncias;
- Promover rupturas no que tange as representações sobre o que é ser indígena no contexto urbano;
- Oportunizar práticas que contemplem corpo, gesto e movimento por meio da brincadeira, linguagem universal da infância.
- Fomentar a troca de experiências entre educadores indígenas e não indígenas, refletindo e compartilhando práticas pedagógicas na perspectiva da Educação Integral;
- Fortalecer os vínculos entre escola e famílias.

PÚBLICO-ALVO:

O projeto envolveu as 12 turmas da Unidade, contemplando cerca de 420 crianças, com idade entre 4 e 5 anos, matriculadas nos agrupamentos de Infantil I e II.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Equipe docente: Andreza dos Santos Gomes Muza Soares, Avani Domingos de Sousa, Cláudia Regina Geraldo da Silva, Jacilene Marques de Paula, Kátia das Neves Gervásio, Lourdes Mercês Assis Souza, Neuci Meire da Rocha, Sandra Regina dos Santos de França, Vera Lúcia do Carmo Melo.

Equipe de apoio: Agda Ragoni Christe, Arlete Aparecida Ragoni Christe, Fabiana C. Muzzo.

METODOLOGIA

A metodologia empregada durante todas as etapas de planejamento e execução do projeto buscou pautar-se em uma prática dialógica, comprometida com a escuta, com a pesquisa e com a valorização da autoria e do protagonismo de crianças e educadoras, em consonância com os pressupostos contidos no Currículo da Cidade- Educação Infantil.

Desta maneira, apresentamos a seguir os procedimentos metodológicos norteadores de nosso trabalho:

1. Diagnóstico- nesta etapa, por meio da aplicação dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, constatamos a necessidade de fortalecer nossa articulação com o território, sistematizar e aprimorar as práticas de educação para as relações etnicorraciais;
2. Construção do Plano de Ação- de posse dos dados obtidos na avaliação dos Indicadores, a equipe gestora dedicou-se a construir um plano de trabalho para a intervenção e melhoria das questões apontadas, compartilhando a proposta com quadro docente, que apresentou ideias, sugestões e possibilidades para a implementação;
3. Promoção de ações de articulação com as lideranças indígenas- nesta fase, a equipe gestora (Diretora, Coordenadora Pedagógica e Assistente de Direção) buscou a aproximação com o território guarani, expondo a proposta de trabalho, que foi acolhida e ganhou importantes contribuições;
4. Diálogos entre educadores indígenas e não indígenas- nesta etapa, consideramos a relevância de promover encontros de educadores das duas unidades (EMEI e CECI) a fim de possibilitar a troca de experiências, saberes e concepções acerca da educação de crianças pequenas.

Neste momento foi construído o cronograma de visitas de nossos educandos à Aldeia e das crianças guarani à nossa Unidade.

5. Rodas de conversa com as crianças e famílias- todas as visitas foram precedidas por reuniões com os responsáveis das crianças, de modo a conhecer seus significados e representações sobre os povos indígenas: buscamos recuperar as memórias escolares, debater sobre o que conheciam a respeito da Aldeia Tenondé Porã, bem como convidá-los a participar das visitas programadas; Com as crianças, este processo também ocorreu, de maneira lúdica, visando possibilitar a ruptura com imagens estereotipadas dos povos indígenas;
6. Visitas à Aldeia- nesta fase cada uma de nossas 12 turmas pode conhecer o território indígena e participar ativamente de um intercâmbio- os educadores e crianças guarani propuseram uma série de experiências aos nossos pequenos: culinária, artesanato, brincadeiras tradicionais da cultura guarani, exploração do território, plantio de hortaliças, visita à Casa de Reza, música, dança, etc. Ainda nesta dinâmica, os educandos do CECI visitaram nossa escola, sendo acolhidos por nossas crianças e convidados a participar de suas atividades preferidas: vivências no parque, pintura coletiva, confecção de massa de modelar, produção de biscoitos, etc.

CRONOGRAMA

O projeto foi desenvolvido no período compreendido entre março e dezembro de 2019, considerando as etapas a seguir:

Março - visita da equipe gestora à Aldeia Tenondé Porã, a fim de propor a parceria para o desenvolvimento do projeto;

Abril - visita dos educadores indígenas à EMEI, com participação em nossos horários coletivos de formação;

De Abril a Novembro - visitas das crianças da EMEI à Aldeia Tenondé Porã- em virtude do número elevado de educandos em nossa Unidade, e, por sugestão das lideranças indígenas, organizamos a visita de uma turma por vez, de modo a ampliar as possibilidades de intercâmbio com as crianças guarani, bem como favorecer a exploração do território e suas potencialidades. É importante destacar que antes de cada visita, a equipe gestora promoveu reuniões com as famílias dos pequenos, com o objetivo de explicitar os objetivos do projeto e convidar os responsáveis pelas crianças a nos acompanhar nas visitas;

Maio e Setembro - visita das crianças guarani à EMEI;

Dezembro - atividades de encerramento do Projeto.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

A primeira etapa do projeto consistiu na visita da Equipe Gestora ao CECI Tenonde Porã, de modo a consolidar a parceria. Na sequência foram promovidos diálogos entre educadores indígenas e não indígenas, alterando os espaços de encontro entre a aldeia e a EMEI Professor José La Torre, com o objetivo de possibilitar trocas sobre experiências pedagógicas e intencionalidades educativas. Nestes encontros construímos ainda o cronograma de visitas ao CECI e definimos as datas para que as crianças guaranis pudessem conhecer nossa escola.

Em seguida, convidamos as famílias para conversar sobre suas representações sobre os povos indígenas na atualidade, recorrendo às memórias escolares para debater sobre a necessidade de romper com estereótipos e estigmas. Nossas crianças participaram também de rodas de conversa sobre esta temática e realizaram as visitas para promover o intercâmbio de brincadeiras.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação dos resultados foi realizada de maneira contínua, observando o alcance dos objetivos, bem como seus desdobramentos no cotidiano da Unidade Escolar.

Consideramos que os objetivos elencados inicialmente foram atingidos de maneira muito satisfatória, visto que crianças, famílias e educadoras puderam ressignificar suas concepções acerca dos povos indígenas de nosso lugar, além de vivenciar propostas ancoradas na perspectiva da Educação Integral.

No âmbito das práticas pedagógicas, observamos que as docentes passaram a considerar a importância de implementar propostas educativas que coloquem a criança no centro do processo, reconhecendo suas potencialidades, singularidades e anseios.

A experiência de Educação Guarani também nos trouxe reflexões importantes acerca da necessidade de reorganização dos tempos e espaços em nossa escola, de modo que as crianças possam ter a oportunidade de vivenciar a pesquisa, a investigação e a formulação de hipóteses. Um exemplo de materialização destas reflexões foi a construção de nossa Horta Escolar, que

contou com a participação das famílias e outros parceiros do território.

Outro aspecto importante no que tange ao reconhecimento das ações desenvolvidas durante a realização do projeto em pauta, foram as premiações recebidas no ano de 2019: Prêmio Territórios (Instituto Tomie Ohtake) e 7o Prêmio de Educação em Direitos Humanos (SMDH), que destacam o potencial de promoção da equidade, a articulação com o território, o direito à cidade e o respeito à pluralidade de infâncias e modos de ser criança na cidade de São Paulo.

Em síntese, consideramos que o projeto Territórios Brincantes impactou toda a comunidade escolar, transformando olhares e aprimorando nossa escuta das vozes infantis, configurando-se, portanto, como um importante marco de nossa identidade.

DEPOIMENTOS

“O espaço traz muitas coisas boas, não só para os adultos, mas também para a criança. Se você levar a criança em uma sala, ela vai ficar alguns minutos e depois ela vai se irritar, não vai querer ficar. Se a gente levar num espaço que tem árvores, que tem passarinho, tem um grupo que já vai descobrir coisas novas ali, outro grupo já vai inventar novas brincadeiras...então, a gente tem que dar esse tempo para a criança”

Isaque Karai Jeguaka, educador do CECI Tenondé Porã

“Nós fizemos colar, brincamos de onça e fizemos música. Na brincadeira de onça, a onça pega o pintinho e o pintinho vira onça”

Samuel, criança da Turma 6E-2019

“Cheguei em casa e mostrei pra minha mãe tudo que tinha pra mostrar. Aí eu pensei: Ainda bem que minha mãe deixou eu ir pra lá!!! (Aldeia)”

Eduarda, criança da turma 6F-2019

2º LUGAR (EMPATE)

Projeto:

Saídas culturais – Ultrapassando os muros do CEI

Unidade Educacional:

CEI Vereador João Toniolo

Responsáveis:

**Maria Josineide Alves Severo
e Job Menezes de Souza Junior**

RESUMO DO PROJETO

O projeto Saídas Culturais realiza visitas das crianças a territórios de Educação, Saúde e Cultura do entorno do CEI e demais territórios, sendo essas saídas, na maioria das vezes, relacionadas com atividades de aprendizagens das crianças desenvolvidas durante o ano na U.E.

As experiências também são trazidas para dentro do CEI o que garante a participação de todas as crianças durante todo o ano.

Esses espaços e atividades são utilizados com o propósito de interação com a comunidade local, oferecer as crianças o contato com a cultura local e o conhecimento cultural acumulado historicamente, hábitos e costumes garantindo dessa forma o direito a cidadania, ocupação desses territórios e existência como sujeitos que habitam, vivem, experimentam, aprendem, se comunicam e se relacionam entre si, com os adultos e com o meio. Durante o ano letivo, as crianças participaram de atividades culturais apresentadas nas bibliotecas do entorno (Biblioteca Afonso Schmidt, T. Hales Castanho de Andrade), visitaram parques (Zoológico, Parque da Água Branca), feiras livres, praças (Largo da Matriz da Freguesia do Ó), EMEI vizinha (25 de Janeiro), além de vivenciarem, dentro do CEI, a presença de teatros, oferecidos por SME, pela U.B.S, pelas crianças da EMEF Profª Caira Alayde Alvarenga Medéia, apresentação musical pelas crianças da EMEF

Maria Aparecida Rodrigues Cintra, Circo das EMEFs do Jaraguá, apresentação dos cães da GCM, entre outras experiências.

JUSTIFICATIVA

Saídas Culturais – Ultrapassando os muros do CEI entendemos que a cidade e a comunidade são espaços de convivência e aprendizagem, dentro desse contexto levamos as crianças a conhecerem espaços culturais e sociais fora do CEI que estão diretamente relacionadas às atividades e Projetos desenvolvidos durante o ano.

Visitas a parques no entorno ou mais distante, praças, feira livre, EMEI, Bibliotecas Municipais do entorno, U.B.S., bem como trazemos para dentro da escola experiências sociais e culturais vinda de fora (contadores de histórias, teatro, GCM com os cães guardas, palhaço, brinquedos diversos etc.).

Esse Projeto se relaciona com culturas populares, circo, teatro, contação de histórias, experiência com a natureza, hábitos e costumes.

OBJETIVOS

Nosso objetivo é de exploração do território como espaço de aprendizagens por meio das interações como forma de estar no mundo tendo a linguagem artística, e as práticas culturais e sociais como recursos, experiências e experimentações de aprendizagens e desenvolvimento das crianças e bebês.

Nesse contexto percebemos que as crianças e bebês se voltam para o convívio com o outro e com o meio participando como sujeito, um ser que pertence e ocupa e com essa ocupação interfere, torna-se visível e dessa forma chama a atenção para seu momento vivido no presente naquilo que elas são e não necessariamente naquilo que virão a ser. Ocupando os territórios como forma de resistência, de existência. Ocupando para ouvir e ser ouvido para ver e para ser visto.

PÚBLICO-ALVO

Todas as turmas que atendemos no CEI. BI, BII, Mini Grupos I e Mini grupos II, famílias, Equipamentos sociais de educação, saúde e cultura e comunidade em geral.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Andrea Nagy Araújo, Edna Natividade Da Conceição, Elaine Cristina Dos Santos Molesin, Maria Rogeria De Lima, Raquel Aparecida Dinis Silva, Tania Jussara David, Tatiane Da Cruz Sprovieri, Vilma Aparecida Martins, Maria Cecilia Cabral, Maria Cecilia Pereira Da Fonseca, Marisa Cruz Cobuci, Meg Massari Sampaio, Natalia Toniatti Rosa, Niris Katyane De Lacerda Pessoa, Quenia Moreira Da Silva E Silva, Raquel Maciel Reis, Simone Coelho Dos Santos, Vanessa Rodrigues Troncoso, Christine Polonio, Lais Vieira Da Silva, Sheila Carla Gonçalves, Paula Teresa M. Blasizza e Solange Cristian Jesus dos Santos.

METODOLOGIA

Levamos as crianças aos territórios de cultura, lazer, educação e de convívio e também trazemos à escola grupos artísticos diversos (alunos de outras escolas, Cães da GCM, teatro, contadores de histórias, músicos, circo e etc.)

CRONOGRAMA

Essas experiências normalmente iniciamos a partir de abril, pois antes disso nosso investimento é no acolhimento das crianças e famílias que ingressam no CEI e dos demais que também necessitam de um tempo para consolidar o vínculo com as novas professoras e os novos colegas de turma e finalizamos no mês de dezembro, normalmente com uma Festa de Confraternização e Exposição dos Trabalhos desenvolvidos durante o ano e nesse dia sempre trazemos alguma apresentação cultural para as crianças e famílias.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Nessas saídas aproveitamos e levamos as crianças na EMEI 25 de Janeiro que é nossa vizinha, pois entendemos que deve haver um rito de passagem das crianças que estão saindo do CEI e indo para a EMEI. Nem todos irão para essa EMEI especificamente, mas já vamos anunciando de forma cuidadosa e apresentando um novo espaço que ele irá vivenciar nos próximos anos.

Esse contato é bastante interessante, porque lá encontramos as crianças

que já frequentaram nosso CEI que conhecem as crianças que lá estão chegando e nos recebem de braços abertos.

Na visita que fazemos a feira também aproveitamos para comprar frutas e no CEI fazer uma salada de frutas com a nutricionista da UBS Cruz das Almas, por meio o Programa Saúde Escola, nesse contexto aproveitamos e trabalhamos um outro Projeto que desenvolvemos que é alimentação saudável e nesse dia a sobremesa oferecida no almoço é a salada de frutas feitas pelas crianças.

Temos duas Bibliotecas Municipais no entorno, a Biblioteca Afonso Schmidt e a Biblioteca Thales Castanho de Andrade, mensalmente a partir de abril, a depender da programação, levamos as crianças para assistir aos Eventos Culturais nesses territórios, algumas vezes vamos brincar na Praça do Largo da Matriz (brincadeiras de rua), a depender da Programação da Casa de Cultura Salvador Ligabue lá também é um espaço que já participamos de atividades, visita ao Parque da Água Branca, visitas ao Zoológico (fazemos anualmente com as crianças do Mini Grupo II).

Temos parceria com as EMEFs Maria Aparecida Rodrigues Cintra (vizinha) e Profa. Caíra Alayde Alvarenga Medea, ambas da Freguesia do Ó que com suas crianças e professores através dos Projetos Mais Educação trazem suas crianças em Eventos que fomentamos na escola e EMEFs da Diretoria da Pirituba/Jaraguá que trazem as crianças para fazer apresentações circenses em nossa escola.

Tudo isso é possível porque temos a parceria com os transportadores que levam e trazem as crianças para a escola, diariamente, e que nesses eventos, nos doam seu tempo e o transporte para que possamos oferecer essas experiências as crianças, já as visitas mais distantes utilizamos ônibus oferecidos pela DRE da Freguesia/Brasilândia.

Também fazemos algumas visitas a pé. A feira, a EMEI e na UBS sempre fazemos a pé, às Bibliotecas já fomos a pé com a ajuda da CET e algumas vezes da GCM.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados são excepcionais. É visível nas crianças autonomia que elas ganham, o quanto sua autoestima se eleva ao perceber a possibilidade de ir e vir, suas conquistas, pois é comum ser a primeira vez que sai sem seus pais.

A alegria de fazer algo diferente da rotina diária. Experimentar sair de ônibus, perua, a pé, com GCM nos acompanhando, CET parando os carros na faixa de pedestres para passarmos.

É uma verdadeira descoberta e potência que as crianças ganham e quando os eventos são na escola percebemos que eles aprendem novas possibilidades de ser e estar no CEI.

3º LUGAR

Projeto:

Viagem para África

Unidade Educacional:

EMEI Dona Maria de Lourdes Coutinho Torres

Responsáveis:

**Lindalva Isabel da Silva Borges,
Sirlene Socorro da Dalto de Souza e Anadelia Silva Picolo**

RESUMO DO PROJETO

Através da proposta lúdica de “uma viagem para África” as crianças tiveram a oportunidade de ampliar seu repertório, desconstruir estereótipos e conhecer a circularidade e a riqueza da diversidade cultural, geográfica, histórica, artística e literária dos povos africanos, bem como o reconhecimento de suas contribuições e influências na pluralidade da cultura brasileira e toda experiência humana se criando uma imagem positiva dos povos africanos e afro-brasileiros.

JUSTIFICATIVA

“A educação modela as almas e recria os corações. Ela é a alavanca das mudanças sociais” (Paulo Freire)

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), as instituições de Educação Infantil devem garantir condições para um trabalho que assegure às crianças o reconhecimento, a valorização, o respeito, as interações e as culturas africanas, afro brasileiras, bem como o combate ao racismo e a discriminação.

Segundo a Professora Doutora Maria Aparecida Silva Bento (2012), as

duas características decisivas que contribuem para o processo de formação da identidade das crianças são a relação que estabelecem com seus corpos e a relação que estabelecem com o grupo ao qual pertencem. Assim, para se construir uma história de respeito e valorização de todos os tipos físicos após tantos anos de discriminação racial se faz necessário: “repensar as práticas pedagógicas na Educação Infantil, rever os espaços, os materiais, as imagens, as interações, a gestão, e incluir como perspectiva a igualdade racial – o que certamente produzirá um movimento em que muitas ações e atitudes serão reformuladas, ressignificadas e outras, abandonadas. Um olhar atento ao que vem acontecendo nessa etapa em relação ao tema ora tratado – igualdade racial – será benéfico para as crianças negras, para as crianças brancas e para o futuro do País.”

Nessa perspectiva, na escrita da carta de intenções para o trabalho junto às crianças em 2019, foi descrita a seguinte intencionalidade:

“Sabendo que nossas crianças estão em processo de construção de identidade e este também se dá pela oferta de elementos culturais ao qual têm acesso, penso que é importante oportunizar a elas propostas de trabalho em que se possa reconhecer, discutir e valorizar a diversidade étnico racial, atendendo às leis 10.639/03 e 11.645/08. Apresentando e explorando assim, elementos das culturas africana, indígena e imigrante. Como brinquedos e brincadeiras, danças, músicas, culinária, adereços, roupas, livros e histórias que trabalhem a representatividade desses povos etc.” (Professora Lindalva I. S. Borges)

Assim sendo, a proposta de um trabalho com a Educação para a relações étnico raciais já fazia parte de nossas intencionalidades com as crianças para este ano. Pois, para além de atender uma legislação, que nos orienta, compreendemos que o trabalho com essa temática se faz necessário no sentido de oferecermos aos nossos pequenos a oportunidade de conhecerem outras formas de cultura e conseqüentemente outras formas de ver e se colocar no mundo, visando romper com as discriminações, preconceitos e propiciar para todos variados modos de convivência.

Desse modo, nosso projeto surgiu da escuta atenta de um grupo de crianças que brincavam no parque de nossa EMEI, quando uma delas comentou: “Sabiam que minha avó já foi para África?”. E ao ser questionada, sobre o que sua avó encontrou por lá, ela e as outras crianças, que muito interessadas pelo assunto, logo descreveram as savanas e os animais que existem no continente. Assim, as crianças foram compartilhando informações e saberes que têm adquirido dentro e fora da escola. Nesse contexto, com a proposta de conhe-

cermos o que mais existe por lá, foi lançado o convite que deu nome ao nosso projeto: “Viagem para África”.

O diagnóstico inicial foi de que as crianças, assim como a maior parte da população brasileira, possuem um conhecimento estereotipado do continente africano, o reduzindo as suas savanas, animais, quando não o associando a pobreza e miséria, refletindo assim, no preconceito e discriminação aos povos africanos e afro-brasileiros o que contribui e faz perpetuar o racismo estruturado em nossa sociedade.

A escrita nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, no livro “O perigo de uma história única” (adaptação de sua palestra no programa TED TALK em 2009), apontou que dentre todos os prejuízos causados por uma única versão que uma história pode trazer, ela afirma: “mostre um povo como uma única coisa, como somente uma coisa, repetidamente e será o que eles se tornarão”. Para a autora, da mesma forma que as histórias contadas por única ótica podem destruir a dignidade de um povo, se contadas através de diferentes narrativas, também poderão reparar essa dignidade perdida.

E com a proposta de que as crianças pudessem ampliar seu repertório, desconstruir estereótipos e conhecer a riqueza da diversidade cultural, geográfica, histórica, artística e literária dos povos africanos, bem como suas contribuições científicas, tecnológicas, sociais, políticas e intelectuais no desenvolvimento da humanidade, foram organizados um conjunto de práticas e metodologias que pudessem contribuir para a reconstrução da imagem da participação digna e ativa dos povos africanos em todas as dimensões da experiência humanidade, reconhecendo sua contribuição e também sua influência na pluralidade da cultura brasileira.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica: diversidade e inclusão (2014) A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, a relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural em pluriétnica, capazes de construir uma sociedade mais justa e democrática.

Dessa forma, este projeto procurou abrir caminho na construção de uma educação antirracista que deve promover ações que mexam nas estruturas institucionais e sociais, de forma a reverberar no combate e o enfrentamento ao racismo e todo seu legado de desigualdades e injustiças sociais.

OBJETIVOS

- Ampliar o repertório, desconstruir estereótipos e conhecer a riqueza da diversidade do continente africano;
- Apresentar e resgatar a história e cultura dos povos africanos e afro brasileiro;
- Possibilitar que as crianças possam manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida, possibilitando ações em que cada uma possa se reconhecer como sujeito histórico, construir-se como pessoa, transformar o mundo e fazer cultura e história em sua comunidade local (Paulo Freire, 2006)
- Vivenciar a interculturalidade necessária para a formação da cidadania e da vida em comum;
- Vivenciar experiências diversificadas (por meio de jogos, brincadeiras, culinária, filmes, músicas, dança etc.) que valorizem e expandam os conhecimentos sobre outros povos e culturas;
- Construir imagens positivas sobre a diversidade das características físicas e culturais que compõe nosso povo;
- Dar acesso às crianças ao conjunto de saberes e conhecimentos que lhes permitam respeitar e valorizar as diferenças e acolher a diversidade étnico racial em seu processo de formação de identidade;
- Propor as crianças experiências e vivências que as levem ao reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação com as culturas africanas e afro-brasileiras bem como o combate ao racismo e a discriminação.

PÚBLICO-ALVO

84 crianças de 5 e 6 anos (3 turmas de Infantil II)

METODOLOGIA

O presente projeto partiu da concepção de que a construção do conhecimento deve acontecer através de uma metodologia dialógica em que a partir da escuta prestada à criança o educador deve problematizar, organizar e sistematizar experiências que promovam vivências em que a criança possa ser sujeita de sua aprendizagem e nesse processo possa desenvolver habilidades

de aprender a conhecer, fazer, ser e conviver. Este trabalho se deu:

Promovendo a escuta às crianças através de rodas de conversa e assembleias onde foi possível se acolher as questões que emergiam de suas observações, bem como suas teorias, hipóteses, conhecimentos prévios e saberes sobre o continente africano.

Em todas as etapas do projeto foram propostas atividades em que as crianças pudessem produzir registros de suas hipóteses, reflexões, descobertas e aprendizagens através de desenhos, modelagens, colagens, construções e narrativas.

O caráter lúdico da proposta de uma “viagem para África, nos permitiu transitar pelos diversos campos de experiências, propostos pela BNCC, de forma a construir junto com as crianças diferentes contextos de aprendizagem. Pois, durante o desenvolvimento do nosso projeto, as crianças não só ampliaram seus conhecimentos sobre a África e seus povos, como também passaram a usar o tema como enredo para suas brincadeiras de “faz de conta”, rotineiramente reuniam objetos, adereços e comentavam que estavam indo para África misturando a essa fantasia elementos reais daquilo que puderam aprender durante o projeto.

Também foram utilizadas outras ferramentas de registro como instrumentos que revelassem diferentes momentos do desenvolvimento de nosso projeto como fotografias, vídeos, cartazes, murais. Somados aos registros individuais (portfólios, relatórios avaliativos) e coletivos das crianças que formaram a memória pedagógica de nosso trabalho.

CRONOGRAMA

06 a 10/ 05/ 2019 - Rodas de conversa para levantamento dos saberes e conhecimentos prévios das crianças sobre o continente africano e o que gostariam de aprender sobre a África;

11/06/ 2019 - Roda de conversa com a Dona Conceição (avó da “Mirely”);

13/ 05 a 30/ 11/ 2019 - Atividades de produção artísticas individuais e coletivas;

05 a 11/ 2019 - Rodas de músicas e brincadeiras cantadas;

20 a 30/ 05/ 2019 - Elaboração do roteiro de viagem;

29/08/ 2019 - Sessão de cinema na escola: Filme Pantera Negra

12/ 09/ 2019 - Viagem para África e Festa africana;

12/11/ 2019 - Visita do escritor e contador de histórias nigeriano Ikechukwu Sunday;

26/ 11/ 2019 - Participação do festival literário e infantil “Folhas de Baobá”, promovido na Câmara Municipal de São Paulo;

02 a 06/ 12/ 2019- Intercâmbio com escola angolana.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Rodas de conversa: para levantamento de conhecimentos prévios da turma sobre a **África e para registro das expectativas de aprendizagem das crianças, partindo da ludicidade da proposta de que “Se vamos para África, o que precisamos saber sobre lá?”**. Surgiram então dúvidas e questionamentos muito pertinentes como:

- Será que é muito longe?
- Como vamos fazer para chegar lá? (fazendo menção ao meio de transporte)
- Que língua eles falam lá?
- Será que na África faz frio ou calor?
- Que animais vivem por lá? Será que eles andam pelas ruas?
- O que as pessoas costumam comer por lá?
- Será que lá tem escolas?

Todas as dúvidas, teorias e os conhecimentos prévios das crianças foram registrados em um cartaz (professora como escriba) para que pudéssemos fazer os devidos encaminhamentos para que a nossa “viagem” fosse feita.

Roda de conversa com a Dona Conceição: A turma resolveu convidar a avó da colega que fez o comentário que disparou nosso projeto. Dessa forma, as crianças discutiram e refletiram sobre as características da escrita do gênero “convite” na elaboração de um convite que foi enviado para ela. Assim, Dona Conceição (avó de Mirely), muito gentilmente aceitou nosso convite e durante sua visita nos relatou que na verdade ainda não havia ido para a África, mas assim como nós alimentava um grande sonho de conhecer o continente. Sua visita foi muito enriquecedora, pois ela compartilhou histórias, fotos e curiosidades das viagens que tem feito pelo Brasil como missionária de sua religião. As crianças ficaram encantadas com as histórias sobre a Amazônia.

Curiosidade sobre as línguas faladas no continente africano: As crianças manifestaram muito interesse em aprender quais as línguas faladas no continente africanos e este tema fez parte de algumas de nossas pesquisas. Ao descobrirem que muitos países falam inglês ficaram encantadas e compartilharam seus saberes sobre a língua como nomes de algumas cores, animais, alimentos e até expressões.

Atividades de produção artísticas individuais e coletivas: Durante todo o projeto as crianças foram convidadas a produzirem registros através de desenhos de imaginação e observação, esculturas, painéis, estamparias, etc. Buscando influência nas matrizes artísticas africanas como máscaras, pinturas, esculturas e estampas de simbologia como os “Adinkras”. A exposição dessas produções passou a aguçar a curiosidade e o encantamentos das outras turmas (6 A e 6 B) de tal forma que ao compartilharmos com elas o que estávamos aprendendo sobre a África elas pediram para “embarcar” com a gente nessa viagem também. Essa parceria passou a enriquecer ainda mais nosso projeto, pois as outras turmas passaram a trazer mais informações e curiosidades sobre a África produzindo e tecendo juntas uma grande teia de saberes e conhecimentos.

Rodas de músicas e brincadeiras cantadas: Foi incluída na rotina das crianças uma roda de músicas semanal, com canções africanas e de músicas, ritmos e brincadeiras músicas brasileiras de origem e influência africana.

Leitura de histórias: Foram apresentados para as crianças livros com histórias africanas como lendas e/ou histórias contadas e criadas por autores africanos e brasileiros e que dialogam com a temática étnico racial.

Leitura e apreciação do globo terrestre e do mapa do continente africano: Nossas salas de referência passaram a contar com o mapa do continente onde as crianças se apropriaram de tal maneira deste que passaram a ser capazes de localizar alguns países que já conheciam pelo nome. O mapa também era frequentemente utilizado pelas crianças como recurso para suas brincadeiras de “faz de conta”, quando brincavam de viajar para África.

Elaboração do roteiro de viagem: A turma elaborou um roteiro de viagem com os nomes dos países que queriam conhecer e qual o atrativo desses países. Um exemplo, foi a escolha da ilha de Madagascar que segundo nossas pesquisas possuem uma floresta de “baobás”, as árvores gigantes que causaram muito encantamento em todos nós.

Visita de um escritor e contador de histórias africano: Recebemos a visita do escritor nigeriano Ikechukwu Sunday, que além de contar histórias narradas por ele em seus livros, também participou de uma roda de conversa com as crian-

ças contando curiosidades sobre seu país e sua infância lá na África. As crianças também aprenderem a cantar e dançar algumas músicas folclóricas africanas no idioma ioruba.

Viagem para África e Festa africana: Primeiramente as crianças decidiram que iriam para África de navio, então confeccionamos um imenso navio em um painel para que pudéssemos fazer nossa tão sonhada viagem. E no dia e hora marcados com suas mochilas (para simular a bagagem) as crianças embarcaram numa divertida brincadeira de “faz de conta” que nos levou literalmente para o continente africano onde desembarcamos em uma linda festa africana idealizada e organizada juntamente com as próprias crianças, com culinária e músicas típicas. No ambiente da festa foram organizados diferentes espaços para exploração: confecção de adereços como colares e turbantes e também de pinturas faciais e corporais buscando referências de alguns povos africanos; espaço com os livros lidos durante o projeto para leitura e manuseio; espaço com instrumentos musicais de origem africana como tambores, pandeiros, afoxé, cabuletê etc. e um espaço de circuito interativo simulando um safári pelas savanas africanas com ilustrações ampliadas de animais (desenhados pelas próprias crianças).

Intercâmbio com Angola: Através de um contado intermediado pela nossa diretora, conhecemos a Coordenadora Pedagógica do “Colégio e Jardim Escola Criança Feliz”, que fica em Luanda (Angola). Dessa forma, nossas crianças fizeram um intercâmbio virtual conhecendo as crianças angolanas se comunicando através de vídeos, áudios e mensagens.

Primeiramente foi feito um contato telefônico onde nos comunicamos através de áudio e posteriormente as crianças conheceram a escola angolana através de um vídeo feito pela coordenadora apresentando as turmas, as professoras, os funcionários e os espaços.

Posteriormente através de um celular nossas crianças, em pequenos grupos, filmaram nossa EMEI apresentando também as turmas, os funcionários, os espaços e narrando o que gostavam de fazer em cada um deles.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação do desenvolvimento de cada criança nesse projeto se deu de forma processual a partir do acolhimento de suas vozes e saberes, na observação das manifestações de suas várias linguagens em que elas se apresentam nas interações entre elas, com os espaços e materiais.

Durante o desenvolvimento do nosso projeto, as crianças não só amplia-

ram seus conhecimentos sobre a África e seus povos, como também passaram a usar o tema como enredo para suas brincadeiras de “faz de conta”, rotineiramente reuniam objetos, adereços e comentavam que estavam indo para África misturando a essa fantasia elementos reais daquilo que puderam aprender durante o todo o processo. Mostrando verdadeiro encantamento na construção de uma imagem positiva do continente e dos povos africanos.

Pode-se observar que o processo de desenvolvimento da identidade, ligado a autoestima de todas as crianças foi fortalecido, sobretudo as crianças negras que encontraram identificação e representatividade nos elementos culturais, artísticos, literários e sociais que conheceram e exploraram durante o projeto. Onde antes se mostravam mais tímidas com pouca participação nas discussões coletivas, durante o projeto, notou-se que passaram a opinar e contribuir cada vez mais para a criação dos diferentes contextos de exploração, pesquisa e aprendizagem. Idealizando e protagonizando ações como a proposta da festa africana.

A participação das famílias neste processo também foi muito importante, pois muitas delas relataram verdadeiro encantamento pelas riquezas culturais, artísticas, literárias etc. sobre o continente africano que suas crianças compartilhavam ao chegar em casa, passaram a contribuir espontaneamente com pesquisas e relatos que enriqueceram muito nosso projeto.

DEPOIMENTOS

“No início do ano de 2019, nós educadores da Ed. Infantil fomos convidados a escrever uma ‘carta de intenções’ que refletisse nossos planos, sonhos e expectativas para a construção do trabalho junto às crianças. Decidi escrever minha carta a comparando ao roteiro de uma viagem, como quem rascunha um percurso de quem encontraria desafios, descobertas e aventuras, algumas previsíveis, mas tantas outras inesperadas. E foi esse misto de ‘certezas e grandes surpresas’ que tornou essa ‘viagem’ tão encantadora. Assim, a maior motivação que me inspirou como educadora de realizar essa ‘viagem’ junto às crianças se deu no início dela, no dia em que iniciaram a conversa que disparou nosso projeto. Pois quando, encantada e instigada com as falas delas sobre a África, lancei a proposta: ‘O que vocês acham de irmos para a África nós também?’. Todas ficaram eufóricas em aceitar e comentaram que possivelmente teríamos que ir de avião, pois nosso destino seria muito longe e ao ouvir isso uma delas se desencantou e lamentou:

‘Então eu não vou poder ir para a África... pois a minha mãe não tem dinheiro nem para pagar a perua, ela não vai poder pagar o avião para mim, deve ser muito caro...’

Isso me fez pensar que quando uma criança de cinco anos deixa de sonhar, por conhecer a dura realidade que a cerca, certamente pode lhe tirar todas as demais perspectivas de que esta possa mudar.

É nessa hora, que a Educação tem que cumprir o seu papel de espaço transformador e levar a ESPERANÇA (do verbo ESPERANÇAR como nos ensina Paulo Freire) de que é preciso acreditar que podemos ser agentes transformadores da realidade, levando nossas crianças fazerem a 'ocupação' de um espaço que é seu por direito tendo acesso aos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, as levando a respeitar e valorizar a diversidade no fortalecimento da construção de uma sociedade estruturada em princípios éticos capazes de combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceitos, discriminações e desigualdades.

Obs.: Quanto a nossa pequena menina, que me trouxe essa reflexão foi uma das que mais protagonizou esse projeto e segundo ela, já está começando a estudar inglês porque quer conhecer a Nigéria e a África do Sul e essa é a língua que eles falam por lá..."

Professora Lindalva Isabel da S. Borges

As crianças protagonizaram todas as etapas desse projeto, vivenciando as experiências com suas mentes, corpos e emoções. Segue abaixo alguns saberes e fazeres infantis que emergiram durante o projeto:

"Eu tenho muitas bonecas... mas a que eu mais gosto é essa daqui (se referindo a uma boneca negra que trouxe no dia do brinquedo) porque ela se parece mais comigo"

Maria Heloiza

"Agora eu já sei qual herói eu quero ser: o Pantera Negra ele é o mais forte e eu sou igual a ele"

Matheus

"Sabia Prô, que eu pedi para meu tio pesquisar no 'wi fi' dele sobre a África e lá tem muitos metais preciosos, tipo diamante?"

Samuel

"Eu fiz uma estampa e criei símbolos igual os 'adinkras'... mas eu fiz os meus... a borboleta é a que voa longe, para onde quiser..."

Marina

"Eu quero primeiro conhecer os países que falam a nossa língua e depois conhecer os países que falam inglês...porque eu já sei falar inglês: 'Oh my god'. E isso quer dizer: Oh meu Deus!"

Alecxia

“Lá na África não tem só animais também tem o Egito, onde tem as pirâmides que eu quero conhecer...”

Fernando

“Eu quero conhecer primeiro o Chade, porque lá tem escola de chuva e chuva de manga igual nos livros que a Prô leu para gente...”

Enzo

“Para ir para África só dá para ir de navio, avião e submarino, porque tem muito mar no caminho e não dá para ir de carro...”

Arthur

“A gente teve uma idéia! Queremos fazer uma festa africana na festa dos aniversariantes com as músicas da África, as comidas que tem lá, pintura no rosto igual do filme do Pantera Negra”

Camilly e Giovanna

**CATEGORIA II – ENSINO
FUNDAMENTAL I**

1º LUGAR

Projeto:

Mulheres que mudaram o mundo

Unidade Educacional:

EMEF Coelho Neto

Responsáveis:

Genilda Santos de Araújo e Alexandre Ernani dos Santos

RESUMO DO PROJETO

Tudo começou a partir das reflexões sobre o dia internacional da mulher. Em um percurso de auto reflexão, estudantes foram colocados como sujeitos de sua própria aprendizagem, a fim de perceberem-se protagonistas da sua história, ajudando a construir uma sociedade que valoriza a mulher, juntos no combate às diferenças, aos estereótipos e a violência, lutando por igualdade de oportunidades para homens e mulheres.

JUSTIFICATIVA

Ao longo do tempo, as sociedades foram construindo e reafirmando padrões para homens e mulheres.

O lugar da mulher, por muito tempo, esteve bem definido, no lar, ou quando fora dele, apenas como fonte para suprimento da família, o seu corpo objetificado, sua voz silenciada tanto na família, quanto na sociedade em geral, cujas “regras” sempre foram ditadas por homens.

Aos poucos as mulheres foram tomando consciência dessa condição de sujeição e silenciamento, travando lutas por espaços ocupados majoritariamente por homens na sociedade, ampliando a discussão acerca da igualdade de gênero, do empoderamento das mulheres e de seus direitos, colocando a escola enquanto espaço de múltiplas aprendizagens e interações,

carregada de significações culturais, no papel de agente transformador.

A escola então, torna-se espaço para que educadores, educadoras e educandos possam pensar sobre a sociedade em que estão inseridos, refletir sobre o seu papel, percebendo-se muitas vezes como reprodutores de padrões que visam a perpetuação de preconceitos e opressão, despertando para uma transformação de conceitos em que os direitos humanos e a democracia permeiam suas ações.

“Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a “prática da liberdade” o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo”.
Pedagogia do Oprimido - Paulo Freire

Por meio do conhecimento da história de mulheres que contribuíram para avanços na sociedade, torna-se possível construir junto a meninas e meninos um conceito de sociedade baseada no respeito, igualdade e solidariedade. Em que meninas percebam-se como protagonistas de sua própria história, sendo voz ativa na sociedade por si e por aquelas impedidas de se manifestar, lutando por igualdade de direitos e oportunidades, em que o reconhecimento profissional seja pleno para todas as mulheres, e nesse contexto, que meninos e meninas ajudem a construir essa sociedade mais justa e igualitária, dizendo não à violência, ao preconceito, ao machismo, caminhando em igualdade de direitos.

Considerando todo esse histórico de lutas, desafios e conquistas, essas são algumas das muitas mulheres que viveram e ainda vivem além de seu tempo, que lutaram e lutam, e algumas literalmente deram suas vidas pelo que acreditaram: Carolina Maria de Jesus, Joana D’arc, Dandara, Rosa Parks, Nise da Silveira, Marta Vieira, Maria da Penha, Marie Curie, Malala Yousafzai, Kathrine Switzer, Maria Quitéria, Nádia Comaneci, Chiquinha Gonzaga, Tarsila do Amaral, Theresa May, Ana Patrícia Botin e Valentina Vladimirova, essas são as grandes mulheres escolhidas, pesquisadas e estudadas para esse projeto. Foram pesquisados também alguns temas extremamente relevantes, como Empreendedorismo, Direito ao voto, Mercado de trabalho, O direito de dirigir, O direito a frequentar escola, Direito de usar roupas de banho e calça jeans e a Lei Maria da Penha. São temas que envolvem questões sociais, políticas, econômicas e religiosas, que continuam a refletir em nossa sociedade nos dias atuais, mas, que vem alcançando mudanças por diversos trabalhos realizados inclusive por meio da educação, pois ela pode gerar um mundo mais igualitário, com mais direitos, mais possibilidades e contribuição na constituição de um ser humano melhor.

O Currículo da Cidade e as ODS – (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável)

Pensar um currículo nos dias atuais, é buscar dialogar com a dinâmica e os dilemas da sociedade contemporânea, de forma que as novas gerações possam participar ativamente da transformação positiva tanto da sua realidade local, quanto dos desafios globais.

De acordo com o currículo da cidade, esse projeto teve como orientação os seguintes - ODS:

4 - Educação de qualidade - Uma vez que o projeto mostra para os estudantes o grande valor e contribuição que as mulheres tiveram ao longo do tempo na construção de uma sociedade mais justa, fazendo com que eles desconstruam e repensem o papel da mulher na sociedade de forma mais aberta e sem preconceitos. Esse projeto despertou uma consciência crítica em todos os envolvidos, à princípio nos estudantes, estendendo-se ao longo do desenvolvimento as suas famílias e comunidade escolar, e esse despertar crítico e consciente é a base para uma educação de qualidade.

5 - Igualdade de gênero - O projeto foi pensado com esse intuito, ou seja, trabalhar a igualdade de gênero, mostrando as diversas possibilidades de construção de uma sociedade sem preconceitos relacionados a espaços femininos e espaços masculinos, mas sim espaços de todos.

10 - Redução das desigualdades - Quando falamos em desigualdades, não falamos apenas nas desigualdades econômicas, falamos principalmente nas desigualdades sociais e de gênero. Trabalhar todas essas desigualdades mostrando para os estudantes o quão impactantes elas podem ser na vida de homens e mulheres, é a maior justificativa dessa ODS nesse projeto.

16 - Paz, justiça e instituições eficazes - Todas as injustiças, transtornos e dificuldades que essas mulheres passaram em suas lutas dizem respeito a uma cultura preconceituosa, segregacionista, conservadora e por muitas vezes machista. Não à toa hoje em dia temos algumas leis que lutam pelo direito das mulheres, uma delas é a lei Maria da Penha, ou seja, lutar por justiça por meio de ações eficazes e pela paz é o que mostra grande parte desse projeto, como forma de levar os estudantes à uma cultura do respeito, da admiração, da quebra de preconceitos, da inclusão e acima de tudo, da paz.

OBJETIVOS

- Conhecer a história de mulheres que influenciaram a sociedade para promover a reflexão a respeito da igualdade de gênero;
- Pesquisar sobre mulheres e sua influência na sociedade;
- Compreender que homens e mulheres devem ser tratados como iguais em direitos e oportunidades;
- Reconhecer que a voz das mulheres deve ser ouvida;
- Trabalhar em diferentes agrupamentos;
- Ampliar o repertório de leitura dos estudantes;
- Relatar a história de vida de uma mulher importante na sua vida;
- Aprimorar a competência comunicativa;
- Fortalecer ações que promovam o empoderamento feminino;
- Gerar reflexão na comunidade escolar e entorno através do envolvimento e divulgação do projeto;
- Produzir diferentes tipos de textos;
- Oferecer condições para que os estudantes aprimorem as suas habilidades e competências ligadas à escrita de textos autorais;
- Ser capaz de utilizar de forma adequada diferentes gêneros e portadores textuais como forma de comunicação;
- Oportunizar aos estudantes a ampliação de conhecimentos sobre gêneros e tipos textuais;
- Proporcionar aos estudantes pesquisar, refletir, escolher e editar os textos e imagens, criando autonomia para pesquisa;
- Colocar os estudantes em contato direto com todas as ferramentas disponíveis para pesquisa na internet, edição e impressão de textos e imagens, podendo analisar o resultado final;
- Utilizar a tecnologia para produzir conhecimento;
- Oferecer condições para que os estudantes reflitam sobre o uso consciente das Redes Sociais;
- Colocar os estudantes em contato com a história de vida de mulheres no Brasil e no mundo que se destacaram por sua atuação expressiva em diferentes áreas, visando dar-lhes condições de ressignificar a percepção que eles têm acerca do papel da mulher na sociedade;
- Proporcionar aos estudantes o conhecimento da Lei Maria da Penha, permitindo-lhes especialmente identificar as diferentes formas de violência

- contra a mulher e os mecanismos possíveis para preveni-la, combatê-la e denunciá-la;
- Sensibilizar e mobilizar os estudantes para o combate a todas as formas de violência contra a mulher;
 - Capacitar os estudantes para a realização de entrevistas às mulheres de sua própria comunidade ou família, visando ao registro de histórias de vida dessas pessoas;

PÚBLICO-ALVO

36 Alunos do 5º ano B do ciclo interdisciplinar, faixa etária entre 10 e 11 anos

METODOLOGIA

As atividades desenvolvidas consideraram a pesquisa, produção, reflexão, apresentação individual e em diferentes agrupamentos, entre si (na sala), e para diferentes segmentos da comunidade escolar, como outras turmas, gestão, familiares e comunidade do entorno. Promovendo o uso das tecnologias para a produção e promoção de conhecimento, envolvendo diretamente no processo as aulas de informática.

CRONOGRAMA

Início do Projeto Março de 2019

1ª Etapa - mês 03/19

Rodas de conversa sobre o dia internacional da mulher; Leitura diária de biografias de mulheres que influenciaram a sociedade de seu tempo; Estudo sobre biografia e autobiografia; Pesquisa individual de mulheres que influenciaram a sociedade de seu tempo; Compartilhamento da pesquisa com a turma;

2ª Etapa - mês 03/19

Leitura deleite diária de capítulos do Livro Quarto de Despejo (Carolina Maria de Jesus); Pesquisa e produção na aula de Informática da biografia de uma mulher; Revisão e reflexão da escrita das duplas na sala de aula; Compartilhamento da produção/reflexão com a turma;

3ª Etapa - mês 04/19

Leitura deleite diária de capítulos do Livro Quarto de Despejo (Carolina Maria de Jesus); Pesquisa e produção de texto sobre temas relacionados às lutas e conquistas das mulheres ao longo do tempo; Pesquisa e produção na aula de Informática da biografia de uma mulher; Revisão e reflexão da escrita do grupo na sala de aula; Compartilhamento da produção/reflexão com a turma;

4ª Etapa - mês 05/19 e 06/19

Finalização da Leitura deleite diária do Livro Quarto de Despejo (Carolina Maria de Jesus) e início da leitura do livro - 50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer (Débora Thomé); Produção de folhetos; Revisão e reflexão da escrita nas duplas e grupos na sala de aula e informática;

5ª Etapa - mês 07/19 e 08/19

Pesquisa de imagens e layouts na aula de informática; Produção de cartazes na sala; Apresentação para a turma e reflexão coletiva sobre o tema apresentado;

6ª Etapa - mês 09/19 (26/09/2019)

Organização da sala e apresentação para diferentes turmas da escola;

7ª Etapa - mês 10/19

Vídeo/curta metragem "Vida Maria" na aula de informática; Vídeo Empoderamento das mulheres (canal - ONU Mulheres); Vídeo Igualdade de gênero (canal - ONU Mulheres); Vídeo Desigualdade de gênero (canal - Maria Eduarda); Vídeo 1960 - 2010 - Mulheres cada vez mais iguais (canal - Ancia USP); Produção de resumo dos vídeos assistidos e dissertação com o tema Marias de ontem, de hoje e de amanhã;

8ª Etapa - mês 10/19 (04/10/2019)

Caminhada pedagógica no entorno da escola;

9ª Etapa - mês 11/19

Audição de histórias sobre mulheres, contadas no canal do Youtube; Escrita da biografia de uma mulher importante para cada estudante; Análise oral e coletiva da escrita, correção individual e edição na aula de informática; Prestígio do espetáculo Eu e Ela, visita a Carolina Maria de Jesus;

10ª Etapa - mês 12/19 (06/12/2019)

Organização e apresentação para as famílias do tema desenvolvido no projeto, apresentação da biografia da mulher que mudou a vida de cada es-

tudante; Reflexão acerca do projeto e do comprometimento pessoal para a promoção da igualdade de gênero, respeito e valorização da mulher na sociedade;

Finalização do Projeto Dezembro de 2019

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto começou com rodas de conversa sobre o dia internacional da mulher, segue com leitura diária de biografias de mulheres que influenciaram a sociedade de seu tempo. É feito um estudo sobre o que é biografia e autobiografia e posteriormente realizadas pesquisas individuais de mulheres (escolhidas pelos próprios estudantes) que influenciaram a sociedade de seu tempo e compartilhamento com a turma. Leitura deleite diária de um capítulo do Livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. Organização de duplas para pesquisa e produção na aula de Informática da biografia de uma mulher (escolhida pela professora considerando o perfil e interesse demonstrado pela dupla), revisão e reflexão da escrita nas duplas na sala de aula, reorganização da escrita na aula de informática para apresentação à turma.

Foi realizado o agrupamento de duas duplas para pesquisar e produzir texto sobre temas relacionados as lutas e conquistas das mulheres ao longo do tempo (temas escolhidos de acordo o interesse demonstrado pelo grupo), pesquisa e produção na aula de Informática do tema proposto, revisão e reflexão da escrita na sala de aula para posterior finalização e apresentação para a turma.

Início da leitura diária do livro - 50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer, de Débora Thomé. Em contrapartida foi feita a produção de folhetos a partir dos trabalhos finalizados, início na sala e continuação na aula de informática, revisão e reflexão da escrita nas duplas e grupos na sala de aula e informática para posterior finalização e apresentação para a turma.

Na aula de informática foi feita a pesquisa de imagens e layouts para posterior produção de cartazes na sala, apresentação para a turma e reflexão coletiva sobre o tema apresentado. Feita a organização da sala e apresentação para diferentes turmas da escola. Na aula de informática foram assistidos vídeos para posterior produção individual de resumos e dissertação.

O grupo realizou acompanhado pela equipe gestora e professores responsáveis pelo projeto uma caminhada pedagógica no entorno da escola, nessa caminhada foram distribuídos os panfletos produzidos pelos estudantes,

abordaram pessoas nas calçadas e comércios e falaram sobre a vida das mulheres que eles pesquisaram e estudaram, neste momento foram apresentados os cartazes produzidos por eles.

Os estudantes ouviram áudios de histórias contadas no canal do Youtube Fafá conta histórias - da série Mulheres incríveis, e escreveram a biografia de uma mulher importante em sua vida, foi feita a apreciação da história relatada, análise oral coletiva da escrita, correção individual e a finalização na aula de informática. Também foi assistido o espetáculo Eu e Ela, visita a Carolina Maria de Jesus, no CÉU São Mateus.

No último dia de realização do projeto, os grupos organizaram os trabalhos para apresentação às famílias, essa apresentação contou com a leitura individual da biografia que fizeram da mulher que mudou o seu mundo (foram escolhidas mães, avó e irmã), reflexão acerca do projeto e do comprometimento pessoal para a promoção da igualdade de gênero, respeito e valorização da mulher na sociedade.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

As aprendizagens se mostraram tanto na questão dos direitos das mulheres, do seu lugar na sociedade, como no desenvolvimento das competências comunicativas e expressivas, da compreensão do uso da tecnologia para ampliação e divulgação do conhecimento, considerando que nenhum deles havia feito uso de recursos do computador para produção textual, além do desafio de trabalhar em agrupamentos.

Durante todo o processo, foi comum as conversas e questionamentos a respeito das mulheres que estávamos estudando, sua história de vida e análise das mudanças que se deu na sociedade a partir da ação delas, identificaram relacionamentos abusivos em novelas que assistiam, discutiram a respeito, compartilharam falas e atitudes de familiares que mostravam o posicionamento do tema dentro da família, refletiram enquanto meninas, muitas vezes buscando características nas mulheres estudadas que se assemelhavam às suas ou tomavam como exemplos de luta por seus sonhos e conquistas. Os meninos, refletindo junto, descobrindo junto e percebendo junto quem eles são e o que poderiam fazer nesse processo social.

Houve um interesse compartilhado na unidade escolar, de forma que se iniciou na EJA, com a professora da sala de leitura em parceria com as aulas de informática, algumas aulas sobre Carolina Maria de Jesus, personalidade

escolhida devido a proximidade de sua história de vida com a de muitos estudantes. Essas aulas avançaram para pesquisas nas aulas de informática, sobre outras personalidades femininas influentes como: Cora Coralina, Irmã Dulce e Clarice Lispector.

Vimos a comunidade escolar e as famílias participarem do processo, com curiosidade e satisfação ao ver cada estudante colocando-se como sujeitos ativos, construindo seu próprio conhecimento e compartilhando com outros.

DEPOIMENTOS

“Muito lindo professora, parabéns pela bela iniciativa é uma satisfação enorme ver meu filho participando de um projeto tão importante como esse!” “Muitíssimo agradecida!”

Dalva, mãe do estudante Arthur

“Verdade, muito trabalho, mas gratificante, obrigada.”

Cristiani, mãe da estudante Mariane

“Ver nossos alunos envolvidos em Projetos de Pesquisa sobre assuntos tão importantes quanto a Valorização das Mulheres, me dá esperança e a certeza que teremos um mundo muito melhor... e isso através da Educação e de professores maravilhosamente comprometidos com o Social!!!”

Jeanini Bonazzi, diretora da unidade escolar

“Muito lindo e muito interessante o trabalho. Parabéns professores e alunos.”

Luciana Moraes, mãe da estudante Geovana

“Excelente trabalho... Parabéns por despertar em sua turma o empoderamento feminino e a consciência crítica social, tão rara nos dias de hoje.”

Talita Souza, professora da EMEF Coelho Neto

“Ahhh! Sem palavras para esse projeto e essa turma brilhante... Parabéns!”

Cristiane Itabaiana, professora da EMEF Coelho Neto

“Bom eu já não tenho mais palavras para elogiar esse projeto”

Luciene Macedo Alves, professora na rede municipal de São Paulo

“Parabéns a você e aos alunos pelos lindos trabalhos!! O tema do projeto foi maravilhoso!”

Marisa Lemes, professora da EMEF Coelho Neto

“Eu fiz esse desenho especialmente pra você, para você lembrar que você será uma das mulheres que mudaram o meu mundo.”

Jéssica Than, estudante envolvida no Projeto

Publicação da página do Facebook da escola EMEF Coelho Neto

“Parabéns alunos e alunas do 5º B...”

“Belíssimo trabalho coordenado pela Professora Genilda e com a importante parceria do Professor Alexandre, do laboratório de informática.”

“O trabalho conta a história de mulheres que mudaram o mundo.”

2º LUGAR

Projeto:

FRUVS

Unidade Educacional:

EMEF Deputado José Blota Júnior

Responsáveis:

Roberta Pires Caetano e Rosinei de Oliveira Moraes

RESUMO DO PROJETO

O Projeto FRUVS trata-se da aproximação das crianças com o mundo literário através da produção e ilustração de um livro baseado na obra “DRUFS” de Eva Furnari, onde esses pequenos autores/ilustradores puderam criar, planejar, escrever, ler, organizar ideias, usar ferramentas tecnológicas, revisar suas produções e orgulhar-se de si mesmos tendo a literatura como base para reconhecer suas capacidades e respeitar o outro.

JUSTIFICATIVA

Nas circunstâncias atuais, “o mundo digital”, notamos a presença de muitas atrações tecnológicas como a televisão, celulares, tabletes, o acesso as redes sociais, jogos em aplicativos e uma infinidade dessas combinações em paralelo com uma restrição literária no eixo familiar. Dessa maneira percebemos que essa modernidade informatizada e virtual afasta cada vez mais a familiarização das crianças com a prática e o hábito da leitura, tornando o mundo literário menos atrativo e, conseqüentemente com isso, na escola enfrentamos as dificuldades na escrita, oralidade, vocabulário desprovido, produções precárias e sem muito sentido, uma escrita superficial e com erros ortográficos banais, a falta de entendimento textual em uma simples avaliação, a falta de expressão com clareza, e infelizmente, falta de empatia com o outro.

Devido às consequências frequentes destas ações não voluntárias, observamos a importância e a necessidade de incentivar nosso aluno a conhecer mais e melhor o mundo da leitura e usar a tecnologia a nosso favor, perceber que o acesso a informatização, também é uma ferramenta de grande valia para o conhecimento e leitura.

A leitura enriquece e abre um leque de possibilidades e aprendizagens: crescimento do vocabulário, a amplitude textual, o convívio social, o desenvolvimento da cidadania e, conseqüentemente, o aprendizado se tornará mais dinâmico e atrativo quando for usado em conjunto, leitura e tecnologia, pois, o mundo atual exige um trabalho com ambas as fontes, sabendo que a tecnologia também faz parte da rotina das pessoas, ela não pode ser excluída, mas sim incorporada no processo de ensino-aprendizagem. Precisamos incentivá-los a usar a tecnologia como fonte de pesquisa, consulta, e ao mesmo tempo usufruir da leitura com prazer.

E é através das diversas formas e fontes de leituras que podemos viajar sem sair de casa, conhecer e explorar o mundo, as diferentes culturas, costumes, e claro, nos tornamos pessoas mais afetuosas, nos conhecemos melhor, respeitamos a escolha do outro sem julgamentos ou qualquer tipo de preconceito, entendemos os direitos e os deveres que exercemos conosco, com os familiares, com os amigos, com a comunidade, com a cidade, estado, país e com o mundo, descobrimos o nosso “eu”, solidificando nossos conhecimentos e aperfeiçoando o significado do nosso aprendizado.

Dessa forma, juntamente com os demais parceiros de profissão, gestão e coordenação pedagógica, decidimos propor momentos de estímulos e contato com diversos tipos de leitura, gêneros textuais e formas/meios de leitura, ou seja, a tecnologia também se fez presente nesses momentos, assim, como os livros físicos. Nossas ações se pautaram na necessidade do aluno perceber que a leitura está presente em sua rotina e que é um mecanismo para sua autonomia, suas escolhas, habilidade fundamental para entender e tomar decisões com sapiência e clareza nas diversas situações de sua vida, pois através do conhecimento, amplitude literária, isto é, contato rotineiro com a leitura, poderá ter uma vida mais instruída e com escolhas de qualidade.

Assim, sabemos que para estimular a capacidade e a prática da leitura precisamos de outras conexões com o processo ensino-aprendizagem, ou seja, não transformar a aquisição da leitura e escrita em atividades escolares, sem uma verdadeira função social.

Perante todos esses conflitos existentes na comunidade escolar, os docentes têm ciência que, as crianças precisam dominar a leitura e a escrita, para

desenvolver sua autonomia, confiança, responsabilidade nas escolhas, ter respostas claras e coesas, e uma participação digna na sociedade, respeitando as diferenças com consciência e sem julgamentos desnecessários.

Concluindo, o incentivo, o contato com a leitura e os registros a cerca dela, devem ser ampliados, multiplicados e significativos, ou seja, a comunidade deve participar efetivamente do processo e, que através de atividades planejadas em um projeto sugerido pelas próprias crianças, demonstramos para todos os envolvidos nessa jornada que a escola é um espaço de produção e, que todos os participantes podem contribuir com suas diferentes ideias, habilidades e competências.

OBJETIVOS

- Trabalhar com a ampliação da proficiência dos estudantes no que se refere à leitura de textos mais extensos, programando a leitura parte a parte;
- Promover a discussão coletiva, ensinando procedimentos de recuperação da parte lida anteriormente;
- Possibilitar a apropriação das características da linguagem escrita – seja em registro literário ou não;
- Possibilitar a apropriação de características do gênero do texto, de aspectos textuais - nos quais se articulam a produção do conteúdo temático e do texto -, e notacionais, assim como de procedimentos de escritor - planejamento, revisão processual e final – por meio da modelização realizada pelo professor;
- Possibilitar ao estudante a apropriação de recursos da linguagem escrita e de organização do texto, assim como de procedimentos de escritor: planejamento, revisão processual e final;
- Possibilitar ao estudante a aprendizagem específica de partes de um texto identificadas como dificuldade a ser superada;
- Considerar, em revisões futuras, aspectos que, paulatinamente, possam ser articulados: organizar a revisão nos três momentos de agrupamento: coletivo maior, grupo/duplas, individual;
- Estudar o texto coletivamente, por meio de leitura que mobilize nos estudantes capacidades necessárias para a construção da sua proficiência leitora;
- Participar de leituras que envolvam diferentes práticas sociais;

- Escolher materiais variados para leitura de acordo com as preferências pessoais;
- Escolher textos orientando-se por diferentes critérios e informações;
- Perceber os diferentes tipos de letras (bastão, cursiva, imprensa, explorando inclusive os editores de texto eletrônicos etc.);
- Ler para estudar; se divertir; se informar; se instruir; se emocionar; passar o tempo; recitar; compartilhar informações; apreciar; vivenciar diferentes situações de leitura;
- Estabelecer relações entre o oral e o escrito, por meio da leitura de diferentes textos de diferentes práticas sociais;
- Produzir textos cujo conteúdo já seja conhecido, utilizando recursos próprios da linguagem do gênero produzido;
- Produzir textos individualmente, em dupla, coletivamente e com o auxílio do professor, inclusive;
- Produzir textos em editores de meios eletrônicos, experimentando outras formas de registro escrito;
- Realizar de forma inicial, a utilização de procedimentos de reescrita e transcrição de textos orais ou escritos, coletivamente ou em dupla;
- Recorrer ao dicionário conhecendo a forma pela qual as palavras se organizam, bem como a sua utilização para consulta, em caso de dúvidas;
- Identificar e respeitar as variações linguísticas em diferentes situações comunicativas na esfera escolar e cotidiana (regionalismo, Libras, idiomas estrangeiros – respeitando-as, como características de uso de um idioma e forma de comunicação, rejeitando preconceitos linguísticos);
- Escutar ativamente e atentamente a leitura de textos diversos com a intencionalidade de compartilhar as informações obtidas com outras pessoas, utilizando diferentes procedimentos de registro de apoio à memória;
- Fazer uso inicial de pontuação, paragrafação e demais aspectos gráficos na escrita de textos diversos;
- Acompanhar a leitura compartilhada de diferentes textos que envolvam diferentes práticas sociais;
- Selecionar textos em portadores físicos ou digitais para leitura individual;
- Ler e compreender em colaboração com os colegas, com a ajuda do professor e autonomamente, textos diferentes em portadores variados;
- Ler e compreender com autonomia diferentes textos do cotidiano.
- Refletir sobre o sistema de escrita alfabética (alunos não alfabetizados);
- Estimular a criação e imaginação nas produções individuais e coletivas;

- Estimular a curiosidade, por meio dos conhecimentos prévios dos estudantes, contribuindo para aguçar a criatividade, a lógica e a criticidade;
- Possibilitar a compreensão de si mesmo e das relações do mundo social e natural, ampliando o seu repertório e fortalecendo sua autonomia.

PÚBLICO-ALVO

Participaram do Projeto Fruvs, os alunos das turmas dos 3º anos B e C, totalizando 62 crianças entre 8 e 10 anos.

METODOLOGIA

A proposta do projeto FRUVS foi consolidar a rotina diária com a leitura, expandindo em sua vida e em seus lares o contato com livros de diversos gêneros textuais e, incorporar nas atividades os procedimentos de escritor (planejamento, revisão processual e final), para isso oferecemos, além de instigar o autoconhecimento e o respeito às diferenças, as seguintes atividades:

- Leitura Colaborativa;
- Leitura em voz alta feita pelo professor;
- Leitura Programada;
- Roda de Leitores;
- Produções de Texto;
- Reescritas;
- Pesquisas;
- Rodas de Conversa;
- Troca de ideias;
- Mala Viajante (atividade permanente de leitura, onde a cada dia uma criança leva para a casa a “mala” com um livro cuidadosamente indicado pela professora, assim contamos com a efetiva participação da família nesse momento que é muito esperado por cada aluno);
- Leitura Simultânea (outra atividade permanente de leitura, onde em um dia previamente planejado na semana, todas as turmas escolhem a leitura que desejam ouvir e dirigem-se ao ambiente para ouvi-la, nessa atividade há um encontro com colegas de outras turmas e a criança tem a possibilidade de ouvir a história por outro professor, um momento de autonomia da criança);

- Vídeos;
- Entrevistas;
- Atividade de leitura e escrita em grupos, em duplas e individual;
- Produções Diversas (narrativas, poesias, acrósticos, desenhos, frases, anotações, colagens, tabelas e gráficos);
- Escrita com rascunho, revisão e produção final (em grupos);
- Confeção dos Personagens (material reciclável e sobras dos mais diferentes tecidos, fitas, botões, entre outros elementos) e registro através de fotografias;
- Ilustração e montagem das páginas do livro (em grupos);
- Digitação de suas produções;
- Revisões de Texto (coletiva e em grupo com o auxílio do professor);
- Produção do título da obra (em grupos);
- Votação para o título do livro e seu significado (FRUVS- foi eleito);
- Manhã de Autógrafo com a presença da família e parceiros dessa jornada;
- Uso de computador, celular e máquina fotográfica.

CRONOGRAMA

Março: Início do Projeto, que se deu com a apropriação de alguns livros da autora Eva Furnari e a prosposta de escrita de um livro próprio pelas crianças, tendo como inspiração o livro DRUFS, que encantou as crianças pela diversidade familiar apresentada em cada história e pela criação dos personagens;

Abril: Organização dos grupos de trabalho (aqui levamos em conta o agrupamento produtivo) e primeiras anotações sobre a criação da “família de cada grupo”; Leitura de mais obras de Eva Furnari e Vídeos sobre a autora;

Maior: Leitura das obras de Eva Furnari, Vídeos e Entrevistas da autora, escolha das características das “famílias de cada grupo”, escolha do primeiro nome dessa “família” e escrita dos primeiros parágrafos da história, sempre com revisões e planejamentos;

Junho: Leitura das obras de Eva Furnari, Vídeos e Entrevistas da autora, término da primeira produção, outras produções necessárias, revisões em grupo e coletivas;

Julho: Revisões das produções de texto e início dos registros quanto a ilustração do livro;

Agosto: Leitura das obras de Eva Furnari, Vídeos e Entrevistas da autora, revisões das produções, outros registros necessários e início das digitações dessas obras;

Setembro: Finalização e digitação das produções de texto; Escolha do nome do livro através de votação das turmas e demais registros necessários;

Outubro: Confeção dos Personagens, Ilustração, Diagramação e Projeto Gráfico das páginas do livro, planejamento para a “Manhã de Autógrafo”, Apresentação para as famílias.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Com a implementação de uma rotina diária de leitura, oferecemos às nossas turmas leituras diversas e com qualidade, com temas variados para proporcionar um momento de prazer ao ouvir e/ou ler esse livro e também discutir e refletir sobre o parecer da temática de cada obra, sendo essas atividades de leitura valorizadas por todos.

Ao ter contato com os primeiros livros da Eva Furnari (que é a ilustradora da maioria de suas obras), as crianças demonstraram um carinho especial com essa habilidade da autora, e iniciaram buscas voluntárias na Sala de Leitura da escola, encontrando e levando para nós, professoras, mais livros da autora (lemos ao todo cerca de 25 livros da Eva Furnari). Com cerca de 4 ou 5 livros lidos para eles já conseguiam identificar as características da Eva Furnari só de observar a capa ou um trecho de uma de suas histórias que são bem peculiares.

Quando lemos DRUFS, foi uma surpresa incrível, pois tínhamos assistido uma entrevista da Eva Furnari sobre a criação dos personagens desse livro, e ao final da leitura a turma propôs a criação de um “livro nosso” onde também criaremos nossos personagens.

Com o livro sempre em mãos, organizamos os grupos de trabalho, que foi a primeira vitória, pois as próprias crianças acolheram os colegas com mais dificuldade. O livro DRUFS é uma coletânea de histórias sobre as mais diferentes famílias e, segundo a própria Eva Furnari diz, ao escrever o livro, que “ocorreu a ideia de que as próprias crianças poderiam falar sobre o assunto...Assim, o tom fica mais puro e inocente, e as questões vão surgindo naturalmente no meio da história. O mais importante é educar na democracia, preparar a criança para a multiplicidade de pessoas e de pensamentos, para que haja a aceitação do ponto de vista do outro. O livro pode funcionar como um gatilho para uma conversa: a minha família é assim, a do outro é assado.”

E assim o trabalho seguiu nesse caminho... Na organização dos grupos foi muito interessante observar e participar das conversas entre eles, pois cada um queria falar um pouco de sua família, e as estranhezas e possíveis vergonhas que tinham a respeito de seus familiares, desapareceram ao transformar esses “problemas” em um desenho, em uma frase e, no fim, em uma história muito engraçada, diversificada e com uma mensagem linda, como as histórias da Eva Furnari.

Propomos, até pela falta de experiência com a produção de um livro e para acompanhar melhor, que cada grupo seria uma família e cada aluno um personagem. Outra vitória nessa etapa: os grupos abraçaram o projeto e cada família fictícia criada levava consigo as características de cada família das crianças em seus personagens. Foi maravilhoso perceber que as crianças contavam fatos de seus cotidianos, sem medo de julgamentos e, nessas revisões e planejamentos do projeto conhecemos um pouco mais nossas crianças e passamos a respeitá-los e admirá-los por suas batalhas diárias. Outra observação, do ponto de vista pedagógico, foi como eles conseguiram incorporar essas diversidades em uma história, eram 4 ou 5 personagens, mas que faziam parte de uma mesma família sendo ele mesmo.

Durante a execução do projeto abordamos variados temas: a diversidade familiar, religiosa, diferentes formas de ver o mundo, as diferenças sociais, a maneira de ser e viver de cada indivíduo, as escolhas pessoais, culturais, identidade, além é claro, do manuseio com diferentes materiais para os registros que foram de produções escritas, gráficos, tabela, acrósticos, anotações, colagens, pesquisa e a aproximação com a tecnologia, que nos proporcionou um conhecimento das obras da Eva Furnari que não tínhamos o livro físico e a montagem das nossas páginas realizando uma diagramação e um projeto gráfico. De uma forma geral o projeto seguiu essas ações:

1. Leituras diversas, roda de conversa sobre o tema abordado/escolhido com as professoras mediando o assunto “as diversidades familiares na sociedade”;
2. Levantamento de hipóteses, discussão sobre o tema, respeitando o momento para falar e ouvir e saber que nossa linguagem, principalmente a oralidade é diversificada pelas regiões;
3. Produção, leitura e revisão das produções, dando autonomia para os alunos analisar, mudar e refazer, sempre que necessário, o seu texto corrigindo a gramática e a ortografia com pesquisas em dicionários e outras fontes de consulta;
4. A escolha do título foi uma conquista democrática em sala, optamos por

uma votação, assim, as crianças puderam perceber sua importância e responsabilidade na amplitude social, fazendo parte da democracia com escolhas responsáveis. Nesta etapa, foi muito interessante observar a apropriação das obras da Eva Furnari, mas a descoberta de suas identidades autoras e ilustradores, o nome FRUVS, faz uma referência à nossa autora, porém seu significado marca o início da descoberta como criadores (F de Furnari, R de Roberta e Rosi –as professoras, U de único, V de vitória – pois a todo momento reconheciam o trabalho de se produzir uma história para um público e S de sentimentos e sensações – que são colocados em cada palavra e imprimem a identidade de cada escritor);

5. Participação da criança nas produções escrita, confecção dos personagens, ilustrações, títulos, correções, pesquisa e uso de outras mídias digitais para a escrita do texto, que lhes deu a autonomia e confiança para o desenvolvimento e ampliação da escrita, leitura e criação;
6. Mediação das professoras e a participação das famílias;
7. As práticas de leitura e desenvolvimento da escrita e oralidade que ajudaram a criança a explorar seu próprio potencial nas produções e escolhas de repertório, ações que possibilitaram no decorrer das aulas a elaboração dos seus textos, reescrevendo, corrigindo, revisando e ajudando os colegas que ainda não dominam totalmente a leitura e a escrita com o auxílio das professoras;
8. Outro procedimento importante durante as aulas foi a participação da criança na seleção de diferentes leituras, fontes de pesquisa e vídeos;
9. Durante todo o processo de criação o aluno conseguiu comparar, eliminar repetições indesejadas, organizar seus textos adequando-os, articulando palavras pesquisadas e seus significados, ampliando seu vocabulário, pode também verificar a coerência, reler, pontuar corretamente, usar a ortografia corretamente e analisar a divisão silábica, dividir com os familiares o processo, pedindo ajuda ao colega e as professoras.

Sendo a Eva Furnari também ilustradora, nossos alunos demonstraram na etapa da montagem das páginas do livro uma criatividade enorme na escolha das características de cada personagem e da família em geral, que já se apresentava a partir do nome de ambas.

Após todo o trabalho de planejar, escrever, revisar, reescrever e digitar, chegamos à etapa da criação gráfica das páginas.

Utilizando inúmeros materiais como sobras de tecidos, tampinhas, botões, chaveiros, linha, lã, canetinha, massinha, adesivos e, muitos outros,

cada grupo separou e organizou esses materiais para garantir as características de cada família e, de uma maneira cooperativa, pintaram, colaram, prenderam... e nasceu cada FRUV, que foi fotografado individualmente e com seu criador.

Com os textos digitados e as fotos impressas, cada grupo planejou e criou através de uma diagramação o seu projeto gráfico. Recortaram as frases e/ou parágrafos colando em uma folha onde exatamente queriam que cada trecho da história deveria ficar, assim como as fotos de seus personagens foram sendo fixadas com anotações e outros ornamentos que dependendo da característica do grupo foi através de desenhos ou colagens. Nessa etapa, todos descobrimos como é recompensador dar vida a sua história, o rascunho dessas páginas dos alunos com a posição das fotos e dos textos, cada risco, cada detalhe, cada cor, foram respeitados no momento da digitalização do livro, que após a primeira impressão, voltou para uma nova revisão dos nossos autores/ilustradores que fizeram anotações e observações. Nesse momento, nós professoras tivemos certeza que a superação dessas turmas foi algo imensurável, pois o tratamento de responsabilidade com suas páginas e o carinho com cada detalhe, além da segurança de decisão quanto ao que queriam que estivesse ou não e a forma como deveria estar no livro.

Compartilhando a nossa experiência com a responsável pelas Salas de Leitura da DRE Campo Limpo (PMSP), Elaine Lacerda, tivemos a oportunidade de entrar em contato com a Eva Furnari. A senhora Elaine enviou um e-mail para a autora que respondeu prontamente, assim pudemos passar para nossos alunos o quanto o trabalho deles era importante e que muitas pessoas já sentiam orgulho deles.

Nosso projeto culminou com a “Manhã de Autógrafo”, onde as famílias (que até o momento acompanhavam em casa esse trabalho) compareceram à escola, reconheceram a dimensão de todas essas etapas e a importância dessa construção no desenvolvimento da criança.

O nosso livro foi apresentado à outras turmas pelos próprios autores e alguns exemplares fazem parte da coletânea da nossa Sala de Leitura, onde todos os alunos da escola podem ter acesso e conhecer essa obra.

Após o “lançamento do nosso livro”, a Eva Furnari nos mandou outro e-mail parabenizando toda a nossa trajetória. A felicidade das nossas crianças foi imensa e o carinho com todo esse processo foi visível ao longo do ano em cada produção dessas turmas.

O projeto foi compartilhado com outros professores da rede municipal de educação de São Paulo (Lançamento da Revista Acontece – DRE Campo Limpo), onde relatamos todas as nossas dificuldades e, principalmente, nossas vitórias ao longo desse projeto.

Na escola percebemos também, um movimento para que outras turmas começassem a pensar em produções significativas e, muito felizes, nós professoras e nossas turmas vamos dividir essas experiências para que no futuro novas obras sejam criadas por todos.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O projeto FRUVS trouxe e continua trazendo uma nova didática para a leitura e a escrita nessas turmas, inclusive expandiu o hábito de ler até suas famílias, amigos e comunidade semeando o gosto pela diversidade literária, concedendo aos leitores autonomia e confiança ao expressar suas criações, sejam escritas ou orais.

Também é muito importante ressaltar a curiosidade adquirida nesse processo, pois despertou o prazer de conhecer novos escritores, produzir e trabalhar outros temas de cunho social.

O conhecimento da diversidade familiar no decorrer do trabalho foi bastante perceptível, os alunos observaram que todos temos famílias distintas, somos todos diferentes dentro do nosso meio, perceberam a importância do respeito com o próximo, o direito do outro escolher e o dever do cidadão de aceitar que somos todos iguais com nossas particularidades.

Durante as etapas do processo de produção do livro, as turmas aprimoraram a leitura e a escrita, desenvolveram o comportamento leitor e escritor, compreenderam essas habilidades como práticas sociais e fizeram da leitura e escrita uma forma de refletir suas realidades e pensar o mundo, ampliando seus repertórios de linguagem e se identificaram com a autora trabalhada, passo primordial para expandir suas novas descobertas literárias.

DEPOIMENTOS

“Hoje foi um grande dia: manhã de autógrafos do livro FRUVS, construído pelas crianças dos 3º anos B e C da EMEF Deputado José Blota Júnior, sob mediação das educadoras Rosinei de Oliveira Moraes e Roberta Pires Caetano, inspirado na obra de

Eva Furnari "Drufs". O livro das crianças aborda questões bastante contemporâneas: diversidade familiar. Bem sabemos como somos carentes destas literaturas infantis. Emocionante nossos estudantes terem a oportunidade de construir coletivamente uma produção literária que de fato faça sentido para eles e contribua com temáticas tão urgentes em nossa sociedade. Eu acredito na educação pública de qualidade, com protagonismo de crianças e mulheres nas periferias. Privilégio poder ter participado deste momento. Horizonte Azul, um bom lugar"

Juliana de Almeida Martins Goiz, Professora da rede

Livro "Fruvs"

"Meu relato sobre a elaboração do livro será bem sucinto, visto que as Professoras Rosinei e Roberta, juntamente com seus alunos, fizeram uma surpresa para nossa escola, uma linda e agradável surpresa! Tudo começou com uma atividade de leitura, com os livros da escritora Eva Furnari, a quem as Professoras têm grande apreço e que realmente tem trabalhos maravilhosos. Foi disponibilizado durante as aulas, alguns dos livros da escritora e, em conjunto entre as duas turmas, foram feitos debates sobre os diferentes temas envolvidos nas histórias. Segundo os relatos dos próprios educandos, sugeriram para as Professoras, que criassem o livro deles. A união entre as duas turmas, foi definida pelas Educadoras. As crianças criaram suas histórias, em alguns casos, percebemos no livro, que se trata de algo bem "real" em suas vidas. Criaram fantoches com os dedos, característica da autora Eva Furnari e, baseados no livro Drufs, criaram esse trabalho. Pude acompanhar o trabalho das Professoras na parte gráfica e impressão do material, através de portfólio contendo as atividades feitas por seus alunos. O trabalho que deu, a correria... mas que se tornaram tão pequenos, diante da gratificação e do resultado. Durante o lançamento, o dia tão esperado pelos nossos pequenos autores, foi visível a emoção dessas crianças e seus familiares, pois algo tão esplêndido havia sido feito "por eles" e "para eles"! E, claro, para todos nós! Fiz questão de adquirir meu exemplar, pois um trabalho tão bonito, merece todas as honras possíveis. E a EMEF Deputado José Blota Júnior agradece por esse belo presente! Não deixem de ler, recomendo!"

Fátima Pacheco, Coordenadora Pedagógica da EMEF Deputado José Blota Júnior

Alguns relatos dos alunos participantes do Projeto FRUVS – 3º anos B e C:
"Um dia as professoras Rosi e Roberta estavam lendo um livro que se chama DRUFS, era da autora Eva Furnari, era de famílias, tinha família Tampinhas, família Algodão e muito mais, era muito legal e as professoras tiveram uma ideia bem genial da gente fazer os DRUFS. O começo foi bem difícil, mas agora tudo melhorou, mas é bom demais!!!"

"Nós gostamos muito da Eva Furnari e dos livros dela, porque são muito interessantes.

O livro que mais gostamos foi Felpo Filva, mas achamos muito legal o dia que fizemos os nossos Drufs.”

“O projeto FRUVS está sendo super divertido de fazer, nós estamos aprendendo muitas coisas legais. E nós estamos adorando fazer os FRUVS. O livro também é super engraçado e legal. Nós usamos muita criatividade, essa ideia foi genial!”

“A nossa professora leu um livro da Eva Furnari e depois outros. Os livros dela são muito engraçados e interessantes. Os DRUFS falam que cada um tem uma família diferente e no livro as famílias são divertidas e legais. Daí nós resolvemos fazer um livro também e o nosso vai ser muito legal e divertido, como o da Eva.”

“Gostamos muito de fazer esse trabalho com as professoras. Adoramos os livros da Eva Furnari, ela é muita criativa.”

“A gente começou lendo o livro Os problemas da Família Gorgonzola e assistimos o vídeo do teatro Felpo Filva, daí lemos o livro DRUFS e ficamos apaixonados pela Eva Furnari. Os livros dela são muito engraçados.”

“Tivemos uma ideia de fazermos várias famílias, nossas famílias, no começo foi meio difícil, mas depois foi mais fácil, nós criamos, inventamos, discutimos, escrevemos, além de estudar sobre os DRUFS, aprendemos que nenhuma família precisa ser igual, todos nós somos diferentes. Amamos fazer esse trabalho.”

“Primeiro lemos o livro Os problemas da Família Gorgonzola e o segundo foi Felpo Filva e a gente se apaixonou pela Eva Furnari. Começamos a trabalhar com ela e as prôs Rô e Rô procuraram mais livros. Cada um gostou de um livro e assistimos vários vídeos sobre ela, até montamos uma caixinha com todos os livros que lemos da Eva.”

3º LUGAR

Projeto:

Transformando vidas

Unidade Educacional:

EMEF Professora Shirley Guio

Responsáveis:

Luciene Alves do Nascimento e Janaína Aparecida de Souza

RESUMO DO PROJETO

O “Projeto Transformando Vidas” tem objetivo de romper barreiras da exclusão social e cultural, demonstrando às famílias dos estudantes com deficiência a importância da promoção do lazer para convívio social de seus filhos, visando desmistificar a ideia de que suas limitações físicas e sensoriais são impedimentos para participarem da vida em sociedade.

JUSTIFICATIVA

Se pensarmos em uma definição para passeio extraclasse, podemos dizer que consiste na oportunidade que o estudante tem de sair do ambiente da sala de aula, tendo a possibilidade de conhecer novos lugares e diferentes situações de estudos e aprendizagens, relacionadas a conteúdos curriculares, usando todos os sentidos para buscar o desenvolvimento cultural, social, pessoal e intelectual.

A Constituição Federal, no artigo 205, afirma que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988)

No Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para

séc. XXI, coordenada por Jaques Delors, há orientação de que as aulas devem ser norteadas nos 4 Pilares da Educação: Aprender a Conhecer; Aprender a Fazer; Aprender a Conviver e Aprender a Ser.

Antoni Zabala, em seu livro *Prática Educativa*, nos apresenta um interessante modelo de planejamento para que os professores e as escolas possam fazer uso e objetiva “oferecer determinados instrumentos que ajudem (os professores) a interpretar o que acontece na aula, conhecer melhor o que pode se fazer e o que foge às suas possibilidades; saber que medidas podem recuperar o que funciona e generalizá-las, assim como revisar o que está tão claro” (ZABALA, 1995, p.24).

Ainda no seu livro, Zabala explica que existem diversas formas de analisar as capacidades do ser humano. Faz uso da classificação proposta por Cesar produzem. As aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes. Daí decorre que um enfoque pedagógico deve observar com atenção à diversidade dos estudantes como eixo estruturador. Assim, o critério para estabelecer o nível de aprendizagem serão as capacidades e os conhecimentos prévios de cada estudante.

É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência, lei no 13.146 de junho de 2015, Art.1o), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência, visando à inclusão social e cidadania.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência tem como foco a promoção da autonomia individual, da acessibilidade e da liberdade. Uma das principais conquistas alcançadas por meio dele foi o compromisso com a autonomia da pessoa com deficiência para exercício de atividades de vida civil como as demais pessoas.

Reza o artigo 27 da Lei 13.146/15: “A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Se fizermos uma linha do tempo do processo educacional inclusivo, perceberemos que as políticas educacionais são relativamente novas. Historicamente as pessoas com deficiência foram excluídas dos processos de escolarização formal e somente nas últimas décadas vêm ocupando os espaços

educativos por direito adquirido.

O presente registro foi realizado com esse público para “mostrar” as dificuldades que enfrentam cotidianamente e esse projeto é uma opção rara de lazer e conhecimento, pois a maioria provém de famílias vulneráveis que não tem acesso aos bens culturais da sociedade e desconhecem as possibilidades de lazer e diversão. Assim, o projeto teve como finalidade proporcionar experiências e vivências em múltiplas áreas (social e cultural).

Acredito nas ideias expostas e na relevância do tripé estudante-escola-família. Quando cheguei na escola, iniciei a tradição de passeios anuais com o intuito de aproximar os atendidos e seus familiares à uma prática escolar e incentivá-los à ocupação de espaços de convivência social.

O planejamento para o passeio realizado em 2018 teve início em 2016, quando em uma reunião de pais houve questionamentos referentes ao local do próximo evento. Informei-lhes que pensava em levar os estudantes a um centro de equoterapia para vivenciarem a prática terapêutica e também o lazer. Pensando um pouco na rotina desses estudantes, que são segregados de uma convivência social pelo fato dos familiares não se sentirem confortáveis devido a questionamentos recebidos em espaços públicos, instiguei as famílias a transpor os seus medos e desconfortos, levando-os a campo e mostrando-os de modo empírico a capacidade de usufruto e pertencimento aos espaços sociais.

OBJETIVOS

- Proporcionar interação entre as famílias atendidas;
- Divulgar informações sobre benefícios da Equoterapia.
- Estimular o acesso dos estudantes a espaços terapêuticos e de convívio social;
- Facilitar a comunicação entre as famílias fora do espaço escolar;
- Motivar e ampliar a autoestima e a autoconfiança das famílias;
- Observar o desenvolvimento e autonomia dos estudantes em espaços externos;
- Possibilitar um dia de lazer para os atendidos e seus familiares;
- Apresentar à comunidade escolar que eventos externos são ótimas oportunidades para conhecermos os estudantes.

PÚBLICO-ALVO

Estudantes com deficiência matriculados no ensino fundamental I (idade de 7 a 12 anos)

METODOLOGIA

Apoiada no princípio do diálogo como processo dialético problematizador, buscamos “olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação. Nessa perspectiva, o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo”. (FREIRE, 1987, p.83)

Assim, o enfoque do trabalho teve como mote agregar, unir, vencer desafios e lançar desafios; aspectos tão necessários para a construção de um diálogo articulado à problematização que a inclusão enfrenta no trato do processo educativo em consonância com contexto histórico e cultural que vivemos.

Para tanto, as etapas do projeto foram desenvolvidas a partir de uma conversa informal durante uma reunião de pais.

Com os interesses do grupo delimitados, procedemos a elaboração do Projeto e apresentação ao Conselho de Escola. Essa autorização é fator preponderante para qualquer evento e/ou passeios que um professor queira promover na Unidade Escolar.

Para garantir o melhor aproveitamento e participação de todos, as professoras realizaram uma visita antecipada ao local, para averiguar as condições e possíveis limitações que o ambiente ofereceria, certificando-se de que seria o local ideal para a experiência extraclasse.

Com todas as etapas anteriores asseguradas, partimos para o trabalho efetivo com os estudantes, realizando uma apresentação do espaço pela internet, explorando suas características e trabalhando com o levantamento de hipóteses sobre nosso passeio (Onde fica? Como chegar até lá? O que seria preciso arrumar? Quem iria nos acompanhar? etc.).

Além disso, foi realizada a criação de um objeto construído durante o processo de espera. Pensei em uma almofada, por ser algo funcional uma vez que mesmo após o passeio teria uma simbologia, um significado. Isso porque, nosso passeio seria realizado em um transporte (ônibus) e um percurso de 2 (duas) horas aproximadamente.

Por fim, realizamos uma reunião com as famílias para explicar as etapas de nosso trabalho e agendar a data do passeio, que foi realizado próximo ao encerramento do semestre letivo e organizado com o auxílio das famílias.

CRONOGRAMA

- 16 de agosto: Reunião com as famílias para informar o desejo do passeio.
- 27 de agosto: Elaboração e escrita do projeto.
- 31 de agosto: Apresentação do Projeto ao Conselho de Escola
- 15 de setembro: Conhecer o espaço – Equoterapia Dr Edler
- 17 de setembro: Apresentar imagens do espaço aos estudantes através do site.
- 24 de setembro: Início de produção de almofadas – um objeto que seria levado no passeio.
- 26 de setembro: Continuação da confecção das almofadas;
- 01 de outubro: Continuação da confecção das almofadas e apresentação de fotos do Centro de Equoterapia impressas para os estudantes.
- 08 de outubro: Finalização das almofadas;
- 22 de outubro: Roda de conversa com os estudantes sobre o passeio;
- 08 de novembro: Reunião com as famílias para combinarmos o roteiro do passeio.
- 12 de novembro: Reapresentação das imagens através do site e explicação do roteiro do passeio aos estudantes.
- 22 de novembro: Dia do passeio

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

A ideia do passeio ao Centro de Equoterapia surgiu a partir de uma situação particular onde, durante a fisioterapia da minha filha, um fisioterapeuta comentou sobre a possibilidade de visitas no local.

Assim, crendo na premissa de que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, vislumbrei oportunizar às famílias e estudantes um momento de interação,

lazer e educação. (FREIRE, 1987, p.68).

No convívio escolar com esses estudantes e observando a relação familiar através de relatos e atitudes presenciadas, o desejo de promover um passeio onde pudesse estar mais próxima foi tomando grandes proporções, e parti em busca de material que pudesse fundamentar continuidade do meu trabalho. Pensar na possibilidade de ofertar um dia de confraternização onde pudessem estar todos juntos, no mesmo espaço, conversando, brincando, se conhecendo, se permitindo vivenciar uma nova experiência, foi a ideia que me motivou a prosseguir em busca da concretização desse sonho. Conforme expus a ideia para o grupo, houve aceitação imediata por algumas famílias e outras tiveram receio porque não estavam acostumados a sair de casa por algumas horas e estar em um espaço aberto, na convivência com outros que não são seus pares/parentes.

Ao perceber o “medo” fui aos poucos trabalhando a proposta e divulgando fotos do local. Em paralelo escrevi o projeto e apresentei a Equipe Gestora que incentivou e incluiu na pauta da Reunião de Conselho Escolar. Vale ressaltar que esse tempo é imprescindível pois o lugar desejado está localizado fora do município. Com isso, a escola precisa pedir autorização ao Prefeito para que se possa sair do município. É um processo dar ciência à Supervisão Escolar a fim de autorizar o evento, por meio de publicação em Diário Oficial. De posse da autorização e liberação do passeio fiz uma visita ao local - Equoterpia Dr Edler (Mairiporã) e lá conversei com o proprietário que prontamente me recebeu e parabenizou pela iniciativa. Aproveitei para estruturar o passeio combinando a data, horário de chegada, atividades que faríamos (equoterapia), tempo de permanência e espaço para lanche e retorno.

Com essas informações agendei uma reunião com as famílias e esclareci todo roteiro. A partir de então a proposta era trabalhar o passeio com os estudantes, antecipando o evento e ao mesmo tempo exercitando a “espera”, mesmo porque faltavam três meses para tal. Para minimizar essa espera combinei de fazermos uma almofada individual para levarem no passeio. Por ser em outra cidade – Mairiporã - iria ajudar no descanso. Cada aluno fez um desenho na folha sulfite e depois passaram para o tecido. Esse processo foi interessante porque a criação do que foi feito no papel sofreu transformação quando transferido para a trama. Mas, como todo “construtor” com sua própria obra, o resultado foi aceito. A execução das almofadas foi essencial para diminuir a ansiedade. A cada passo da confecção trabalhávamos no calendário os dias que faltavam e que precisávamos para finalizarmos as almofadas.

Quinze dias antes do passeio houve uma reunião com os familiares para

definirmos alimentação, horário de chegada na escola, horário de saída do ônibus, autorizações e esclarecimento de dúvidas. Uma das condições para o estudante ir ao passeio é que seja acompanhado por um responsável. Nesse dia, passei uma lista de presença em que cada responsável incluiu quem iria acompanhar o menor.

Dias 22/11, às 7h, já estava na escola. Aos poucos os estudantes foram chegando e iniciamos a conferência da lista de presença. Cada um junto com seu responsável entrava no ônibus e recebia sua almofada. Saímos no horário previsto (08h). Para descontrair e tornar o passeio mais agradável foram feitas brincadeiras dentro do ônibus como adivinhas, bingo, o mestre mandou, entre outras. As 10h chegamos no espaço.

Fomos recebidos pelo responsável André (proprietário do centro equoterápico) que indicou uma sala para guardarmos as bolsas e um espaço com mesa e bancos para deixarmos o lanche. Na sequência apresentou as pessoas que conduzem a terapia e lá organizamos o grupo para iniciarmos a atividade. Esse foi um momento bem peculiar. Alguns estudantes ao montarem o cavalo fizeram a terapia como se já a conhecessem, sabiam até manejar os arreios do animal. Claro que não estavam sozinhos, pois dois instrutores os acompanhavam. Outro fato agregador é que após 30 minutos de trabalho o cavalo saía para descansar e outro entrava na arena, demonstrando que há um cuidado com o equino.

Após todos terem vivenciado a atividade, fizemos um lanche coletivo. A mesa foi posta e todos os alimentos foram servidos.

Por ser um espaço grande e ter as baias dos cavalos próximos ao picadeiro, houve um momento para aproveitar e conhecer os estábulos, admirar o verde e brincar com os amigos enquanto os adultos conversavam.

Às 14h organizamos as mochilas, passamos no banheiro e nos preparamos para o retorno.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Os depoimentos das famílias e dos estudantes foram o melhor termômetro para analisar o sucesso da atividade. Conseguimos realizar um passeio extraclasse com os estudantes com deficiência, superando suas limitações e promovendo novas experiências de conhecimento e de vida.

A experiência foi tão positiva que o grupo já questionava sobre a próxima

saída logo ao final do passeio.

A fala dos pais e dos estudantes são a melhor avaliação que se pode receber, no entanto, para formalizar toda a atividade, as famílias receberam uma avaliação escrita para preencherem com suas impressões.

DEPOIMENTOS

“O passeio foi maravilhoso. O Brunno e eu amamos. E o que mais me deixou feliz foi a oportunidade onde vai a criança junto com seu familiar. Isso é muito bom.”

Marcia Andreia do Santos, mãe do estudante Brunno Santos de Oliveira

“Quando fomos visitar o Centro de Equoterpia, achei um passeio maravilhoso. Meu filho adorou visitar o espaço, ter contato com os cavalos. Foi um dia bem agradável e todos nós conseguimos interagir e aproveitar muito”

Vanessa de Carvalho, mãe do estudante Isaac Garcia Carvalho

“Todos os finais de ano a professora Luciene organizam uma confraternização, nos levando para um passeio sempre recheado de surpresas. São momentos muito importantes para aproximação entre mãe e filho, interação entre mães e os profissionais, para que possamos nos conhecer melhor e compartilhar experiências. Em 2018 fizemos um passeio maravilhosos num sítio em Mairipará, um local muito agradável, onde estivemos em contato com a natureza e com os animais, pois o local oferecia equoterapia. As crianças se divertiram muito e puderam trabalhar a coordenação motora, o equilíbrio e ao mesmo tempo ter um vínculo com os cavalos. Foi um dia maravilhoso e inesquecível!”

Marlene Lobato, mãe do estudante Murilo Veríssimo Lobato

“A professora Luciene sempre estimula minha neta com alguns passeios. Mas o passeio a Equoterapia foi o mais emocionante. Confesso que antes de chegar ao local estava com uma ideia que não iria dar certo. A Rafaela iria ter crise, eu iria por consequência ficar nervosa, pensei o pior. Quando o funcionário colocou a Rafa no cavalo, senti uma emoção como nunca senti antes. Ela ficou tranqüila, deu uma volta no espaço da terapia feliz e calma.

Nunca imaginei minha neta montado à cavalo sem ter medo ou crise. Vale lembrar que é autista. Meu coração encheu de tanta alegria e até esperança em vê-la naquele momento

com o cavalo. A Luciene sempre nos faz acreditar e mostra que nossas crianças sempre são capazes de nos surpreender”

Antonia Moreira, avó da estudante Rafaela Moreira

“Em nossa escola o trabalho com alunos especiais sempre foi primoroso! Nossa professora acredita no potencial de cada estudante e seu planejamento ultrapassou os muros da escola porque sempre acreditou na importância de oportunizar aos atendidos vivenciarem experiências em espaços reais, contribuindo verdadeiramente para o desenvolvimento deles! O planejamento contava com saídas(passeios) em espaços culturais da cidade, praia, centro de equoterapia e outros! Além dessas ações serem extremamente positivas para as crianças, favoreciam o trabalho da professora que promovia aos estudantes momentos que talvez eles não teriam durante suas vidas! Professora comprometida, responsável, consciente e que desempenha seu papel com maestria! Nossas crianças agradecem!!!!”

Sonia Regina Barros Caldeira, Coordenadora Pedagógica

“Caminhar até o espaço público, adentrar neste e sentir-se capaz de usufruir de tudo que nele existe é uma sequência de práticas e direitos que garantem nossa autonomia e determinação; consideramos atos banais quando fazem parte da nossa rotina. Mas ao presenciamos no cotidiano de um jovem com algumas limitações, tornasse algo a ser comemorado e divulgado. A professora Luciene com foco na educação de qualidade inclusiva e equitativa, vem ao longo do seu percurso profissional promovendo oportunidades de aprendizagens à vida de todos os atendidos e desenvolvendo essa sequência metodológica que envolve as famílias nas possibilidades de superação; apresenta e constrói pontes de interações com a vivência da diversidade humana, entre familiares e o universo escolar, estabelecendo aprendizagens dialógicas: entre pais, mães, educadores, educandos com e sem deficiências; proporciona e garante o direito desses estudantes a uma liberdade, à interação social, uma inclusão real”.

Simone de Freitas Reis, Diretora da EMEF Profa Shirley Guio

“Conhecemos o trabalho da professora Luciene através do acompanhamento do CEFAl aos trabalhos das professoras de Atendimento Educacional Especializado (AEE) que atuam nas salas de recursos multifuncionais. A Lu sempre demonstrou seu cuidado e atenção com os estudantes que ela atende... Uma preocupação com as aprendizagens, pedagógica e da vida... Em um de seus projetos, o “Transformando Vidas” ela leva os estudantes com deficiências matriculadas na Unidade Escolar (U.E.) e suas famílias para conhecer e utilizar os espaços sociais como parques, clubes, praias e foram também numa chácara em Mairiporã, que realiza atendimentos de equoterapia. Este passeio acontece no final de cada ano letivo, onde alguns funcionários da U.E. acompanham a Professora de Atendimento Educacional Especializado (PAAEE) e as famílias e passam um dia agradável realizando atividades recreativas, fazem piquenique, conversam, tiram fotos... E retornam para as

suas casas com muito aprendizado e muita coisa para contar. Entendemos que esse projeto amplia as possibilidades de vivência dos estudantes e seus familiares, além de fortalecer o vínculo entre famílias, a escola e criança. Além disso, elementos dessas vivências são matéria prima para o desenvolvimento de propostas pedagógicas de interesse do estudante e, portanto, mais significativas.

Sumaya Gisele Martins Cavalcante, Professora de Acompanhamento e Atendimento Itinerant e (PAAI) e Camila Ramos Franco de Souza – Coordenadora do Centro de Formação e Acompanhamento a Inclusão (CEFAI)

**CATEGORIA III – ENSINO
FUNDAMENTAL II E ENSINO MÉDIO**

1º LUGAR

Projeto:

Um país chamado Grajaú: cartografia afetiva do bairro, sua história, personagens, coletivos e organizações sociais

Unidade Educacional:

EMEF Padre José Pegoraro

Responsáveis:

Thabata Soares Damasceno dos Santos, Michelle Santana de Almeida, Lucidalva de Azevedo Ribeiro Gonçalves e Carlos Alberto Ribeiro de Amorim

RESUMO DO PROJETO

O projeto de TCA intitulado “Um país chamado Grajaú” teve como objetivo trabalhar o conceito de cartografia afetiva com a finalidade de integrar a escola com o território educador, e assim constituir uma rede de aprendizagem envolvendo a história, a geografia, a ciência, a arte e as diferentes linguagens presentes no Grajaú, em como alguns de seus atores políticos e culturais.

JUSTIFICATIVA

O Trabalho Colaborativo de Autoria (TCA) é parte constituinte e vital para o sucesso do Ciclo autoral de aprendizagem. Nesse sentido, ele deve funcionar como um instrumento que dê “...ênfase ao desenvolvimento da construção do conhecimento considerando o manejo apropriado das diferentes linguagens, o que implica um processo que envolve a leitura, a escrita, a busca de resoluções de problemas, a análise crítica e a produção” (SÃO PAULO, p.9, 2014).

Constitui-se, então, como desafio, a articulação e domínio de diferentes linguagens (lógico-verbal, lógico-matemática, gráfica, artística, corporal, cien-

tífica e tecnológica) e componentes curriculares, que permitirão aos alunos a construção de um conhecimento capaz de intervir na realidade territorial na qual a escola está inserida.

Nesse sentido, e levando em consideração a longa trajetória que a EMEF Padre José Pegoraro construiu em torno de uma educação que valoriza a prática de projetos interdisciplinares, bem como o pertencimento ao território do Grajaú, nosso projeto busca a consolidação de um trabalho que consiga articular os princípios norteadores do TCA e a cultura escolar erigida nesta unidade, tendo em vista que ambos pontos já apresentam várias intersecções, e com um trabalho pedagógico orientado, descobrimos poder construir ainda mais possibilidades para uma aprendizagem significativa.

Assim, apresentamos um trabalho que busca realizar o mapeamento dos pontos culturais da região do Grajaú, especialmente naqueles mais próximos à escola, e a partir de um levantamento social, histórico, naturalístico e geográfico do território, os estudantes utilizam ferramentas de tecnologia da informação e comunicação para produzirem um mapa interativo, contendo não apenas a localização de instituições culturais, mas também suas fichas, vídeos de apresentação, fotografias e demais elementos que podem ser utilizados pela comunidade para maior conhecimento sobre seu próprio território.

A construção do mapa é subsidiada pelo conhecimento trabalhado cotidianamente nas salas de aula, com os professores de história e geografia subsidiando a discussão a respeito das características sociais do território, a professora de ciências abordando os aspectos socioambientais e naturais da região, a professora de Arte auxiliando na pesquisa sobre o patrimônio artístico e cultural do bairro, os professores de língua portuguesa orientando a produção de textos que compuseram as fichas presentes no mapa, os professores de língua inglesa orientando a tradução de pontos importantes do mapa e as professoras do Laboratório de Educação digital auxiliando no uso das TICs, além de contribuir para alfabetização tecnológica dos estudantes, que atuaram não apenas como consumidores, mas principalmente produtores de informação. Além disso, todo esse processo foi documentado através da produção de um portfólio.

OBJETIVOS

- Promover uma ampliação do conhecimento dos estudantes sobre o território em que vivem, realizando imersões etnográficas que possibilitem um acúmulo sobre aspectos históricos, sociais, naturalísticos e culturais sobre ele;

- Desenvolver estratégias de produção escrita sobre fenômenos empíricos observados pelos estudantes;
- Ampliar o repertório técnico-científico dos estudantes, em especial naquilo que se refere ao uso de TICs;
- Fomentar o desenvolvimento da postura crítica-analítica frente à realidade socioambiental estudada;
- Contribuir para o desenvolvimento de posturas responsáveis e participativas frente ao ambiente e às questões por ele apresentadas.

PÚBLICO-ALVO

3 turmas de 9º ano com 75 estudantes, na faixa etária de 14 a 16 anos.

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Diego Navarro de Barros (língua portuguesa), Gisele Marques Gondim (geografia), Fabrício Prestes de Oliveira (língua inglesa).

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido em dois tempos e espaços diferentes, o saber, nas salas de aula, dentro dos componentes curriculares oriundos da organização escolar, de maneira a valorizar o trabalho realizado cotidianamente por cada professor dentro de suas disciplinas e fora do horário de aula, em grupos que foram organizados pelos professores e teve como tarefa realizar o trabalho interdisciplinar. A seguir, descreveremos melhor como foi realizado o trabalho em cada um desses momentos e espaços.

Na sala de aula

Em sala de aula os professores mediaram a necessária articulação entre o conteúdo escolar de cada componente curricular com o problema a ser enfrentado pelos estudantes, de maneira a fazer com que as aulas construíssem uma ponte que ajudou os alunos a instrumentalizar suas produções e chegarem até os produtos construídos coletivamente.

- Língua Portuguesa: Durante as aulas de LP os estudantes produziram os textos referentes às fichas presentes no mapa interativo, bem como

os diários de campo que foram articulados com o portfólio de trabalho.

- Geografia: Os alunos realizaram relatórios de pesquisas. O trabalho foi desenvolvido em três momentos e espaços diferentes, o saber, nas salas de aula em atendimentos coletivos; no contra turno escolar onde cada grupo de alunos incumbidos de tarefas específicas receberam orientações do professor de geografia e em saídas organizadas da escola para realização de trabalho de campo.
- Ciências: Os alunos realizaram um levantamento dos projetos socioambientais da região do Grajaú. Após selecionados os locais existentes, os alunos realizaram visitas e entrevistas com os atores e representantes de cada projeto. Dentre os projetos selecionados, estavam o coletivo Casa Ecoativa e a cooperativa de catadores de materiais recicláveis Cooperpac. A partir do levantamento de projetos socioambientais e do arcabouço teórico adquirido, os alunos elaboraram relatórios sobre as visitas realizadas.

Dessa forma, dividimos as ações nas seguintes etapas:

1) Levantamento de projetos socioambientais da região do Grajaú:

- Nesta etapa os alunos realizaram buscas na internet sobre os movimentos, coletivos e projetos relacionados ao meio ambiente na região.

2) Visita aos locais selecionados

- Nesta etapa foram necessárias saídas de campo e realização de entrevistas com os coletivos e projetos socioambientais da região.

3) Pesquisa bibliográfica e elaboração de relatórios:

Na última etapa os alunos realizaram pesquisas bibliográficas acerca dos temas socioambientais encontrados no território e organizaram os registros de campo na forma de relatório sobre as experiências por eles vivenciadas.

- Laboratório de informática: Os estudantes produziram o mapa afetivo e interativo através da ferramenta “Map Hub”, disponível na internet.
- Aulas de CJs (professores substitutos): Nas aulas de CJs os estudantes se reuniram para discutir o andamento do trabalho, verificando o roteiro daquilo que foi realizado, bem como daquilo que ainda havia por fazer, para assim traçar suas metas e objetivos futuros.

Momentos interdisciplinares

Os momentos interdisciplinares sofreram modificações daquilo que foi inicialmente planejado pelos professores, para assim se conformarem organicamente à lógica que perceberam melhor operacionalizar o trabalho pedagógico. Abaixo

apresentamos um organograma que orientou nossas ações, embora não as engesse. Ressaltamos em nossa inspiração para tal tipo de organização a pedagogia freireana a Ação – Reflexão – Ação.

CRONOGRAMA

Abril: Apresentação do Projeto e discussão com os estudantes;

Maio/Junho: Preparação para incursões de território e produção de modelos de entrevista;

Julho/Agosto/Setembro: Incursões de território e momentos formativos;

Outubro e Novembro: Produção do mapa virtual e preparação para apresentações.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Início dos trabalhos: em 2019 os professores e estudantes do 9º ano iniciaram o Projeto “Um país chamado Grajaú”. Em abril, a equipe de docentes apresentou aos estudantes a proposta para o Trabalho Colaborativo de Autoria do ano de 2019. Os estudantes puderam tirar suas dúvidas e fazer sugestões quanto aos objetivos e procedimentos do projeto. Eles também puderam se organizar por grupos de trabalho, sempre de acordo com o interesse por área temática: educação, arte e cultura, meio ambiente, história do bairro e assistência social.

Entrevista com a ex-diretora da UE: para dar o pontapé inicial ao projeto, a equipe de professores e estudantes decidiu entrevistar uma personagem importante na história de nosso bairro: Sônia Vieira. Ativista social e ex-diretora da EMEF Padre José Pegoraro. Para isso, todas as equipes se articularam em uma pesquisa sobre a vida da entrevistada, produziram uma pauta para essa entrevista e a realizaram em um sábado na escola. Essa atividade teve duração de 3h e rendeu um robusto material escrito e gravado, que está sendo editado para usos futuros.

Incursão pelo território – Visita à Casa Ecoativa: Para que todos os grupos se apropriassem do método de pesquisa proposto pelo projeto, foi realizada uma incursão pelo território com todos os estudantes. Para isso, foi escolhido o território da Ilha do Bororé (próximo à escola), onde nossos parceiros do co-

letivo Casa Ecoativa realizaram um percurso formativo envolvendo os temas história do bairro e meio ambiente.

Pesquisa bibliográfica – O mapa da desigualdade: parte importante da fundamentação teórica de nosso projeto ocorreu com o aprofundamento dos estudos de nossos alunos através da pesquisa sobre o Mapa da Desigualdade Paulistana, material que aponta as contradições e injustiças sociais de nossa metrópole. Nas fotos abaixo, o Professor Carlos Amorim (Geografia) comanda uma desses momentos de estudos sobre o mapa.

Incursoão pelo território – CAPS: o grupo de arte e cultura escolheu como instituição a ser visitada o CAPS (Centro de Arte e Promoção Social do Grajaú). Na visita puderam conhecer um pouco mais sobre as atividades realizadas pela instituição (rodas de poesia, cafés filosóficos e edição de livros) através de uma entrevista com parte da diretoria da organização e com a proeminente escritora do Grajaú: Maria Vilany. A entrevista foi realizada pelos alunos, acompanhados por professores e coordenadora pedagógica e respondida por membros da diretoria do CAPS. Maria Vilany (ao centro) escritora e fundadora do CAPS contou a história da instituição e relatou seu processo criativo. Os alunos também puderam conhecer o selo editorial do CAPS, que publica livros a partir das oficinas literárias da instituição.

Incursoão pelo território – Casa Ecoativa e UBS Alcina Pimentel: após a primeira visita à Casa Ecoativa, o grupo de Meio Ambiente decidiu que seria interessante realizar uma nova entrevista com os membros da instituição, dessa vez focando na atuação deles no território, bem como nas questões socioambientais existentes na área de manancial em que a região do Grajaú e Ilha do Bororé estão inseridas. Esta segunda visita teve um caráter mais dialogal, no sentido de promover uma conversa mais específica entre os estudantes do grupo do Meio Ambiente e os membros da Casa Ecoativa. A conversa gerou um relatório que pode ser acessado em nosso mapa, através do ícone da Casa Ecoativa. Além disso, as gravações em vídeo estão sendo editadas para publicação posterior.

Também situada na Ilha do Bororé, a Unidade Básica de Saúde (UBS) Alcina Pimentel Piza foi local de visita para os estudantes do grupo de Meio Ambiente. Na oportunidade, os alunos realizaram uma entrevista com o administrador da unidade sobre o funcionamento e demandas da UBS.

Incursoão pelo território – Centro de Cidadania: O grupo de Educação optou por realizar seu estudo de campo no Centro de Cidadania do CIEE que fica no Grajaú. Nessa oportunidade os estudantes realizaram uma roda de conversa com os educadores da instituição e com alunos que participam das forma-

ções lá oferecidas. A conversa oportunizou um diálogo rico entre as partes, com os estudantes da EMEF Padre José Pegoraro compartilhando seu projeto com os estudantes do Centro de Cidadania e com estes explicando um pouco mais sobre o funcionamento da instituição. Além disso, a conversa também abordou a concepção de território de aprendizagem compartilhada por ambos os grupos de alunos, assim como o lugar do Grajaú dentro desse debate.

Incursoão pelo território – BNH: as incursões pelo território consistem em estudos de campo coletivos, nos quais todos os grupos fazem o mesmo trajeto, cada qual com tarefas específicas para serem realizadas. No caminho, professores, estudantes e convidados contaram a história daquele território, assim como aspectos importantes de sua vida social. Nessa incursão, os estudantes conheceram mais sobre a história do Conjunto Habitacional Brigadeiro Faria Lima, popularmente conhecido como BNH. Além de estudantes e equipe docente, a incursão foi acompanhada pela moradora do bairro e ex-diretora da escola, Sônia Vieira e de uma equipe do Instituto Tomie Ohtake, que gravou a ação para a inserir no mini- documentário que conta a história do projeto.

Incursoão pelo território – COOPERPAC: outro território visitado pela equipe de Meio Ambiente foi a Cooperativa de Catadores Seletivos (COOPERPAC) do Parque Cocaia. Nesse encontro os estudantes puderam entrevistar duas responsáveis pela cooperativa e entender melhor o sistema de trabalho realizado por eles, bem como a importância do processo de coleta seletiva dos resíduos recicláveis. Durante essa visita os estudantes também foram convidados a realizar o processo de triagem do material a ser reciclado com os catadores.

Ação Social: ao pesquisarem sobre os orfanatos e abrigos da região sul de São Paulo, os estudantes do grupo de “Assistência Social”; propuseram aos professores e demais alunos uma ação voluntária na “Associação Jovens do Futuro”, com o intuito de promover a doação de presentes para o dia das crianças às crianças da associação e também realizar um intercâmbio socializador entre os jovens.

Momento Formativo – Instituto Tomie Ohtake: dentro do âmbito da formação para as escolas vencedoras do 4º Prêmio Territórios, nossos professores e estudantes foram convidados a participarem de uma formação com os coletivos “Contrafilé” e “Coletiva Ocupação”, para discutirem aspectos relativos a aprendizagem, território e corpo.

Momento formativo – Oficina sobre impactos socioambientais: no começo de novembro, iniciamos os passos finais do TCA do ano de 2019. No entanto, aproveitamos esse momento para já incluir os estudantes que em

2020 continuam desenvolvendo este projeto nas discussões relativas a ele. Um espaço oportuno para isso foi a oficina promovida pelo antropólogo e mestre pela USP Carlos Gimenes, que compartilhou sua vasta experiência sobre estudos de impactos socioambientais.

Momento Formativo – E.E. Adrião Bernardes: No dia 19 de outubro de 2019, alguns alunos da EMEF Padre José Pegoraro, realizaram uma atividade sobre Mobilidade Urbana em conjunto com a Casa Ecoativa, professores e alunos da FAU USP e a E.E. Adrião Bernardes na Ilha do Bororé. Inicialmente foi realizada uma roda de conversa entre professores e alunos da FAU USP, da E.E. Adrião Bernardes e da EMEF Padre José Pegoraro para a troca e intercâmbio de saberes acerca dos projetos desenvolvidos nas escolas e na universidade. Posteriormente os alunos da EMEF Padre José Pegoraro em conjunto com os alunos da E.E. Adrião Bernardes realizaram o contato inicial com os mapas da região do Grajaú e da Ilha do Bororé. Em seguida os alunos realizaram a identificação do território a partir da escola, de suas casas e de locais conhecidos por eles na região do Grajaú.

Fechamento de um ciclo e início de outro: no dia 30 de novembro, durante a Mostra Cultural da escola, os estudantes apresentaram para a comunidade todo o processo, através de uma metodologia denominada como pechacucha, percurso e produto final do trabalho realizado, incluindo o mapa interativo desenvolvido durante o ano letivo. Esse também foi o momento oportuno para que os estudantes convidarem seus pares escolares a continuarem o trabalho de pesquisa e ação social no ano de 2020.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Foram realizadas duas avaliações, ambas pelo sistema de rubricas. A primeira foi uma avaliação realizada pelos professores responsáveis pelo projeto. A segunda foi uma autoavaliação, a qual foi montada a partir de critérios pensados e discutidos pelos estudantes. A avaliação foi dada através do sistema de rubricas e a cada etapa do projeto certificou-se se os grupos cumpriram as comandas dispostas na forma de rubricas. Houve também uma avaliação final do projeto e a nota correspondente integrou o boletim dos alunos e pôde ser usada também como pontos extras por todos os professores. Abaixo reproduzimos os dois instrumentos, que também serão anexados na pasta sobre avaliação.

DEPOIMENTOS

“A ideia do projeto “Um País Chamado Grajaú”; para nosso TCA não foi muito chamativa para os alunos no começo, mas ao decorrer do tempo fomos nos apaixonando cada vez mais. Muitos alunos (eu sendo um deles) não conheciam o nosso bairro e seus lugares tão interessantes e divertidos seja para passar o tempo, apreciar uma arte, se aprofundar em uma causa ou até mesmo para doações. Eu digo sem pensar duas vezes que esse projeto mudou totalmente minha visão sobre o Grajaú, e até arrisco a dizer que mudou meu modo de pensar sobre as nossas vidas aqui, hoje eu posso finalmente dizer que amo o lugar onde eu moro e que sou feliz nesse bairro.”

Ruan Pablo Rodrigues Araújo, 15 anos

“A Pegoraro sempre nos proporcionou projetos que nos empolgavam e nos envolvia bastante. Quando apresentaram nosso projeto de TCA, achamos que era só mais um de vários projetos que já tínhamos, pensávamos assim até enxergar onde estávamos chegando com ele, foi algo que literalmente abriu nossos olhos em relação ao bairro, nunca imaginamos que um lugar com tanta incredibilidade pudesse conceder tantas oportunidades. Nasci e cresci aqui, e não sabia absolutamente nada do que o Grajaú poderia me ensinar. Aprendi e ainda estou aprendendo com todos aqueles lugares que conhecemos e todas aquelas pessoas que entrevistamos. Esse projeto mudou minha perspectiva de que meu bairro é um lugar ruim. O Grajaú é o meu lugar, e é onde eu tenho total orgulho de estar.”

Maria Eduarda Araujo da Silva, 15 anos

2º LUGAR

Projeto:

Abrindo portas com arte

Unidade Educacional:

EMEF Rui Bloem

Responsável:

Priscila Maria Trentin

RESUMO DO PROJETO

O projeto consistiu em estudar os pintores, selecionar suas obras, mediante consulta a professores, alunos e funcionários da escola, escolher os grupos de alunos que se encarregariam das pinturas das portas e organizá-los em turnos durante o período da tarde.

JUSTIFICATIVA

A escola municipal EMEF RUI BLOEM encontra-se inserida no entorno de uma comunidade chamada Jardim Santo Elias, em zona periférica da cidade de São Paulo. Local carente e desprovido de lideranças sociais, culturais e políticas. A escola, como muitas das escolas públicas do Brasil, apresentava uma construção padrão, com paredes frias, vazias, sem vida e, principalmente, sem a marca e identidade dos alunos atuais e dos que por lá já passaram. Como professora de Arte, ver paredes e portas pintadas com cores mortas, padronizadas, me gerou inquietação e necessidade de mudança, sabe-se que as mudanças não são espontâneas. Assim, mediante ação e atitude consegui por doações algumas latas de tinta. Foi o suficiente para dar início ao projeto de dar vida à escola, começando pela pintura daquilo que representa a entrada do aluno no ambiente escolar: as portas das salas de aula. Além da preocupação de entregar à escola e alunos mais arte, conhecimento, noções de estética e beleza, houve a ideia em despertar em muitos alunos o interesse - antes adormecido -, pelo desenho, pela pintura, pelo

trabalho em grupo, formando novas lideranças culturais e sociais. Os talentos não tardaram em aparecer. Assim, entendeu-se que o projeto “Abrindo Portas com Arte” poderia ser o propulsor de formação e solidificação da cidadania pela arte.

OBJETIVOS

Os objetivos idealizados pelo projeto “Abrindo Portas com Arte” foram vários:

- engajar os alunos, pais e responsáveis com a mudança estética no cenário escolar;
- estabelecer vínculo afetivo do aluno com sua escola por meio da pintura, como forma de desenvolver orgulho e cuidado com o patrimônio público;
- despertar nos alunos o interesse em conhecer e desvendar a vida e a obra de pintores famosos, que fizeram a diferença em suas épocas, com marcantes posturas políticas e sociais, contextualizando-os com os dias atuais;
- proporcionar aos alunos novos instrumentos de busca de conhecimento através de ferramentas digitais usadas na finalização do projeto, tais como uso de QR Codes nas obras com conteúdo sobre os pintores;
- resgatar alunos com talento artístico que, acomodados, não se interessavam em participar de aulas ou projetos, limitando-se às presenças físicas em sala de aula;
- manter alunos em período estendido dentro do ambiente escolar, com alimentação, orientação pedagógica, segurança, como forma de tirá-los da situação de vulnerabilidade que alguns ambientes de comunidades representam;
- praticar a interdisciplinaridade, auxiliando os alunos na busca de conhecimento mais amplo e eficaz do conteúdo artístico, aliando arte, história, geografia, matemática, entre outras matérias.

PÚBLICO-ALVO

15 (quinze) alunos, sendo 3 (três) do sétimo ano, todos com 13 (treze) anos de idade, 9 (nove) do nono ano, todos com 15 (quinze) anos e 3 (três) do oitavo ano, todos com 14 (catorze) anos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi teórico-prática, envolvendo aulas teóricas, apresentação de vídeos, pesquisas em livros e internet, além da interdisciplinaridade, com participação de professores de outras disciplinas, já que na execução das pinturas das portas, surgiram questões envolvendo a história, a geografia e a matemática, dentre outras. A partir daí, desenvolveu-se a discussão do fazer artístico (criação e produção das pinturas), importância do significado da pintura e da arte nas portas das salas de aulas, relacionando essas pinturas como forma de manifestação artística do ser humano, como retrato da história da humanidade, ainda que fosse num espaço geográfico restrito, isto é, a EMEF RUI BLOEM.

CRONOGRAMA

1. recebimento das doações das tintas usadas (março/2019);
2. reuniões com direção da escola e coordenação, a fim de conseguir outros materiais para o projeto (março/2019);
3. processo de seleção de alunos interessados no projeto (abril/2019);
4. escolha dos horários para a execução das pinturas (abril/2019);
5. estudo dos pintores e obras que seriam escolhidas pelo meio escolar (maio/2019);
6. início da execução das pinturas (junho/2019);
7. discussões diárias sobre o produzido durante o dia (junho/19);
8. Visitas de jornalistas de vários meios de comunicação que tomaram conhecimento do projeto (setembro/2019);
9. Visita do prefeito da cidade de São Paulo à escola, para prestigiar e parabenizar os envolvidos (outubro/2019);
10. Término das pinturas (novembro/2019);
11. Inserção dos QRcodes nas obras (novembro/2019);
12. Finalização da execução, com apresentação das portas pintadas à comunidade, funcionários, alunos e professores (novembro/2019);
13. Festa de premiação aos alunos envolvidos na execução do projeto (novembro/2019).

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

1. Foi comunicado aos alunos, no início do ano de 2019, que seria realizado projeto na disciplina de Artes, no contraturno escolar, visando introduzir o estudo da pintura e seus artistas.
2. Considerando o estado de deterioração das portas das salas de aulas da escola EMEF RUI BLOEM, propôs-se aos alunos – já que tintas haviam sido doadas à escola – que algumas obras de pintores estudados fossem reproduzidas nas portas, como modo de complementação do estudo e sedimentação do conhecimento.
3. Assim, deu-se início à etapa de escolha pelos alunos, professores e direção dos pintores que seriam estudados.
4. Foram realizadas pesquisas pela internet e em livros sobre os pintores e escolas artísticas selecionadas para a reprodução das pinturas e representação nas portas.
5. Selecionados os artistas, foram marcadas reuniões com os alunos, direção e coordenação da escola, para definir o calendário de execução do projeto, tal como fora concebido: Abrindo Portas com Arte.
6. Iniciada a execução do projeto, com as pinturas das portas, vários desafios surgiram, tais como administrar os atritos entre os alunos envolvidos nas pinturas, elevar o moral dos participantes contra as adversidades na realização das pinturas, elogiando-os quando necessário e contendo a ansiedade natural da adolescência.
7. Ao final de cada dia de pintura das portas, rodas de conversas com os alunos foram feitas, para a adoção de protocolos de limpeza, manutenção e uso dos materiais, e organização para o dia seguinte.
8. Por fim, buscou-se alertar aos alunos, pais, corpo docente, direção da escola e integrantes da comunidade “Jardim Santo Elias” a importância de se transformar o espaço interno da escola EMEF RUI BLOEM, com a pinturas das portas, levando arte à escola e a necessidade de se preservar, sempre, o patrimônio público.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação dos alunos foi feita num processo diário, contínuo, com vista à reflexão crítica sobre a prática e a teoria, de modo cumulativo, sistemático e auto avaliativo, sem se esquecer dos conhecimentos prévios e das vivências

diárias dos alunos no enriquecimento do projeto.

Os resultados alcançados consistiram no conhecimento adquirido sobre os pintores selecionados e suas obras, melhor aprendizado de técnicas de pintura, aperfeiçoamento da dinâmica de trabalho em grupo, valorização do espaço público e despertar em novos alunos o desejo de se envolverem em projetos futuros.

DEPOIMENTOS

“Professora, imaginava que o pintor Van Gogh tinha uma vida feliz, fosse rico e com jantava com seus filhos, todos os dias. Quando descobri que ele era louco e que vivia sozinho, vi que a minha vida não era tão ruim assim.”

Aluna Keysi da Silva, 15 anos de idade, 9º ano

“Hoje eu fiquei maravilhada e feliz, ao me deparar com duas alunas do 5º ano, observando a obra “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, e comentando como Tarsila era uma mulher à frente de seu tempo, moderna.”

Professora Areta, ensino fundamental I, EMEF RUI BLOEM

“Como a escola se movimentou como esse projeto. Tenho visto alunos mais interessados em realizar projetos em outras áreas.”

Débora Napolini, coordenadora de ensino

“Fiquei muito orgulhoso em observar o talento e dedicação dos alunos em transformar a escola num ambiente mais agradável, engajamos em aprender.”

Rodolfo Pauzez, diretor de escola

3º LUGAR

Projeto:

Sarau Heranças Afro: a ruptura do silêncio e o emergir de novas identidades

Unidade Educacional:

EMEF Anna Silveira Pedreira

Responsável:

Lidiane Pereira da Silva Lima

RESUMO DO PROJETO

Sarau Heranças Afro narra a trajetória da população negra por meio do entrelaçamento estético entre as linguagens verbal, corporal e artística de autoria negra e visa promover o reconhecimento racial positivo dos alunos negros e a empatia e engajamento dos demais na luta por direitos. O gênero poema foi eleito como suporte para a apropriação da palavra e do protagonismo de cada aluno, e culminou na publicação do livro *Eu posso ser poeta!*

JUSTIFICATIVA

Apesar da necessidade de se trabalhar na escola com todas as identidades que representam minorias, escolhi a temática ligada à complexidade de ser negro num país que manteve a escravidão por quase quatro séculos e no qual, após 132 anos, pessoas negras ainda são vistas como indesejáveis. Gosto de pensar num futuro em que pessoas negras existam, em que estão vivas, em que foi possível reverter todas as estatísticas que colocam negros no topo da violência impingida contra eles. Para isso é necessário desvelar o que está oculto, normalizado, despertar consciências, e a primeira delas é o reconhecimento da identidade racial de sujeitos negros. Kabenguele Munanga (2018) afirma que o Brasil é um país duplamente homicida, pois não só mata pes-

soas negras como mata também a consciência racial delas. Somos um povo que não se sabe negro. As ideologias ligadas à miscigenação fragmentaram a identidade negra e impediram a formação de um coletivo forte que se articulasse para reivindicar políticas para equidade racial.

A Secretaria Municipal de Educação (SME) divulgou em 2015 que do total dos matriculados na rede de ensino paulistana, aproximadamente 230.000 não declararam a sua cor. A informação trazida pela pesquisa é bastante sugestiva no que tange à negação da negritude por estes sujeitos e vai ao encontro do que vivenciei com meus educandos: numa das primeiras aulas do projeto, na qual lhes perguntei sobre a identidade racial deles e os termos mais recorrentes foram: moreno; pardo; mais clarinha; escurinha.

A escolha lexical usada nas respostas dos estudantes e a pesquisa feita pela SME sinalizam um grave problema de aceitação da identidade racial, decorrente do conflito engendrado na dificuldade de reconhecimento de si em face da desvalorização social e institucional da história e identidade da população negra no Brasil. Deste modo, tornam-se urgentes práticas educacionais que desfaçam essa distorção, de modo que não apenas o censo passe a condizer com a realidade, ou seja, revele que a maioria de nossos alunos e alunas é negra; mas, também, o mais importante, que eles e elas tenham uma autoestima positiva no que se refere ao seu pertencimento étnico racial. Que se apropriem de sua própria história e cultura, compreendam o racismo como um fenômeno histórico e se engajem no processo de reconstrução da própria identidade nas esferas individual e coletiva. E que estudantes não negros também possam reconhecer a trajetória de luta da população negra a quem sempre o Estado negou e nega direitos e colocar-se ao lado dela na luta por uma sociedade mais justa pautada em relações raciais não hierarquizadas.

Como educadora, acredito que a educação é um recurso fundamental para dirimir as assimetrias raciais que passaram a estruturar as relações entre negros e brancos. Isentar-se disto é permitir a manutenção do status quo que salvaguarda a humanidade e a dignidade da população negra. É autorizar que educandos negros continuem a ter sua trajetória escolar afetada negativamente, tornando-os, muitas vezes, alvo do analfabetismo funcional e da evasão escolar, incapazes de romper com o ciclo de violência a que seus corpos estão sujeitos, mantendo viva a engrenagem do Estado genocida e de exceção.

OBJETIVOS

- Combate e repúdio às discriminações de raça, gênero e classe;
- Contribuir para a elevação da autoestima dos estudantes negros, reconstruindo uma identidade positiva em relação a sua cor, grupo social e cultura;
- Romper o ideal de branquura como único desejável, desconstruindo a dicotomia entre egos inflados e egos oprimidos, como descreve Sueli Carneiro (2011);
- Empoderar as meninas para que se sintam confiantes a estar plenamente no mundo, ocupando os espaços que historicamente lhes foram negados;
- Desenvolver o pensamento crítico-social e estético;
- Desvelar o sujeito protagonista existente em cada um deles, seja na organização do evento, do espaço, na elaboração de performances cênicas, ou na produção de textos autorais;
- Levar os alunos a se reconhecerem como agitadores culturais e verem no Sarau e Slam evento de grande importância produzido por eles; agentes de letramento social e que se configuram como símbolo de resistência contemporâneo nas periferias;
- Ampliar o repertório de textos literários e obras de arte de autoria negra, bem como desenvolver a sensibilidade e gosto pela leitura de gêneros literários;
- Tomar consciência dos elementos estéticos do texto, os jogos de palavras, as rimas, as repetições que marcam o ritmo, as intenções do autor, a beleza da linguagem pelo uso de metáforas, sinestésias, entre outros recursos estilísticos;
- Apropriar-se de repertórios diversificados e reinterpretá-los, criando outras formas de expressão.

PÚBLICO-ALVO

O projeto atende a 26 alunos de turmas e idades diversas, variando entre 10 a 15 anos, que cursam as séries do ensino fundamental II, ciclos interdisciplinar e autoral.

METODOLOGIA

Uma das estratégias adotadas foi o estudo de obras literárias de autoria de escritores e escritoras negras que não estão (ou por muito tempo não estiveram) nos currículos oficiais das universidades e das escolas. Essas obras não são reconhecidas como cânones da literatura; são textos descobertos em publicações da coleção Cadernos Negros, ou ainda, em performances poéticas no Sarau da Cooperifa ou nos Slams. A opção por esse repertório, que foge ao que é posto como norma, confirma o desejo de buscar uma nova epistemologia a partir de uma cosmovisão que contemple outras perspectivas, outros lugares de fala, a fim de que os alunos se sintam representados, reconhecidos e valorizados em suas experiências pessoais e coletivas. Como nos explica Djamilia Ribeiro, (2017, p.77) - “Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”.

Além de trazer esse repertório literário negro, o Projeto Sarau também buscou fortalecer a identidade do estudante com o espaço no qual ele vive, território este já marcado pela forte presença da cultura negra, como a capoeira, o hip hop manifesto em suas três vertentes (break, grafite e rap), realização de saraus e Slams. Tal procedimento contribui para a constatação empírica destes alunos de que o território no qual eles habitam pode ser entendido – e valorizado – com um território negro, marcado não só pela exclusão, mas também como lugar de força criativa, transformação, resistência e potência contra hegemônica.

Deste modo, apostei na implementação de um programa didático-pedagógico geo- referenciado e estruturado a partir da produção de artistas negros (escritores, cantores, dançarinos e artistas plásticos) para promover o reconhecimento racial dos educandos, possibilitando-lhes uma construção identitária positiva, bem como a melhora significativa no desempenho escolar, proporcionada pelo entendimento da dimensão coletiva das experiências de raça, gênero e classe. Listo a seguir um conjunto de processos metodológicos usados no Projeto:

- Leitura de diversos poemas, contos, canções, trechos de romance de escritores negros;
- Apropriação da linguagem literária – conotativa – compressão de recursos de figuração da linguagem na construção de imagens poéticas e sonoras;
- Apresentação da arte feita por povos lorubás, destaque às cabeças de

Olokun ou Ifé, numa relação interdisciplinar com canções do Bloco Afro Ilê Ayê;

- Revisitação da história da população negra no Brasil por meio da produção arte visual de artistas de negros brasileiros (Arthur Timótheo, Danton Paula, Heitor dos Prazeres, Flávio Cerqueira) numa perspectiva dialógica com poemas que versam sobre o mesmo teor das obras. Por exemplo, o poema A menina que nasceu sem cor da poeta e slammer Midria da Silva em diálogo com a escultura Amnésia de Flávio Cerqueira;
- Estudo de pinturas feitas por europeus como o francês Jean Baptiste Debret também em diálogo com poemas como o Canto das Negras Lágrimas de Sérgio Vaz, Mulheres Negras de Yzalu e Navio Negreiro de Castro Alves;
- Leitura e análise coletiva dos poemas autorais, atividade que envolvia processos de escrita e reescrita, individual, em pares e em trios de textos poéticos;
- Elaboração e ensaio de performances poéticas dos poemas estudados, bem como dos poemas autorais;
- Realização de Saraus para a comunidade escolar e familiares, pois acreditamos que além de proporcionar aos ouvintes a experiência do literário – capaz de provocar catarses, micro revoluções subjetivas, alterar cosmovisões sobre si e o outro – os estudantes do Sarau Heranças Afro emprestam suas vozes para contar histórias há muito tempo silenciadas, inclusive as suas. A nossa mensagem é formativa e nesse sentido também política e pedagógica;
- Apresentação do Sarau em outras escolas e em espaços formativos de educadores da rede municipal de ensino (Seminários e Jornadas Pedagógicas);
- Oficinas de Escrita Poética com poetisas, sobretudo, negras;
- Oficina de Performance Poética.

CRONOGRAMA

Fevereiro: Construção coletiva do roteiro de estudo para 2019. Aulas teóricas – expositiva – dialógicas sobre as antigas civilizações africanas (Gana x Mali). Estudo da iconografia Iorubá.

Março: Leitura e análise de textos literários que remetem ao continente africano. Elaboração da pauta de apresentações que compuseram nosso Sarau, tendo em vista repertório construído em 2018. Ensaio das performances elaboradas pelos estudantes.

Abril: Apresentação da proposta de produção poemas autorais para o do-

cumentário Racismo Recreativo. Discussão, estudo e pesquisa sobre o tema. Composição dos primeiros poemas. Apresentação do Sarau no Céu Campo Limpo – Seminário Territorialidades.

Maio: Aulas teóricas – expositiva – dialógicas sobre a escravidão no Brasil, análise de pinturas.

Junho: Leitura e estudo de textos literários que remetem ao período colonial. Oficina de escrita poética com Midria da Silva. Leitura e produção de textos autorais. Gravação de vídeo-poemas autorais para documentário.

Julho: Leitura e estudo de textos literários que remetem ao período colonial. Oficina de escrita poética com Igor Chico. Estudo sobre a competição de poesia falada SLAM. Leitura e produção de textos autorais.

Agosto: Leitura e estudo de textos sobre estética negra e violência policial. Apresentação do Sarau na VI FLIC - Cieja Campo Limpo. Ida ao Museu Afro. Oficina de escrita com o poeta Daniel Carvalho. Leitura e reescrita de textos autorais. Gravação de vídeo-poemas autorais para documentário.

Setembro: Leitura e estudo de textos sobre estética negra e violência policial. Oficina de escrita com os poetas André Vieira e Tawane Teodor. Organização Participação no Slam Anna Silveira. Leitura, produção e revisão de textos autorais.

Outubro: Escolha coletiva do nome do nosso livro, construção da capa. Leitura e discussão do prefácio do nosso livro. Revisão dos poemas, discussão sobre a organização deles no corpo do livro. Apresentação do Sarau na 18ª Mostra Cultural da Cooperifa no Céu Cantos do Amanhecer.

Novembro: Apresentação do Sarau no Seminário Novembro Negro na DRE Santo Amaro e na Jornada Pedagógica no Céu Casa Blanca.

Dezembro: Oficina de produção de livros na Editora FiloCzar. Avaliação do Projeto.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Os alunos já tinham como base as ações de 2018 que consistiram na estruturação das aulas do Projeto em três grandes blocos temáticos: no primeiro, o foco foi revisitar o passado histórico das populações negras, a fim de desconstruir o imaginário criado sobre continente africano, que reitera as teses de precariedade, ausência de saberes e incapacidade de autodeterminação. Discutimos e problematizamos as narrativas historiográficas que só reportam a presença da população negra no Brasil no período da escravidão.

No segundo bloco, estudamos as formas encontradas pela população negra para a recriar sua identidade e relações de pertencimento na diáspora e o não sucumbir ao sistema escravista. Neste módulo, a ênfase foi desconstruir a crença acerca da passividade e conformismo do africano escravizado, o que explicaria a presunção de que pessoas negras aceitam a condição de escravizadas mais facilmente, não havendo, assim, contestação.

No terceiro e último bloco, os temas desenvolvidos estavam atrelados à questão da identidade, perpassando assuntos ligados à estética e à cultura negra, com o fito de estimular o reconhecimento e a afirmação de si. Neste terceiro bloco, tínhamos como grande meta fazer com que os estudantes se apropriassem de um repertório crítico que lhes permitissem romper, no plano da estética, com o ideal de branqueamento, elegendo outros devires como possibilidade de existência.

Em 2019 propus que realizássemos a revisitação e aprofundamento desses tópicos como novos instrumentos pedagógicos e que fizéssemos a transição de leitores de poemas para também escritores de poemas, mantendo a relação interseccional entre esses dois campos – ler e escrever.

Para mim, era importante que a proposta de produção autoral dos poemas viesse acompanhada de uma intenção comunicativa clara e que estimulasse os alunos para o desafio da escrita. Então, além de produzir poemas para apresentá-los em nosso Sarau Heranças Afro, faríamos intervenções poéticas num documentário realizado por outro Projeto existente na escola, o Cineclub, cujo tema estava ligado aos nossos estudos.

A produção poética dos alunos pode ser dividida em quatro temáticas que dialogam entre si: Apropriação de uma perspectiva afrocentrada da história da população negra; Identidade e estética negra; Intolerância religiosa e Empoderamento feminino.

Nos primeiros poemas fica evidente o reconhecimento racial dos educandos, o sentimento de orgulho da ancestralidade negra e a altivez do seu pertencimento étnico-racial e nos estudantes não – negros, o reconhecimento e o respeito à essas histórias. A seguir, relato umas das aulas do primeiro e segundo bloco que auxiliaram a constituição deste saber dos alunos.

Iniciei mostrando aos estudantes imagens de lugares distintos na África, mas sem lhes dar essa informação. A orientação foi que eles apontassem quais ficavam no continente africano e por quê. A ideia era problematizar o porquê de associarmos África apenas a um lugar de tragédias.

Expus-lhes o discurso racista do filósofo Friedrich Hegel (1770-1831) acer-

ca do continente e como essas pseudoteorias legitimaram a escravidão. Ainda na mesma aula, exibi duas esculturas que são conhecidas como “cabeças de bronze” de Ifé e Benin, produzidas por antigas civilizações lorubás. Também trouxe uma imagem que retrata o imperador do Mali numa audiência pública com seus súditos. Analisamos as obras, criamos hipóteses sobre quem eram as pessoas retratadas nas esculturas ou na pintura, como viviam e como se organizavam socialmente. Conteí-lhes sobre os impactos da descoberta desses artefatos por etnólogos europeus e a tentativa de lhes roubar a autoria. Por fim, questioneí-lhes: - Que histórias essas esculturas e imagens nos contam sobre a África? A discussão resulta num contra- discurso em relação à fala de Hegel, uma contra-prova, uma ruptura de paradigma, já que a ideia vendida é a de que se tratava de um povo sem cultura, sem história, sem arte ou religião. Para finalizar, ouvimos e estudamos a canção Heranças Bantu, do Bloco afro Ilê Aiyê (1996), cujo título nos serviu de inspiração para o nome do nosso Sarau, e construímos relações intertextuais com as imagens e escultura estudadas.

No segundo bloco, iniciamos a leitura de poemas como Canto IV - Navio Negreiro, Castro Alves (1869) e Canto das negras lágrimas, Sérgio Vaz (2013), que ao tumbeiro, ao mar, à travessia do atlântico. Vimos ainda o trailer do filme Amistad (data). Também discuti com os alunos sobre os filmes, novelas que eles conheciam e que exploravam essa memória de dor. Tentamos construir hipóteses dos efeitos dessa única memória histórica na construção das identidades branca e negra. Munanga nos alerta sobre a importância de sabermos a origem desse tipo de crença e como ela interfere na visão que temos sobre as pessoas negras e no modo como nos relacionamos com elas. “Além de influir em nossas vidas das mais variadas formas, essa visão também tem efeito na construção da autoestima e da identidade tanto das pessoas negras como das brancas”. (2016, p. 67).

Expus aos alunos a necessidade de revisitarmos este lugar de dor ancestral para que pudéssemos construir nosso Sarau, que almejava narrar por meio da poesia, música e dança a trajetória da população negra. Ignorar essa memória de dor, também seria uma forma de epistemicídio. Decidimos que poemas destinados a compor esse retrato teriam menos espaço, sendo abordados apenas no primeiro bloco.

Assim, iniciamos o estudo de uma série de poemas que nos permitiram recontar uma história de resistência do povo negro diante do sistema escravista. Neste bloco, alguns dos textos estudados foram: Sou negro, Solano Trindade (1944), Encontrei minhas origens, Oliveira Silveira Zumbi, Jorge Bem, Vamos pra Palmares, Duguetto Shabazz, A menina que nasceu sem cor, Midria da

Silva, A chibata da Revolta, Sérgio Vaz, Perguntei a seu Pastinha, Tony Vargas, Mulheres negras, Yzalu e trechos do romance Um defeito de cor, Ana Maria Gonçalves. Cada texto foi estudado numa aula, adotando diferentes estratégias de leitura, as quais foram fundadas em Isabel Solé. Distintas abordagens foram realizadas: diálogos com outros textos, com as artes visuais, sobretudo, com uma saída pedagógica ao Museu Afro, a fim de que os alunos visitassem às sessões Heróis da Resistência e Intelectualidades Negras para ampliar e consolidar esses conhecimentos.

São fruto dessas aulas, as produções poéticas feitas pelos estudantes e que se configuram um contradiscurso à historiografia oficial:

Poema 1

Quando os africanos chegaram no Brasil
Foi assim: sereno
Sem rumo
Só paz"...
Que paz?!
Me fala que paz?!
Se eles nos tiraram da África
E nos trouxeram para esse "Pindorama"
"Ceis" tão é metendo o louco
Deixa que eu conto a nossa história
A história do nosso povo
Que pelos quadros foi romantizada
"Nóis" vai ter que pintar de novo
"Nóis" é artista de quebrada
Nós sabemos que a escravidão não foi um romance
E quando aquela suposta "liberdade" foi concedida
Não houve reparos
Amparos
Só disparo
Pow![...]

Poema 2

[...] Nós queremos que os livros didáticos tenha a história de
Dandara e Zeferina
E mostrar que realmente tem que respeitar as minas! Os manos tipo:
Zumbi, Luiz Gama e João Cândido
"Nóis" tá aqui para gritar: presente!

Para cada alma negra morta pela pm
E reerguer as mãos que conspiraram contra o leme.

Poema 3

[...] Mas não adianta lembrar só da tortura, para eles havia
muito mais que uma sala escura.
havia a lembrança de uma antiga vida, nunca esquecida.
Havia a boneca da filha, o turbante da mãe, o colar do avô., havia o
culto aos orixás feito pelo povo nagô.

Poema 4

E se prepara que o nosso povo está saindo da senzala
Vai nascer mais Zumbi, Dandara, Anastácia se libertando da máscara
e ganhando voz ...
Somos filhas de Dandara e herdeira de sua luta, da resistência e juntas
temos a mais bela aparência...

Em meados de junho, antes de adentrarmos o estudo dos poemas que comporiam o terceiro bloco, no qual falaríamos sobre o que implica ser um jovem negro no século XXI, temas como identidade, estética, violência policial percorriam esses textos. Percebia que muitos estudantes, embora tivessem compreendido a proposta de produção de poemas, não conseguiram dar materialidade a ela na forma textual requerida – poema – a primeira produção feita por eles, revelaram a escrita de um texto em prosa, sem nenhum recurso estilístico que remetesse à linguagem literária.

A partir disso, planejei as aulas em 5 importantes oficinas de escrita poética que aconteceriam ao longo do segundo semestre, juntamente à continuidade da leitura de poemas que serviria como dispositivo para discussões relativas ao momento de estudo em que estávamos.

Iniciamos o terceiro bloco estudando poemas como o Gritaram me negra, Victoria de Santa Cru, Preta Galáctica, Midria da Silva, Incidentes na Raiz, Cuti , Pixaim elétrico, Cristiane Sobral (data); e preparei slides tendo como base o texto Alisando nossos cabelos, Bell Hooks (2005), o qual discute sobre a relação de mulheres negras com seus cabelos numa perspectiva histórica e política .

Durante a leitura dos poemas e discussão acerca da negação e aceitação do fenótipo negro pela mulher negra, percebi que este processo sensibilizou

algumas alunas que integram o projeto. Uma delas relatou: “Minha mãe sempre alisou os meus cabelos, desde que eu era pequena, não sei como eles são naturalmente”. Outra, colocou o incômodo que sempre sentiu ao ser chamadas de “nega”, “preta”, “neguinha”, como se fossem um xingamento, ou ainda o fato de usarem pó facial que as deixava com tom de pele mais claro.

O trabalho com esses poemas foi responsável por muitas mudanças nas meninas e nos meninos, no que tange à estética e ao sentimento de pertencimento. Houve um processo de reconhecimento doloroso com o eu-lírico dos poemas estudados e o mesmo desejo de transgressão com o ideal de ego branco que haviam internalizado.

A cada aula, liamos poemas que nos permitiam juntar os cacos de uma identidade esfacelada, produzindo uma alteração nas subjetividades dos alunos no que concerne à forma como se vêem. Aos poucos, os estudantes foram construindo ou fortalecendo identidades pautadas em si mesmos, vinculadas a uma memória ancestral e referenciadas em personagens, artistas e intelectuais negros.

Adotando a perspectiva de que falar sobre o que nos angustia auxilia no processo de cura, na etapa seguinte, os alunos foram convidados a destrancar territórios subjetivos de dor, rememorar experiências negativas que viveram e que feriram sua estética. Fizemos uma expurgação, uma catarse coletiva, com o claro propósito de ir além da dor: superá-la. Como resultado, segue abaixo alguns poemas – trechos elaborados pelos estudantes:

Vou falar coisas que a maioria já ouviu:

- Teu cabelo é feio!
- Sua cor é de bosta!
- Por que você não alisa seu cabelo?
- Sério! Tá feio, arruma isso...
- Seu cabelo é de miojo estragado!
- Levou uma pancada no nariz? Então por que ele é grande desse jeito?

Pois é, é difícil ouvir

E mais difícil ainda sentir

Sentir o peso de levar nas costas

Os traços que ninguém quer ter.

Esse cabelo, esses traços já me levaram a questionar a razão da minha existência. [...]

Ser negra diante dessa sociedade

Não pode mais ser razão de divergência

Se fossem ler cada traço seu
A palavra lida, com certeza, seria resistência
Já que cada movimento seu é de persistência
De afirmação da sua identidade
Ressoa liberdade
Porque você é única, insubstituível.
E não te deixe duvidar disso
Por que um dia eu duvidei
E com o passar do tempo]Fui me trancando
Em prisões que eu mesma criei
Mais um dia : “Na avenida deixei lá”
Deixei lá tudo que me disseram
E me orgulhei de minhas raízes
Por saber que herdei os traços faciais de Dandara
No final do percurso aprendi
Ser negra não é sinônimo de feiura
É sinônimo de força
Garra
Resistência
E Luta
Não se deixe abalar por mero comentário ou piada sem graça e banal;
Tua beleza é tão rara que não está nas atrizes da novela ou modelos
do comercial
E melhor do que todas as constelações do universo
Só ti mesma
Então preta, se joga
Que nossas experiências negativas
Não nos impeçam de reverberar outras histórias.

SOMOS
É difícil, né? Pois é?
Você não sabe como é!
Acordar e se sentir diferente
Você não sabe como a gente se sente
Querer ter a pele clara
Que o coração até dispara
Querer ter os olhos azuis
Tão brilhantes como a luz
Querer ter o cabelo liso

Tão bonito quanto o riso
Querer ser aceita
Sem sofrer qualquer desfeita
Não ter o poder de se reconhecer
Sem com isso se entristecer
Mas tá na hora de parar e se encontrar
Vamos juntas lutar e nos empoderar
Não precisamos querer ser, somos!
Somos perfeitas como a chuva,
Lindas como a lua,
Maravilhosas, glamorosas e formosas!

Pro mundo entrar em colapso
[...]
Nosso povo vai começar a ocupar
Ocupar o teatro, ocupar o cinema
Nesse momento ver artista negro não vai ser mais um dilema
vai ser algo natural ver o seu tipo de cacho no comercial
Por que meu cabelo não é feio, feio é a sua ignorância, a sua
audácia em me pôr um padrão, mas eu rejeito e digo que não
[...]

Orgulho e Preconceito
[...]
Tentaram me anular
Minha pele clarear
Mas ainda há vestígios em mim
Que não me deixam duvidar
De que a negritude está no meu DNA.

Recorri a textos importantes de Paulo Freire para a compreensão desse processo sobre como os estudantes ampliaram sua leitura do mundo (das opressões a que seus corpos historicamente estão submetidos) por meio da palavra e, como, numa relação de continuidade, usaram a leitura da palavra para ressignificarem o mundo. Como o mestre bem nos ensina, pedagogia é antropologia, o homem se faz homem a partir do momento em que é capaz de dizer sua palavra.

Ensinar aos alunos que eles podem conferir materialidade ao que sentem

e ao que pensam na variedade linguística que eles dominam, sem que haja a barreira da língua impedindo a construção do pensamento, tem se mostrado empoderador por romper, na esfera escolar, com o mito de que o grupo social que domina a variante culta é o que tem o direito a falar, construir e deter saberes. Esse tem sido um processo coletivo de restituição das nossas vozes e da nossa humanidade. Não somos meras testemunhas de uma história, somos seus autores e responsáveis por ela.

Outras ações realizadas no projeto:

- Apresentação do Sarau Heranças Afro no Céu Campo Limpo. Os alunos foram convidados a fazer a intervenção artística no Seminário organizado pelo grupo Territorialidades – Campo Limpo em rede. O tema do seminário era sobre Território e Currículo e os estudantes personificavam os resultados da teoria exposta;
- Apresentação do Sarau Heranças Afro na VI FLIC – Festa Literária do CIEJA. Esta edição da FLIC do Cieja homenageava mulheres negras. Os estudantes foram convidados a recitar o nosso repertório de escritoras negras para os jovens e adultos que frequentavam o espaço, as meninas puderam recitar, pela primeira vez, seus poemas autorais, alguns deles ainda em processo de construção;
- Apresentação do Sarau na 18ª Mostra Cultural da Cooperifa no Ceu Cantos do Amanhecer para estudantes da rede do Ensino Fundamental II;
- Apresentação do Sarau no Seminário Novembro Negro na DRE Santo Amaro – Formação de Educadores;
- Apresentação do Sarau na Jornada Pedagógica do CEI no Céu Casa Blanca a convite de supervisores da DRE Campo Limpo;
- Construção do roteiro e participação no Documentário: O que é racismo recreativo;
- Organização e participação no primeiro Slam do Anna Silveira;
- Participação na pesquisa que culminou na tese de mestrado de Juliana Froeder Alves Grilo: Percursos de grupos populares na escolarização: conflitos, resistências, perspectivas decoloniais em escolas públicas de São Paulo (data);
- Destaque na Edição elaborada pelo Jornal EMBARQUE sobre Equidade racial, na qual trechos de poemas dos alunos foram publicados na reportagem: Nas rimas dos Jardim São Luís;
- Oficina de escrita e performance poética com Tawane Teodoro, poeta e slammer, idealizadora do Sarau do Capão.
- Oficina de Escrita poética com Midria da Silva, poeta, slammer, estudante de ciências sociais na USP.

- Oficina de Escrita poética com Igor Chicu, historiador e poeta.
- Oficina de Escrita poética com Daniel Carvalho, Mestre em Literatura, poeta e slammer.
- Participação na Oficina de Produção de livros: “Do processo artesanal à imprensa de Gutemberg”, oficina oferecida pelo editor do nosso livro, César Mendes, entendedor da importância de os alunos participarem de todo o processo de produção, desde à concepção da ideia à feitura do livro;
- Publicação do Livro: Eu posso ser poeta!.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação do Projeto se deu de forma dialógica e contínua, a cada evento, apresentação, sentávamo-nos para discutir nossos méritos e falhas e pensávamos coletivamente em soluções. Duas vezes na semana, passávamos o mundo para nos ouvirmos. Eles estudam juntos, compunham juntos, declamavam juntos, erraram e acertaram juntos. O trabalho, com esses textos de autoria negra, contribuiu para que os estudantes também se apropriassem da linguagem literária, ampliando proficiências de leitura e escrita.

O projeto está alinhado ao único objetivo que é reverberar outras histórias sobre ser negro, negra, adolescente, professora, estudante de uma escola pública periférica, situada num bairro com altos índices de violência e de vulnerabilidade social. Ele alcança seu objetivo quando ao final do processo, a partir do trabalho com textos de autoria negra, tenho alunos leitores e escritores, com repertório literário amplificado que contribuiu para que os estudantes se apropriassem da linguagem literária, de uma forma livre, sem reiterar a normatividade e as opressões que a linguagem carrega, questionando àqueles que detêm o monopólio da linguagem, reivindicando para si a partilha dela, conscientes do lugar que ocupam no mundo e resolutos da sua identidade racial. Apostei numa pedagogia forjada com eles, por eles, legitimando a poesia que vem das ruas, das escolas, dessas vozes ancestrais há tanto tempo silenciadas e que agora almejam falar. Tal como agressiva raiz quer romper o concreto e se fazer árvore, os alunos romperam o estágio inicial de silêncio e o transformam em ação, e essa apropriação da palavra permite que novos corpos se projetem no mundo e cheguem a outros universos. Apesar da atmosfera negativa que paira nosso país, mais do que nunca, não é tempo de repressão dessas vozes, pelo contrário: é urgente a libertação delas. Como nos ensina Paulo Freire, é necessário depositar a esperança de um mundo melhor

na figura daqueles que são oprimidos, são eles que farão a revolução.

DEPOIMENTOS

“Como supervisora, o meu primeiro contato com o Projeto Heranças Afro, realizado pela professora Lidiane com alunos da EMEF Anna Silveira Pedreira, veio por meio do reconhecimento dos próprios pares da escola. Em minha primeira visita à Unidade já anunciavam o projeto como elemento mobilizador de alunos no reconhecimento de suas identidades, na sua relação com o conhecimento, no desenvolvimento de princípios éticos, políticos e estéticos e no seu compromisso com a ampliação das referências da História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Depois pude ler o projeto escrito. Fiquei entusiasmada ao reconhecer a professora Lidiane como docente autora e pesquisadora, recorrendo às referências da História e do Currículo Cultural e de autores, artistas e pesquisadores do Território para estabelecer as bases do seu trabalho. O ápice da minha emoção, entretanto, foi quando presenciei as performances desenvolvidas pelas crianças, protagonistas desse projeto. Crianças e adolescentes, alunas, alunos e ex-alunos(os) que com propriedade, encarnavam no corpo e entonavam na voz as heranças da nossa matriz africana. Eles arrancaram das presentes lágrimas de emoção e nos levaram a revisitar os nossos antepassados africanos, a nos indignarmos com o processo de escravização, a reconhecer as contribuições culturais e políticas e o racismo estrutural presente na sociedade brasileira atual. Com a alegria, entusiasmo, compromisso e atitude dessas crianças e dessa professora, nos sentimos convidados à resistência e à luta por uma sociedade justa e igualitária, começando pelos currículos escolares.”

Lívia Freitas dos Santos, Supervisora Escolar

“Como mãe de meninas negras, sempre me preocupei com o fato de minhas filhas poderem não se reconhecer na história e de não conhecerem a verdadeira história de sua raça. Assim que entraram no Projeto Sarau Heranças Afro da Escola Anna Silveira Pedreira, vi uma mudança na maneira como elas passaram a ver o mundo, respeitando as pessoas de diferentes religiões, entendendo a história, sentindo-se pertencentes à comunidade e apresentando uma tremenda autoestima. Percebi essa diferença não somente em minhas filhas, mas em outras alunas também, presenciei a mudança na postura de alunas muito tímidas, o orgulho dos seus cabelos naturais, e a autoconfiança também, é impressionante como um trabalho como este, tão bem feito nas escolas, pode causar um impacto tão grande na vida de crianças e adolescentes.”

Érica Regina da Silva Quaresma, mãe de duas alunas integrantes do projeto.

“Eu entrei no Sarau Heranças Afro no 7º ano (hoje estou no 9º) e lá eu pude me desenvolver, abrir a cabeça e entender que existem diversas realidades (além das existentes ao meu redor), e assim perceber que a gente é só mais um parágrafo com uma vírgula em aberto. Se hoje existe racismo, é porque ocorreu a escravidão, ninguém chegou até aqui do nada, acredito que toda luta é de certa forma ancestral. Antes do Sarau, nunca tive um contato com a poesia. Se você perguntasse o nome de um poeta, responderia: Vinícius de Moraes, e se me pedisse para recitar uma poesia... vixi, esquece! Graças à professora (e que PROFESSORA), hoje meu repertório de poesia não é tão pequeno. Acho que a professora Lidiane foi uma dádiva, uma semente ou até uma divindade (uma deusa, sem dúvidas, e vc que está lendo não duvide disso) que escolheu ser professora, montar um sarau, apresentar para os alunos esse mundo vasto que é a arte e sobretudo a poesia, e ainda por cima, apresentar o caminho da militância (são poucos os que têm uma professora dessas). Ela me mostrou que a gente pode ser o que quiser, que para ser poeta não é necessário ser branca, ser rica, muito pelo contrário! Qualquer um pode se tornar poeta, só precisa de um papel (seja ele almaço, duro, mole, pode ser até de pão se você quiser), de uma caneta (ou lápis). O projeto Sarau Heranças Afro se faz muito necessário nos dias atuais, a gente apresenta poemas com uma mensagem tão forte e necessária: as pessoas precisam ouvir sobre racismo, feminismo, LGBTQI+fobia, entre outras coisas que acontecem do nosso lado e a gente simplesmente evita tocar no assunto. Esse projeto sem dúvidas faz história, conta a história e não é qualquer história: ele conta a nossa, a página que todo mundo pula, porque acha que já sabe, mas mal sabem que são em projetos como esse, que pretos, pobres, favelados, órfãos paternos, chegam em casa sorrindo dizendo: - Mãe! Aprendi a escrever, fiz um poema e vou dedicar para você. ‘Bora, escrever outra história que não nos contaram, e nem contarão, mas calma que a gente vai pegar a caneta da mão do capitão e em 3016 você não vai ouvir a história do ponto de vista burguês e vão entender de uma vez o nosso lado, pois quem tem poder já falou muito, nós tá ligado!”

Noemy Alves, aluna integrante do projeto.

“Eu estou há três anos no Sarau, já aprendi muita coisa e continuo aprendendo, mas o que mais mudou em mim foi aprender a me reconhecer enquanto negra, mesmo não tendo a pele retinta. No Sarau, procuramos focar na resistência e não no sofrimento do povo negro, o que conseqüentemente me fez ter orgulho da cor negra, ao invés de dizer que sou parda e ter dó dos negros. Está evidente pra mim que sou descendente de um povo forte, uma geração de artistas, escritores, engenheiros e advogados, tenho consciência de onde vim e pra onde quero ir. Apresentar um poema autoral meu foi uma das melhores sensações que tive.”

Raíssa Lima, aluna do oitavo ano

“Esse ano pra mim foi um dos melhores, senão o melhor ano do Sarau, porque foi só em 2019 que exploramos mais o nosso potencial tanto como artistas, como em outros nichos, porque estudamos que existem diversos profissionais negros, o que nos mostrou que independente da nossa etnia podemos chegar aonde quisermos. Também gostei das conversas sobre a nossa estética, tenho certeza de que isso aumentou a autoestima de todas as crianças negras do projeto.”

Laíssa Mendes, aluna do oitavo ano

“Eu aprendi a me aceitar e me amar do jeito que sou. Consegui olhar cada traço meu de um jeito diferente, agora eu sei me respeitar. Aprendi coisa novas que nunca ouvi falar em outros lugares: João Cândido, negros que foram escravizados, tipos de cabelos, traços negros. Eu adoro estar no Sarau, eu me divirto e posso falar o que eu penso, então em vez de não fazer nada em casa, posso me divertir enquanto estudo.”

Luzia de Assis, aluna do sexto ano

**CATEGORIA IV – EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

1º LUGAR

Projeto:

Mundo do Trabalho

Unidade Educacional:

CIEJA Professor Francisco Hernani Alverne Facundo Leite

Responsáveis:

Antonia Elenir N. Comin,

Eliene da Rocha Carvalho e Larissa Perrella Scarabel

RESUMO DO PROJETO

Este projeto nasceu dos interesses dos educandos e educandas do CIEJA Francisco Hernani, com mediação da equipe pedagógica. Se desenvolveu ao longo do ano de 2019. Foi um projeto que promoveu aprendizagem por variadas linguagens e propostas: audiovisual, oficinas, vivências e palestras. Estas escolhas garantiram a acessibilidade dos estudantes uma vez que 12% dos estudantes de nosso CIEJA são pessoas com deficiência. Os resultados foram atingidos.

JUSTIFICATIVA

O CIEJA Francisco Hernani Alverne Facundo Leite atende jovens e adultos a partir dos 15 anos de idade. Sempre no início do ano letivo fazemos círculos de cultura e assembleias com o objetivo de conhecer a realidade social dos educandos e educandas. Nestes espaços os estudantes traziam muitas falas das dificuldades em conseguir um emprego dos direitos trabalhistas que muitos não tinham do trabalho informal que realizavam para sobreviver. Realizamos um questionário no Google Forms para conhecer sobre as condições de trabalho, profissão, situação profissional dentre outras informações. As respostas obtidas neste formulário orientaram a elaboração de ações deste projeto.

OBJETIVOS

- Entender o conceito de trabalho ao longo da história da humanidade
- Desenvolver se criticamente em relação às condições de trabalho e emprego no Brasil atualmente
- Conhecer sobre os direitos trabalhistas previstos CLT e outras legislações
- Refletir sobre a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho
- Compreender aspectos do sistema capitalista que influenciam a existência de empregos
- Refletir e problematizar o racismo estrutural que impedem a contratação de pessoas negras no mercado de trabalho
- Refletir e problematizar o racismo estrutural que impedem a contratação de pessoas negras no mercado de trabalho
- Discutir as possíveis mudanças no mercado de trabalho atual e futuro decorrente das mudanças tecnológicas
- Acessar direitos como a carteira de trabalho e banco de vagas públicos
- Identificar o que são acidentes de trabalho, doenças desenvolvidas por atividades profissionais
- Ter acesso a informações sobre cursos que preparam pessoas para ingresso no mercado de trabalho
- Apropriar se de recursos tecnológicos que possam colaborar nos desafios cotidianos e profissionais
- Conhecer formas cooperativas e individuais de produzir renda
- Refletir sobre as identidades profissionais dos estudantes e valorizar diferentes profissões
- Refletir sobre formas modernas de trabalho escravo

PÚBLICO-ALVO

520 estudantes

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Adriana Aguiar da Silva, Claudineia Novais Pereira da Silva, Edivan Vales Fernandes, Elaine Leite Berce, Emerson Regio dos Santos, Francineide de Oliveira Ferreira, Herbert Madeira Mendes, Ivonete Mangaba Machado, Maria de

Fatima Reami, Marisa Campos, Narima Cristina Iwaki, Renata Carolina Gibelli Messias, Rosana Conceicao Ferreira dos Santos, Waldirene Andre, Walkyria Sforzin Borges, Celia da Silva, Fabiana de Fatima Vallina e Rosana Marcolina dos Santos Vitorino

METODOLOGIA

- Estudos no horário coletivo dos docentes
- Planejamento Integrado de ações nos horários de planejamentos
- Atividades em sala de aula com os grupos de estudantes
- Palestras de profissionais sobre o tema “trabalho” com os estudantes
- Ações para a comunidade e estudantes

CRONOGRAMA

Fevereiro – Elaboração do projeto com os estudantes em assembleias e círculos de cultura

Março – Estudo e palestras para os docentes sobre dados e realidade do emprego no Brasil nas últimas décadas

Abril – Estudo em sala de aula sobre o tema/debates a partir dos filmes Tempos Modernos e O Estagiário

Maió – Estudo em sala de aula sobre o subtema História das Leis trabalhistas Brasileiras/ Direitos do trabalhador/Reformas trabalhistas/Trabalho/cidadania/ desigualdades sociais

Junho – Palestras sobre direitos trabalhistas com profissionais da área/ Avaliação das ações no primeiro semestre

Julho – Análise das avaliações dos estudantes e planejamento de ações para o segundo semestre

Agosto – Estudo em sala de aula do Racismo e preconceito no mundo do Trabalho. Parcerias com órgãos governamentais para acesso ao banco de vagas geral e vagas para PCD (Pessoas com deficiência)

Setembro – Estudo em sala de aula sobre Trabalho Escravo e obra de Sebastião Salgado.

Outubro – Visita à exposição de Sebastião Salgado –GOLD –Sesc Paulista

Novembro – O trabalho e a tecnologia. O Trabalhador do futuro. Registros de conclusão do projeto (Exposição fotográfica realizada pelos estudantes, construções poéticas a partir de objetos de trabalho, feira de atividades de renda dos estudantes, divulgação de trabalho autônomo e geração de renda dos/das estudantes).

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

No mês de fevereiro recebemos os estudantes em nossa unidade escolar. Realizamos o processo de escuta com círculos de cultura, assembleia e os estudantes juntamente com a equipe pedagógica definiram que o tema a ser estudado seria o Mundo do Trabalho. Ficou estruturado que no primeiro semestre o foco seria a legislação trabalhista e o conceito de trabalho ao longo da história e no segundo semestre as relações entre trabalho e tecnologia. Elaboramos um questionário no Google Forms que reuniu dados de trabalho de educandos e educandas, fonte de renda, ocupações, trabalho informal e formal. A partir das discussões destes dados pudemos conhecer a realidade dos estudantes em relação ao trabalho.

Com o objetivo de construir reflexões sobre as questões do trabalho na atualidade, a partir de março, nos horários de estudo coletivo (PEA) os professores refletiam sobre o tema. Essas reflexões começaram com uma parceria muito importante que trouxe para nossa escola o pesquisador e mestre em economia Marcos Paulo de Oliveira. Nessa formação começamos a compreender o panorama do emprego e trabalho no Brasil nas últimas décadas. Em outros momentos formativos assistimos vídeos e pesquisamos informações sobre o trabalho informal, que é uma realidade dos nossos estudantes. Em sala de aula os professores refletiam com os estudantes os conceitos debatidos nos espaços de formação.

Os professores escolheram a linguagem cinematográfica como meio de problematizar questões históricas do trabalho. O uso da linguagem cinematográfica é muito importante pois é acessível a todos os/as estudantes, pessoas com deficiência e também estudantes que não se apropriaram da leitura de textos escritos ainda. Os filmes escolhidos foram Tempos Modernos de Charles Chaplin e o documentário História das Coisas. A partir destes recursos audiovisuais os estudantes refletiram sobre as condições de trabalho, sobre o impacto da revolução industrial na vida das pessoas e sobre o modelo capitalista de consumo. Outra questão explorada pela

área de Ciências da Natureza foram as doenças decorrentes do trabalho.

Na sala de aula, nas diferentes áreas do currículo os professores abordaram as temáticas de História das Leis trabalhistas Brasileiras/ Direitos do trabalhador/ Reformas trabalhistas/Trabalho/Cidadania/Desigualdades sociais. A partir dessas discussões e analisando os dados obtidos por meio do questionário identificamos que tínhamos em nosso CIEJA um grande número de Trabalhadores Domésticos (porteiros, caseiros, diaristas, empregadas domésticas, cozinheiros(as), dessa observação feita pelo corpo pedagógico buscamos trazer Advogados da área trabalhista para fazer uma palestra sobre direitos e legislação do trabalho doméstico. Foi uma palestra muito rica, que atendeu os 4 turnos da nossa unidade escolar, em 2 dias, atingindo todos os estudantes. Estes participaram esclarecendo muitas dúvidas coletivamente e pessoalmente.

Os estudantes do módulo I e II se aprofundaram nas questões da cidadania e desigualdade social. No mês de junho em nosso sábado letivo eles realizaram uma apresentação da música Cidadão –Zé Geraldo, como parte de suas atividades sobre esse subtema.

Como parte das ações deste projeto criamos um mural de oportunidades no qual todos da escola poderiam contribuir com oportunidades de emprego, divulgação de cursos, divulgação de serviços.

No mês de junho os estudantes avaliaram as primeiras ações do projeto e trouxeram sugestões para o segundo semestre.

No mês de julho e agosto desenvolvemos mais uma ação no sentido de oferecer ferramentas tecnológicas na busca de geração de renda e potencialização dos pequenos negócios dos estudantes. Em nossa realidade temos muitos educandos e educandas com as ocupações autônomas ou que trabalham no mercado informal: costureiras, cozinheiras, faxineiras, muitas dessas pessoas são MEI(Micro empreendedor individual), por isso, nas aulas de informática os docentes realizaram oficinas orientando estudantes como utilizar o Word para confeccionar panfletos de divulgação de seus serviços e produtos. Além disso trouxeram informações sobre como se cadastrar no MEI, como consultar o cadastro. Outra ferramenta explorada pelos estudantes, mediados pelos docentes, foi o uso do Excel em rotinas de seu negócio. Outra oficina realizada foi de currículos, pois muitos jovens tinham curiosidade e nunca haviam construído um currículo. Adultos também se beneficiaram dessas oficinas.

No mês de agosto conseguimos uma parceria importante com a Secreta-

ria Estadual de Desenvolvimento. Tivemos em nossa unidade a presença de 3 funcionários do CAT (Centro de Atendimento ao Trabalhador) que atenderam estudantes e comunidade com a retirada de carteira de trabalho e inscrição no banco de vagas. Nesta ação tivemos a oportunidade de inscrever os nossos estudantes que são PCDs (Pessoas com Deficiência) nas vagas reservadas para este público. O acesso a este serviço também trouxe para os estudantes conhecimento de bancos de vagas online, por meio de aplicativos. Muitos estudantes desconheciam essa ferramenta.

O trabalho em nosso CIEJA acontece nas turmas regulares e para os estudantes com deficiência há além da aula regular o atendimento especializado complementar, no contraturno. Nesse atendimento especializado educadoras trabalharam, com os estudantes que fazem as atividades complementares, a temática do mundo do trabalho e projeto de vida. Foi também trabalhado com a família a importância de planejar com a pessoa com deficiência o seu futuro profissional.

Nos horários de formação dos professores e em sala de aula, com os estudantes, foram debatidos e aprofundadas questões sobre o acesso das pessoas com deficiência e pessoas negras ao mercado de trabalho. Esses debates ocorreram a partir de textos e depoimentos em vídeos como o TED da escritora Preta Rara, depoimentos de inclusão de pessoa com deficiência produzidos pelos SENAC/SP. Este tema foi muito importante, pois nossos estudantes são a maioria negros/pardos (de acordo com autodeclaração usando critérios do IBGE). Mais de 50% são migrantes nordestinos e os preconceitos e barreiras de acesso ao mercado de trabalho são recorrentes nas vidas destes sujeitos, portanto, foi nosso objetivo fortalecer essas identidades, no sentido de combater e não aceitar essas formas de preconceito, ainda recorrentes no cotidiano brasileiro.

No mês de setembro trouxemos para estudo em JEIF e sala de aula o subtema Trabalho Escravo. A partir do documentário “O lado negro do Chocolate”. As formas de escravidão moderna foram debatidas e estudadas em sala de aula. O subtema do trabalho escravo foi concluído em outubro quando os educandos e educandas conheceram o trabalho do artista Sebastião Salgado e visitaram sua exposição “GOLD” no SESC Avenida Paulista –uma exposição sobre Serra Pelada, o maior garimpo a céu aberto do Brasil.

No mês de outubro/novembro, nas semanas seguintes à visita da exposição e sensibilizados pela obra de Sebastião Salgado os professores e estudantes montaram uma intervenção fotográfica. Os/as estudantes faziam fotografias de seu cotidiano de trabalho, das condições de trabalho em que viviam

e depois selecionavam as fotos e as tratava em preto e branco. As fotografias foram expostas no mural da escola e na mostra cultural.

Em novembro os educadores estudaram e trabalharam com os estudantes o tema -“mercado de trabalho no futuro”, diante das mudanças tecnológicas. Estes debates foram realizados com filmes e vídeos. O filme Wall-e e o TED –O trabalhador do Futuro (Michelle Schneider). Nesta parte do projeto foi trabalhado a questão do meio ambiente de maneira interdisciplinar com o projeto Mundo Trabalho. Com o objetivo de valorizar todas as formas de trabalho e ocupações dos estudantes, os professores propuseram construções poéticas a partir de objetos de trabalho. Essas construções poéticas e objetos estiveram expostos na nossa mostra cultural no mês de dezembro. Foi também desenvolvida em dezembro uma palestra com a parceria de uma Psicóloga que atua na área de RHs de empresas. Esta atividade envolveu os educandos e educandas do período da manhã e intermediário com o tema “Ingresso no Mercado de Trabalho”.

A mostra cultural exibiu as atividades desenvolvidas ao longo do projeto e também foi um momento de oficinas e palestras de trabalhos manuais conduzidas por estudantes, como a oficina de crochê (Senhora Maria José) e palestra sobre produção de tecidos (Senhor João) além disso as professoras fizeram oficinas de detergente com casca de laranja, confecção de sacolas, turbantes e plantio de sementes. Nesta mostra cultural foi um momento de os estudantes exporem seus pequenos negócios, com uma feira de diferentes produtos que produzem para gerarem suas rendas, tapetes, sabão, alimentos, artesanatos.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação foi feita pela equipe pedagógica e pelos estudantes. Em ambas avaliações houve consenso, que refletir sobre o trabalho e as contradições do trabalho na atualidade é necessário na Educação de Jovens e Adultos. Portanto, foi um tema que engajou toda a unidade escolar e atendeu necessidades reais de educandos e educandas. Ao trabalhar o tema os estudantes jovens e adultos expressaram preocupação sobre como poderá ser o futuro e as razões do atual presente, em meio a questões como ao aumento do uso da tecnologia nos serviços, substituição da mão de obra, reformas trabalhistas, agenda econômica não sustentável e concentração de riqueza. As discussões, vivências, experiências do projeto permitiram que estudantes percebessem a necessidade de sua participação na busca e garantia de seus direitos. Am-

pliou a visão de mundo e deu voz aos estudantes para exporem sobre injustiças, preconceitos e racismos sofridos. Nesse projeto o estudante identificou caminhos que podem percorrer no campo institucional e político para requerer direitos e cidadania. As atividades do projeto e o trabalho interdisciplinar com a cultura afro-brasileira e indígenas, fortaleceram as identidades e a valorização das culturas dos estudantes.

DEPOIMENTOS

“Atividades muito importantes porque entendemos melhor como funciona algumas formas de trabalho, direitos trabalhistas. Interações entre professores e alunos fizeram o aprendizado mais eficiente e divertido.”

Avaliação feita por um/uma estudante

“Gostei muito do Sarau, filme Wall E, e o TED. E também da ação da emissão de carteira de trabalho e inscrição para emprego.”

Avaliação feita por um/uma estudante

“Muito bom, pois através dos vídeos podemos aprender sobre o mundo do trabalho nas empresas e trabalho escravo, e a luta para conseguirmos um salário digno, registro, horário de almoço (Charles Chaplin)”

Avaliação feita por um/uma estudante

“Gostei de tudo, filmes, debates, mostra cultural, saraus, carteira de trabalho inserção no mundo do trabalho e, apresentação de teatro”

Avaliação feita por um/uma estudante

“Continuidade com projetos de trabalho, inscrição para emprego, oficinas, TED profissional do futuro.”

Avaliação feita por um/uma estudante

“Foi muito bom discutir pra poder compreender melhor como as coisas e os direitos do trabalhador teve melhoria. Mais muitas coisas tem que ser revistas. Sugiro falar mais sobre os direitos dos trabalhadores porque muitos deles não são respeitados”

Avaliação feita por um/uma estudante

“Todas as explicações dos professores sobre o mundo do trabalho hoje em dia. Ótima explicação de direitos que nós não tínhamos a alguns anos atrás e hoje temos. Muito bom se preparar para entrar no mercado de trabalho.”

Vinicius de Mesquita /4D

“Achei interessante falar sobre esse tema, abordando vários assuntos. Ajudou a nós a compreender melhor sobre o trabalho e seus direitos”

Dayane/4C

“Foi bom assistir palestra com a advogada da legislação do trabalho doméstico porque foram esclarecidas algumas dúvidas que algumas pessoas tinham em relação aos direitos que tinham e não estavam cientes.”

Avaliação feita por um/uma estudante

“Foi muito bom participar das atividades, vídeos e o filme mundo do trabalho. A palestra com a advogada esclareceu várias dúvidas.”

Paulo/4A

“Fiquei por dentro de leis do trabalho que antes não tinha conhecimento, pois todos esses assuntos contribuíram para me tornar informado dos assuntos que antes não conhecia.”

José Antonio/4A

“Aprendemos sobre as dificuldades de trabalho, a falta de trabalho no nosso país, as más condições no trabalho também. Aprendemos sobre as doenças causadas por movimentos repetitivos.”

Avaliação feita por um/uma estudante

2º LUGAR

Projeto:

**Descolonizar os cotidianos (in)visíveis:
culturas e povos indígenas na formação da cidade de São
Paulo e da sociedade brasileira**

Unidade Educacional:

CIEJA Vila Prudente/Sapopemba

Responsáveis:

Thiago Fijos de Souza e Marcia Dalla Vecchia

RESUMO DO PROJETO

A partir dos estudantes surgiu nosso tema gerador: Povos indígenas. O coletivo docente decidiu elaborar ações e estratégias de ensino a partir da temática étnico-racial, de extrema urgência social, procurando atender aos anseios conjecturais da comunidade escolar. Ao cumprir a função social da escola, respondeu também à legislação para aplicação das temáticas sobre os povos indígenas do/no Brasil, contribuindo com a formação de cidadãos e cidadãs numa perspectiva antirracista e democrática.

JUSTIFICATIVA

No ano de 2019 as discussões entre professores e estudantes no CIEJA Vila Prudente/Sapopemba sobre a necessidade de tratar com profundidade as questões relacionadas aos povos originários do Brasil, principalmente em São Paulo, vieram à tona durante as aulas de Ciências Humanas, quando estudávamos a ocupação urbana e os problemas advindos dos alagamentos no fim do período das chuvas (que foi bastante intenso naquele ano). A importância dos rios na cidade foi sendo ressignificada, passando a ser interconectada com as referências de fundação de São Paulo de Pira-

tinga, entre dois rios - atuais Tamandateí e Anhangabaú.

Além da nomeação dos rios, outros nomes de lugares pela cidade passaram a ser problematizados nas aulas como, por exemplo, a macrorregião em que a escola está localizada, Sapopemba (do guarani sapê pen = árvore de raiz larga) ou da macrorregião Itaquera (do guarani Ita kera = pedra dormente/de sonho), de onde também recebíamos estudantes. Essa abordagem de natureza etimológica impulsionou a curiosidade dos estudantes, gerando assim uma demanda a ser investigada.

A discussão foi levada ao coletivo docente que decidiu elaborar ações e estratégias de ensino sobre a temática indígena para o semestre letivo seguinte, de modo a atender a demanda dos e das estudantes, sujeitos principais do processo educativo e, por extensão, pautando um tema de extrema relevância social. A esse respeito, a abordagem das questões sobre povos indígenas está prevista no calendário da Secretaria Municipal de Cultura (CMC) e da Secretaria Municipal de Educação (SME) denominado "Agosto Indígena", ao qual buscamos alinhar nossas atividades, recomendando a participação da comunidade escolar. Procuramos construir programações em instituições e lugares na cidade para que pudéssemos pensar e vivenciar experiências educativas diversas sobre o tema.

Importante ressaltar que o empenho e execução desse projeto pedagógico levado a cabo junto da comunidade escolar também estava previsto no Projeto Político do CIEJA Vila Prudente / Sapopemba, atendendo a Lei Federal 11.645/2008, contemplando o proposto no Currículo da Cidade, especialmente no que diz respeito à temática das relações étnico-raciais. De maneira sincrônica ao que desenvolvíamos na escola, a SME estava elaborando um documento integrante ao Currículo da Cidade, denominado Povos Indígenas: Orientações Pedagógicas, publicado no mês de conclusão de nossa experiência, em uma sintonia extremamente expressiva e relevante. Portanto, nossa iniciativa ocorreu par e passo com o esforço para que essa temática, voltada à uma educação antirracista, esteja pautada nos planos de ensino e nos projetos políticos pedagógicos das escolas da Rede Municipal de Educação.

OBJETIVOS

- atender a demanda dos/as estudantes da comunidade escolar mediando os estudos sobre os povos originários;
- abordar qualitativamente a temática das relações étnico-raciais, atendendo

- a Lei 11.645/2008 e contemplando o proposto no Currículo da Cidade;
- pesquisar e analisar as referências dos povos originários em São Paulo, desde antes da fundação da cidade até os dias atuais;
 - desconstruir estereótipos e combater preconceitos relativos aos povos denominados indígenas, corroborando com uma educação antirracista;
 - construir uma visão crítica sobre as condições sociais atuais dos grupos que se auto reconhecem como indígenas e suas lutas políticas;
 - perceber a influência indígena que permeia nosso cotidiano (na alimentação, na higiene do banho diário, no nome das coisas e dos lugares, por exemplo);
 - preparar os estudantes para visitar uma aldeia Guarani M'bya para o estabelecimento de trocas respeitosas.

PÚBLICO-ALVO

Toda comunidade escolar do CIEJA

EDUCADORES ENVOLVIDOS

Alice Amorim, Andreia dos Reis, Alexandre Pereira, Allan Nicolev, Angela Tamarino, Caique Augusto, Carla Sebastião, Claudio Bispo, Cleonice Ferraz, Douglas Sanches, Edson Alves, José Valdene, Marcelo Silva, Naira Coelho, Silvana Garcia, Vânia Majoral e Welington Fernandes.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica do projeto de ação pedagógica desenvolvido no CIEJA Vila Prudente/Sapopemba é freiriana, na medida em que reconhece o despertar do debate advindo dos estudantes, que desencadearam o tema gerador para impulsionar as aprendizagens, mobilizando a pesquisa para construção de conhecimento novo, a partir de conhecimentos e experiências dos educandos, por meio de uma pedagogia problematizadora, como prefere o patrono da educação brasileira.

Essa concepção também pode ser amparada no entendimento de Moacir Gadotti, em acordo e defesa da obra de Paulo Freire, como uma pedagogia

crítica e dialética, em que educador e educando aprendem juntos, numa relação dinâmica na qual a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, num processo de constante aperfeiçoamento.

Essa concepção também encontra as possibilidades pedagógicas contidas nas chamadas metodologias ativas, que, como antecipado por Paulo Freire, pretende realizar uma educação para autonomia, em que o estudante participa ativamente dos processos educativos construindo, como efeito, as bases para seu exercício de cidadão frente a democracia.

Outra referência teórico-metodológica fundamental foi da etnomatemática por possuir caráter transdisciplinar, além de potencializar, por meio de sua abordagem, a valorização e manutenção de tradições culturais em suas complexidades. A perspectiva teórica da etnomatemática procura explorar o saber e o fazer matemático de diferentes grupos, comunidades ou povos, delineando os possíveis caminhos de compreensão das culturas e do meio social em que se desenvolvem. Neste sentido, conforme nos ensina Ubiratan D'ambrósio, é possível promover o entender da lógica filosófica e matemática de povos tradicionais por meio de abordagem e reflexão qualitativa do patrimônio sócio-cultural das sociedades originárias, considerando seus modos de fazer, ser, compreender e calcular o mundo.

Para abarcar todas essas possibilidades teóricas, não poderíamos nos limitar ao espaço da sala de aula, muito menos da escola, por isso buscamos parcerias em outros espaços culturais na cidade, como foi o caso do acolhimento de nosso projeto junto do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e o Museu Jesuítico, assim como com o Sesc, unidade de Vila Mariana, e a articulação com comunidades indígenas, por meio da visita à Aldeia Guarani M'bya de Krukutu e com palestras ministradas no CIEJA por Malytxy, liderança da etnia fulni-ô de Pernambuco.

Com o intuito de alcançar a amplitude de nossos objetivos e intenções, os docentes se mobilizaram para estruturar a escola, de modo a promover discussões qualitativas sobre a temática, com aulas expositivas e coletivas no salão do CIEJA, com projeção de obras cinematográficas e literárias, por meio de pesquisas realizadas no laboratório de informática com foco nas questões étnico-raciais abrangendo todos os educandos da escola, de modo que ninguém ficasse de fora, democratizando a discussão em razão da realidade da EJA, tendo em vista que não seriam todos os educandos que teriam condições de participar das atividades de campo devido demandas pessoais, mas que assim puderam vivenciar o ambiente de debate e formação sobre os povos originários em nossa sociedade.

Somando esforços práticos e metodológicos para contemplar toda a comunidade escolar, os professores também propuseram e desenvolveram oficinas temáticas, conforme sua área de conhecimento e abordagem, por vezes com docência compartilhada e de modo multisseriado - com trabalho coletivo entre estudantes de etapas de alfabetização junto de estudantes das etapas finais - para estimular a convivência e a troca de conhecimentos entre a comunidade escolar.

CRONOGRAMA

Junho: demanda estudantil evidenciada; organização da proposta; comunicação ao colegiado de professores; elaboração do projeto pedagógico.

Julho: divisão dos trabalhos por área de conhecimento e definição das abordagens didático-pedagógicas; organização de oficinas temáticas interdisciplinares; pesquisa de atividades e pesquisa de campo em instituições culturais na cidade de São Paulo.

Agosto: discussão da temática indígena na escola; preparação da comunidade escolar para as saídas à campo, entre essas: 14/08 - espetáculo "Macunaíma uma Rapsódia Musical" - Sesc Vila Mariana; 17/08 - visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (1º grupo); 22/08 - Palestras em dois períodos (entre os turnos matutinos e noturnos) com liderança da etnia Fulni-ô, aldeia Águas Belas - PE; 26/08 - visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (2º grupo); 31/08 visita a aldeia Guarani M'bya Krukutu.

Setembro: desenvolvimento de oficinas temáticas interdisciplinares (brincadeiras indígenas, alimentação e ervas medicinais, arte e estética indígena, lógica matemática e confecção de cestarias e de peças de cerâmica, produção de peças artesanais e de arte, localização territorial e pesquisa de língua/idioma dos povos originários); pesquisa de campo 27/09 no centro de São Paulo e no Museu Jesuítico do Pateo do Collegio.

Outubro: fechamento e avaliação dialógica.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Importante destacar que o ânimo dessa ação pedagógica se desenvolveu levando em consideração a motivação dos estudantes no primeiro semestre de 2019. Isso ocorreu devido às discussões da área de Ciências Humanas entre

os Módulos III e IV, sobre os problemas urbanos de alagamento em São Paulo em fins de março, que foram muito intensos. Nesse sentido, foram sendo problematizadas questões relacionadas à ocupação de certos espaços na cidade, que não podem ser atribuídas a uma prática desordenada, mas sim a um projeto de ampliação da malha urbana, particularmente após as proposições de Prestes Maia, quando decidiu-se canalizar os grandes e médios rios para que, por cima deles, pudesse ser construídas grandes avenidas. Tal projeto urbano foi evidenciado pelo documentário que nos serviu como ponto de partida das diversas indagações apresentadas em aulas: *Entre Rios*, de 2009, dirigido por Caio Ferraz. Então, ao encontrar os rios invisibilizados, encontrou-se também nomes indígenas, que as turmas associaram ao apagamento desses sujeitos que nomearam e significaram a cidade - afinal São Paulo já foi de Piratininga (do Tupi Guarani, pira tininga = peixe seco). Nesse movimento curioso, passamos a investigar os nomes de lugares da cidade batizados com termos tupi-guarani, traduzindo-os.

Essas discussões estavam postas no mês de abril, lugar do famigerado “dia do índio”, quando então a partir dessa data também passamos a problematizar o contexto e estatuto de quem seria índio no Brasil. Tratamos o assunto com base no texto *No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é*, do antropólogo Eduardo V. de Castro, e fomos percebendo as potencialidades da identidade dos povos originários, bem como sua atualidade, tão resistentes que foram capazes de atravessar mais de cinco séculos demonstrando sua força contra os projetos coloniais de “etnocídio”.

A agenda para o estudo sobre os povos originários se espalhou entre os demais estudantes das etapas iniciais de alfabetização impulsionado por outros eventos. Um deles foi quando o professor Thiago promoveu uma exposição com imagens trazidas de uma expedição em bicicleta feita no Parque Nacional da Serra da Capivara, no estado do Piauí. As fotografias das pinturas rupestres comprovaram a longevidade da ocupação do atual território brasileiro, que datam de 50 mil anos, e essas informações aguçaram questões da comunidade escolar, problematizando a ideia de “descobrimto do Brasil”, diante das remotas evidências pictóricas e arqueológicas de ocupação humana dessas terras. Necessário destacar que um estudante piauiense guiou algumas monitorias das diversas turmas pela exposição de fotos da Serra da Capivara, promovendo trocas com professores e estudantes quando liderou as leituras e interpretações das imagens, assim como na descrição do semi-árido brasileiro. Como efeito dessa experiência, emergiu uma significativa valorização e empoderamento, não só do estudante que realizou a monitoria, mas

também dos estudantes naturais da região nordeste que foram percebendo tanto a importância desse patrimônio, quanto suas ligações afetivas de vida com a região, (re)valorizando com orgulho o conhecimento que trazem dessa riqueza conterrânea.

Seguido a esse momento, o coordenador pedagógico José Valdene teve contato com um espetáculo de releitura da obra Macunaíma, de Mário de Andrade, e construiu uma parceria com o Sesc-SP para levarmos estudantes da Unidade à peça dirigida por Bia Lessa. Com essa atividade de campo confirmada, o corpo docente passou a organizar, de modo interdisciplinar, os preparativos teóricos e conceituais para que a comunidade escolar pudesse otimizar aprendizagens com a apreciação do espetáculo que ocorreria em agosto.

Ainda antes do recesso de julho, o professor Thiago também construiu outras parcerias que se somaram ao projeto pedagógico sobre os povos originários que estava se desenhando. Entre essas parcerias que se efetivaram tivemos duas visitas monitoradas, com turmas distintas, ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE/USP, que exibia em sua programação a exposição “Resistência Já! União e fortalecimento das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena.”; além disso o professor viabilizou, junto com a professora Márcia, duas palestras realizadas no salão do CIEJA com uma liderança representante da etnia Fulni-ô de Pernambuco; e uma visita à aldeia Guarani M’bya, denominada Krukutu, localizada em Parelheiros-SP. Consideramos essa etapa de organização como antecedentes para a efetivação da ação pedagógica.

Ao retornar do recesso, ainda na última semana de julho, com a maior parte das atividades de campo externas ao CIEJA agendadas e confirmadas, iniciamos as atividades preparatórias da comunidade escolar com aulas coletivas. Esse foi o modo que definimos as sessões com todas as salas da unidade, sem divisão de turmas ou etapa de ensino, as quais eram realizadas no salão da escola.

Assim, sem fragmentar os estudantes em turmas, as professoras das etapas iniciais de alfabetização, dividiam todo o período de aula - que no CIEJA são de 2:15 - com os professores das áreas de Ciências Humanas, Ciência da Natureza e Linguagens e Códigos em uma aula única e conjunta. Foram duas dessas aulas coletivas, com objetivo de repertoriar os estudantes. Nessas aulas contextualizamos e discutimos a obra Macunaíma e a biografia de Mário de Andrade, com liderança dos professores de Códigos e Linguagens Alice, Cláudio e Edson. Posteriormente a essas aulas, estudantes e professores

desenvolviam atividades junto às turmas, cada qual em sua sala, onde, nos Módulos, as reflexões específicas de cada área de conhecimento ou etapa de ensino eram realizadas.

O objetivo de trabalhar com essa organização coletiva e interdisciplinar foi, para além de construir reflexões sem barreira disciplinar, repertoriar os estudantes que iriam ao espetáculo, assim como os demais estudantes da escola que não iriam assistir a apresentação. Essa estratégia foi a alternativa encontrada diante dos desafios específicos de atenção ao nosso público, composto por jovens, adultos e idosos que tem uma realidade particular a ser incorporada e respeitada principalmente ligada ao fato de serem trabalhadores/as, além de suas responsabilidades domésticas e familiares que de forma frequente se sobrepõem às atividades escolares. Desse modo buscamos democratizar os conhecimentos sobre a temática indígena explícita na obra de Mário de Andrade para além do grupo de pouco mais de oitenta estudantes que foram assistir o espetáculo.

Essa incorporação dos que não foram ao teatro se ampliou com o retorno dos que tiveram a experiência empírica, quando apresentaram em suas turmas narrativas próprias sobre o trabalho de campo, não restrito ao espetáculo, mas marcado também pela experiência de transitar na cidade como quando, por exemplo, os professores chamaram a atenção dos estudantes dentro do ônibus, ao margear o rio Tamanduateí (do Tupi tamandúá teí = tamandúá Prêmio Paulo Freire 2020 – Formulário de Inscrição 6 verdadeiro), atravessando o parque o Ibirapuera (do Tupi Guarani ibirá puera = madeiras/árvores apodrecidas), ou ainda fomentando as discussões em classe.

A estratégia de aula coletiva não se limitou à dias pontuais, e sim foi incorporada como prática didático-pedagógica para repertoriar a comunidade escolar sempre antes das atividades de campo ou quando recebemos a palestra (em duas sessões) de um representante da etnia Fulni-ô da aldeia de Águas Belas, Pernambuco. Isso foi importante para a formulação e execução desse projeto pedagógico, pois criou espaços coletivos de conhecimento, formação e socialização que se construíam de forma democrática entre toda a comunidade escolar, numa tentativa de contornar o problema da não adesão total dos estudantes às atividades externas, em decorrência dos problemas sociais já apontados anteriormente.

Com a construção do repertório que antecedeu o evento, os estudantes apresentaram confiança para estabelecer interlocução com Malytxy Fulni-ô, preparando questões críticas sobre a conjuntura em que os povos originários estão sendo submetidos. Como efeito, espontaneamente, os estudantes or-

ganizaram uma prática de solidariedade que foi a arrecadação de alimentos, resultando em uma coleta de 200 quilos de alimentos não perecíveis e roupas que foram enviados à aldeia Fulni-ô em Pernambuco, bem como o fornecimento de um caminhão pipa de água potável à comunidade.

As aulas coletivas também foram a forma didático-pedagógica utilizada para preparar os estudantes para a visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo, que conseguimos efetivar em duas oportunidades, uma delas em um sábado, propiciando aos estudantes trabalhadores uma maior possibilidade de adesão à atividade de campo. O esforço de democratizar os conhecimentos construídos no MAE seguiram a mesma estratégia da experiência teatral, em que os estudantes que foram a campo apresentaram aos demais o que vivenciaram, promovendo assim discussões sobre cultura indígena dos grupos que figuraram na exposição: Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena.

Com a comunidade escolar já repertoriada sobre o debate das questões étnico-raciais, no último dia do mês de agosto, vivemos um dos eventos de grande representatividade e significação no desenvolvimento do projeto: a visita a aldeia Guarani M'bya Krukutu, onde conhecemos o escritor, filósofo e liderança guarani Olívio Jekupé que realizou palestra exclusiva a nossa comunidade na casa de reza a respeito do pensamento e cosmovisão guarani. Nessa visita a campo foi possível experienciar o acolhimento do povo guarani que recepcionou com muita gentileza os estudantes, promovendo caminhada na mata com destino a represa Billings, demonstração de equipamento de caça, como a zarabatana e arco e flecha, bem como um espaço de compartilhamento coletivo na hora da alimentação com parte da comunidade que acompanhou nossa visita. Uma vez mais foi construída uma iniciativa solidária que partiu dos e das estudantes: a entrega da arrecadação de roupas e alimentos às pessoas que vivem em Tekoa Krukutu. A despedida da aldeia figurou com emoção, com apresentação musical guarani, mais uma vez na casa sagrada de reza. Essa visita teve grande potencial humanizador na experiência educativa, e marcou positivamente os conhecimentos ali vivenciados, que repercutiram na escola durante semanas.

Todos esses conhecimentos se articulavam com as discussões postas em sala de aula, no cotidiano em que a temática indígena era aprofundada. Nas aulas de Arte, com o professor Alexandre, por exemplo, os estudantes pesquisaram grafismos indígenas e sua simbologia, a importância da mandioca para os povos originários, estudando seu mito de origem e a centralidade desse alimento com seu estatuto sagrado, assim como as diferentes formas de rea-

propriar o tubérculo, como alimento ou como expressão artística.

Os aspectos recreativos e lúdicos próprios dos povos originários também foram abordados pela professora Ângela na sala de recursos, atendendo aos estudantes com necessidades especiais. Naquele ambiente, ampliou-se junto desse público as discussões que acompanhavam irrestritamente em suas turmas, e assim desenvolveu-se a construção de jogos e brinquedos como a peteca, bem como a reprodução das pinturas rupestres expostas na escola, e a elaboração de tintas naturais com base em urucum e carvão, por exemplo.

A proposta da área de Ciências da Natureza, liderada pela professora Márcia, em parceria com a professora Cleonice, foi desenvolver atividades por meio das concepções teóricas da etno matemática, com oficinas de cestaria e grafismo indígena com toda a comunidade escolar, a partir de materiais reciclados. Também da área das Ciência da Natureza partiu a discussão dos conhecimentos tradicionais, medicinais e terapêuticos dos alimentos, dos usos de ervas para curar doenças de toda sorte, os segredos e propriedades dos chás de variadas plantas, além das propriedades de cascas de árvores e seiva de plantas que colaboram com cicatrizações e possuem propriedades anti-inflamatórias, por exemplo.

Para análise e observação desses elementos e fenômenos, as professoras promoveram a instalação de um laboratório de ciências, com recursos para desenvolver experiências físico-químicas e, no decorrer do desenvolvimento dessas atividades, ocorreram também rodas de conversas com variados temas, tais como: identidade e memória; preparo e degustação de alimentos; realização de uma dinâmica de roda energética sobre empatia e “troca” de energias positivas, além da apresentação de documentários sobre a tradição cultural indígena.

A área de Linguagens e Códigos, com a professora Alice e os professores Edson, Cláudio e Wellington, colaboraram com o aprofundamento da biografia de Mário de Andrade e sua obra Macunaíma, bem como foram abordadas também outras obras literárias indígenas mais contemporâneas que tratam das múltiplas cosmovisões dos povos originários, a partir de autores como Daniel Munduruku, Davi Kopenawa e Airton Krenak, por exemplo.

Nas etapas de alfabetização, ou Módulos I e II, as professoras Andréa, Carla, Naira, Silvana e Vânia realizaram ricas oficinas sobre as culturas indígenas, particularmente sobre os modos de fazer e desenvolver utensílios e peças de cerâmica em toda sua complexidade, desde o manuseio da argila como matéria prima, a modelagem das peças, o processo de secagem,

queima e acabamento da cerâmica, resultando na confecção de peças lindíssimas que foram finalizadas com uma carga simbólica especial para os estudantes, tendo sido expostas para comunidade escolar.

Os professores responsáveis pela área de Ciências Humanas, Allan, Douglas e Thiago utilizaram obras cinematográficas e documentais para ilustrar a discussão como os filmes Terra Vermelha, dirigido por Marcos Bechis, sobre a genocídio do povo Guarani Kaiowa no Mato Grosso e Xingu, dirigido por Cao Hamburger, sobre o processo de criação do parque do Xingu e as políticas e direitos relativos aos povos originários. Também utilizaram vídeos documentários disponíveis na plataforma Cineastas Indígenas e Vídeo nas Aldeias, que são materiais roteirizados, dirigidos e interpretados por diversas etnias indígenas do Brasil. A área também promoveu pesquisa no site do Instituto Socioambiental (ISA), com apoio do professor Caique, promovendo mapeamento e pesquisa da diversidade populacional, social, cultural e linguística dos povos originários e as regiões que ocupam no território brasileiro.

Coube aos professores da área de Ciências Humanas a problematização das condições sociais dos povos originários na atualidade, que vivenciam o abandono do poder executivo federal que sucateou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e vem incentivando a subtração de suas terras e direitos estabelecidos desde a constituição de 1988. Essa área de conhecimento com professor Thiago também foi responsável pelas parcerias de atividades externas, somando ao empenho constituído pelo coordenador José Valdene que possibilitou a oportunidade aos estudantes de assistir o espetáculo teatral no Sesc Vila Mariana.

Ainda em fins de setembro, realizamos o último trabalho de campo em visita ao centro de São Paulo, percorrendo a área antes alagada pelo rio Tamandateí, onde se encontra atualmente o terminal Parque Dom Pedro. Essa saída a campo teve como destino o Museu Jesuítico no Pateo do Collegio, em que os os estudantes participaram de visita monitorada, enriquecendo mais ainda seus repertórios.

Desse modo, coletivo e interdisciplinar, somamos esforços e procuramos abordar as complexidades relativas à temática étnico-racial, focada nos povos originários, atendendo a legislação e principalmente a demanda da comunidade escolar, construindo conhecimentos múltiplos e diversificados junto e com os estudantes do CIEJA.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Considerando a perspectiva e a concepção freiriana do projeto de ação pedagógica, a avaliação levou em conta a estrutura e o processo de aprendizagem, portanto dialógica. O desenvolvimento coletivo das atividades na comunidade escolar possibilitou um processo de ensino-aprendizagem significativamente satisfatório, atingindo nossos objetivos.

Acreditamos termos construído um círculo de investigação com vistas a proporcionar um conjunto amplo e global de experiências para o desenvolvimento e a aquisição de estrutura cognitiva situada no espaço/tempo, sem preocupação em aferir erro-acerto, mas pela superação de preconceitos em uma avaliação prospectiva, de modo a distanciarmos-nos do que Paulo Freire chamou de educação bancária, como também nos ensina um grande educador assumidamente freiriano, José Eustáquio Romão em *Avaliação Dialógica*. Nesse livro, Romão argumenta que para a educação ser libertadora, o processo avaliativo não pode se realizar por um evento de cobrança, mas deve ser uma passagem transformada em mais um momento de aprendizagem, tanto para o estudante quanto para o professor(a). Foi desse modo que procuramos discutir e dialogar com os estudantes sobre os conhecimentos adquiridos, sobre as experiências na aldeia, no teatro, no museu e nas oficinas e palestras. Assim pudemos, professores e estudantes, aferir que a condição atual dos povos originários não está muito distante da realidade dos estudantes da EJA, no sentido das dificuldades de vida enfrentadas e dos direitos subtraídos.

Esse tipo de análise e avaliação teve os e as estudantes como protagonistas, o que deixou transparecer como efetiva a transformação que uma educação humanizadora pode gerar em uma comunidade escolar, pois uma das conclusões a que chegaram foi justamente, através da alteridade/diferença, reconhecerem condições comuns de existência entre educandos do CIEJA e os povos indígenas com os quais tiveram contato de alguma maneira.

Acreditamos ainda ter construído bases para uma educação antirracista e solidária, rompendo estereótipos e preconceitos contra as populações originárias, reconhecendo sua parte ativa, histórica e atual, na formação social brasileira. Assim, ressignificamos nosso cotidiano e pensamento, seja estourando pipoca, comendo farofa ou tapioca, ou ainda por meio do reconhecimento de rituais cotidianos indígenas como, por exemplo, o banho diário. Além disso, passamos a olhar e escutar de outra maneira os nomes de ruas e bairros, outrora apenas plasmados como um nome qualquer. Os envolvidos levaram consigo as marcas destes conhecimentos também materializados em peças de mandioca pintadas

com grafismos geométricos, em cestos trançados ou, ainda, em objetos de cerâmica elaborados pelos estudantes que os amassaram, modelaram e assaram no espaço da escola. Experiências significativas de extrema relevância, que podem ser conferidas nos depoimentos a seguir.

DEPOIMENTOS

“Aprendemos muita coisa sobre os indígenas. O melhor foi na tribo guarani (...) lá aprendi várias coisas, eles são bem unidos, tudo é de todo mundo, são bem religiosos. São pessoas que só luta pela sua terra de direito, lá também eles fazem artesanatos pra vender e ter dinheiro pra comprar o alimento. Lá tem campo de futebol e represa, eu adorei o passeio porque lá a gente pode ver como eles vivem de verdade, são como a gente”

Nilda 4ºD

“Trabalho com reciclagem e estou fazendo cestas iguais as que aprendi nas aulas de cestaria. Só que estou fazendo com os fios que recolho, estou pintando e vendendo. Aprendi a fazer cestas iguais as deles [dos indígenas], e como eles vivem da venda das cestas e outros objetos, eu também estou vendendo as minhas”

Gilberto, 2ºD

“(...) extremamente importante a palestra do índio fulni-ô. Ele mostrou que são guardiões da floresta e estão lá para manter suas culturas, no momento em que não tem muitas árvores, só desmatamento e as nascentes secando. Precisamos parar de destruir o planeta”

Maxwell, 4ºE

“cada atividade que participei sobre os povos indígenas aprendi muito, participei da palestra do índio fulni-ô, fui no museu na USP, na aldeia Guarani, no pátio do colégio, que foram experiências adquiridas que se não fosse com a escola não viveria nada disso. Foi um grande aprendizado que abriu meus olhos para perspectivas amplas sobre a cultura, tradição e nossas origens indígenas”

Priscila, 4ºD

“Neste estudo aprendi que os indígenas têm histórias importantes e merecem respeito. (...) aprendi sobre a importância do bom convívio com o próximo, sobre a importância das leis que protegem os indígenas, sobre as diferenças das tribos”

Severina, 4ºC

“Sobre as atividades dos indígenas foi muito importante porque eu não conhecia a cultura deles e pude conhecer nesses role [saídas a campo] e na escola”

Ygor, 4ºD

3º LUGAR (EMPATE)

Projeto:

Encontro Brasil Angola - arte africana e afro brasileira da tradição à contemporaneidade

Unidade Educacional:

CEU EMEF Professora Cândida Dora Pino Pretini

Responsável:

Michelle dos Santos Lomba

RESUMO DO PROJETO

Promover o encontro entre estudantes do EJA e artistas angolanos, a fim de propiciar trocas afetivas de narrativas desses dois povos irmãos, o Brasil e a Angola. Além de, praticar uma pedagogia etnicorracial, emancipatória e antirracista balisada nos Direitos Humanos que preza pelo reconhecimento identitário através de criações artísticas em dança, teatro, poesia, música e artes visuais, para então, conhecer, reconhecer e valorizar as manifestações artísticas africanas e afro brasileiras.

JUSTIFICATIVA

O projeto Encontro Brasil Angola - arte africana e afro brasileira da tradição à contemporaneidade, justifica-se pela urgência de práticas pedagógicas antirracistas, pautadas na educação étnico racial, a fim de valorizar a cultura africana e afro brasileira, bem como, combater o racismo no âmbito escolar.

A escola está localizada no conjunto de moradia popular Promorar Rio Claro, situado no bairro Parque São Rafael, no distrito de São Mateus, no extremo leste da cidade de São Paulo com altos índices de vulnerabilidade social. De acordo com dados da Fundação Seade, o distrito de São Rafael possuía cerca

de 136 mil habitantes e entre 1991 e 2004 e apresentou uma taxa média de crescimento populacional de 3,3% ao ano, uma das mais elevadas da cidade de São Paulo neste período. Este crescimento se deve tanto aos movimentos de ocupação realizados por famílias de baixa renda desde a década de 1960 até os dias de hoje, quanto ao deslocamento de famílias que foram beneficiadas por políticas públicas de habitação graças à luta dos movimentos sociais organizados.

Dito isso, cabe destacar a intensa desigualdade social e econômica, assim como, os altos índices de violências de diversas origens, como homicídios que são responsáveis por 13% das causas de morte na região, as violências domésticas, violências de gênero, violências sexuais, entre outras, além dos constantes conflitos com a lei, o crescente desenvolvimento do tráfico de drogas e o aliciamento de crianças e adolescentes em práticas criminosas. Muitas são as dificuldades enfrentadas pelos (as) estudantes e suas famílias relatadas cotidianamente no ambiente escolar, em especial, nas aulas de Arte, onde são propostos espaços de criação artística que valoriza as narrativas pessoais dos (as) estudantes.

Logo, questões como a ausência de saneamento básico, o acúmulo de lixo, a falta de manutenção da retirada de matos, perda de casas, objetos pessoais e móveis devido às enchentes nos períodos chuvosos, a desapropriação de terras, habitações construídas em péssimas condições, falta de ruas asfaltadas, desemprego, falta de alimentação adequada e a ausência de serviços públicos que garanta os direitos previstos na Constituição Federal, são vivências estas, explicitadas e traduzidas em poéticas artísticas em diferentes linguagens da arte.

Portanto, aprofundar o entendimento em arte africana e afro brasileira, tanto quanto, os atravessamentos de exclusão gerado por processos históricos, amplia a percepção da população negra e periférica, predominantemente inserida na Educação de Jovens e Adultos, para a percepção da própria construção identitária, logo, esses processos artísticos políticos pedagógicos contribuem para ampliar o reconhecimento da própria vida, já que as turmas são compostas por trabalhadores e trabalhadoras, na maioria das vezes informais e/ou pessoas desempregadas que retornam aos estudos em busca da inserção no mercado de trabalho e jovens oriundos da evasão escolar, gerando o processo de juvenilização na EJA.

Grande parte dos (as) estudantes são pardos (as) e negros (as), porém não se auto declaram como tal, pois dificilmente reconhecem a identidade brasileira composta pelos povos originários, a invasão portuguesa, os processos

escravagistas cometidos às populações africanas e as influências imigratórias de exploração que constituem nossa estória. Esses processos históricos geraram desigualdades sociais que perpetuam até os dias de hoje, sobretudo, o racismo praticado ainda na atualidade de forma estrutural, fruto de um longo período de escravização de povos africanos e a falta de inserção social desses povos após a abolição, resultaram em um sistema perverso de marginalização que perdura e permanece excluindo pessoas negras de ocupar espaços por direito, como é o caso da escola.

Soma-se ao racismo estrutural, o machismo e as desigualdade de gênero e classe, que desembocam na falta de acesso à educação, à moradia, à saúde, ao trabalho remunerado, a formação artística e todos os direitos previstos nas legislações, que são negados a esses estudantes. Inclusive aos estudantes deficientes, em especial, aos estudantes surdos presentes na nossa escola que por ser um pólo bilíngue, tem assegurado o direito à aprendizagem e a permanência escolar, graças a interpretação simultânea de todas as atividades artísticas em libras.

Sendo assim, a realização deste projeto, vem de encontro a esse contexto e visa contribuir para a conscientização desses estudantes, e principalmente, garantir o direito à formação artística, gratuita e de qualidade, através das práticas artísticas que valoriza a origem dos (as) estudantes, a cultura negra, a arte periférica e as manifestações artísticas africanas e afro brasileiras presente no cotidiano e que permanece imperceptível, desvalorizada e sofrendo inúmeros ataques graças ao racismo estrutural que também gera intolerância religiosa.

Além disso, após constatar uma compreensão limitada sobre cultura e manifestações artísticas de origem africana e afro brasileiras, repleta de racismo e preconceitos que se revelaram nas aulas de arte através de comentários como: “Porque temos que estudar isso?”, “A professora fica falando de macumba”, “Eu não gosto de coisa de preto”, “Ai, sai para lá, coisa ruim”, entre outras, além da recusa por parte de alguns estudantes em participar das aulas por associar as “coisas erradas, maldades e magias”. Muitas vezes, ao entrar na sala para ministrar aulas de arte com instrumentos musicais como pandeiro, alfaia e/ou djembe, alguns estudantes pediram para se retirar da sala, demonstrando não ter interesse ou ainda se recusar a pegar no instrumento para participar da proposta apresentada, alegando inclusive, serem proibidos pelas lideranças religiosas a participar de práticas de capoeira e de samba.

Sendo assim, fez-se necessário desenvolver este projeto, para a partir das narrativas de artistas e educadores africanos, desconstruir tantos pré-concei-

tos disseminados ao longo da história em diversos âmbitos sociais, como as instituições religiosas, midiáticas, o senso comum e até mesmo durante a trajetória escolar.

Essa realidade aliada ao meu interesse pessoal em pesquisas teóricas, práticas pedagógicas e trabalhos artísticos em teatro do/a oprimido/a, danças e músicas afro brasileira, performances sobre mitologia dos orixás, em diálogo com o Projeto Político Pedagógico da escola e o permanente desejo de ampliar repertório cultural dos estudantes que com a participação dos artistas educadores angolanos/as culminaram no desenvolvimento deste projeto.

Cabe salientar, que o projeto também atende as leis federais, 10.639 (2003) e 11.645 (2008) que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e das culturas africanas, afro brasileira e dos povos indígenas/originários, as matrizes dos saberes do currículo da cidade de São Paulo para Educação de Jovens e Adultos, as orientações didáticas do componente curricular Arte e as orientações didáticas etnicorracial da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. As ações baseiam-se nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da Agenda 2030, como, o ODM 3 - Saúde e Bem-estar; ODM 4 - Educação de Qualidade; ODM 5 - Igualdade de Gênero; ODM 10 - Redução das Desigualdades; ODM 16 - Paz, Justiça e Instituições eficazes. Em relação às matrizes de saberes, que tem como propósito formar cidadãos éticos, responsáveis e solidários que fortaleçam uma sociedade mais inclusiva, democrática, próspera e sustentável.

As sequências didáticas das atividades propostas, justificam-se pelo levantamento feito pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo que aponta que 47,8% dos estudantes acham legal participar de projetos culturais, 57,5% dos estudantes acreditam ser mais fácil aprender quando o professor usa tecnologia, jogos e músicas e outros recursos, 55,4% de estudantes defendem que aprendem mais fácil quando o professor abre espaço para discussão, 48,8% dos estudantes acham importante que na escola tenha atividades de curiosidade e criatividade, 45,3% defendem que para aprender melhor seria bom que a escola tivesse palestras de interesse dos estudantes e 59% diz aprender melhor quando faz atividades em grupo nas aulas. Considerando todos esses fatores que o projeto foi sendo desenhado ao longo da sua execução, de forma coletiva entre estudantes participantes, artistas angolanos e professora proponente. Cabe destacar, que as ações artísticas pedagógicas, vem de encontro também com a valorização do dia 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra, uma data de luta para o movimento negro organizado.

A definição dos campos conceituais se deu por meio de referências nos direitos de aprendizagens da Etapa Complementar e Final do EJA Regular, como, linguagem práxis social inter-relacional na interdisciplinaridade, expressão artística e estética que se dá através da criação crítica reflexiva, da fruição e da proposição de processos de criação, saberes e fazeres culturais e experiências artísticas a partir da realidade do (a) estudante.

OBJETIVOS

O objetivo principal foi conhecer, reconhecer, valorizar, analisar, criar artisticamente de forma coletiva e colaborativa, através das linguagens em artes visuais, dança, música e teatro, a fim de viabilizar a inclusão efetiva do corpo como força mobilizadora de um processo educativo, para dar visibilidade ao legado cultural e as práticas artísticas africanas presentes na cultura popular brasileira e gerar aprendizados por meio da afetividade, da experiência do encontro que gera empoderamento, autoestima, criticidade e o respeito às múltiplas identidades para então, combater o racismo e os preconceitos com a arte africana e arte afro brasileira, equivocadamente atrelada a negatividade e a inferioridade.

Além disso, compartilhar as experiências do intercâmbio na Angola, bem como, a vivência na realização de oficinas de Teatro do/a Oprimido/a, de danças africanas e afro brasileiras, visitação a escolas públicas, apresentações artísticas e assistência de espetáculos de grupos artísticos africanos.

Para então, propor criação e apresentações de poesias de temática racial, práticas de danças e músicas afro brasileira (samba, maracatu, coco, rap, funk), confecção de máscaras africanas, práticas de Teatro do/a Oprimido/a com jogos teatrais, Teatro Imagem e Teatro Fórum.

Por fim, realizar apresentações didáticas de danças tradicionais e contemporâneas de Angola (kuduro, kizomba, semba e danças tribais), máscaras africanas, palestra sobre aspectos culturais do país e apresentação das produções realizadas pelos estudantes para os/as artistas angolanos/as.

PÚBLICO-ALVO

O projeto envolveu quatro turmas da EJA Regular, sendo duas turmas da

Etapa Complementar e duas turmas da Etapa Final, contemplando cerca de oitenta estudantes de dezesseis a sessenta e sete anos.

METODOLOGIA

A metodologia experienciada foi sendo costurada coletivamente, a partir de três pilares: legislação educacional vigente, intercâmbio na Angola e repertório cultural dos (as) estudantes.

Sendo assim, fizeram parte das escolhas metodológicas, referências às leis federais 10.639/2003, 11.645/2008 que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e das culturas africanas, afro brasileira e dos povos indígenas/originários, o Currículo da Cidade de São Paulo para Educação de Jovens e Adultos, as Orientações Didáticas de Arte para a EJA, as Orientações Didáticas Etnicorracial da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, a Abordagem Triangular de Ensino de Arte de Ana Mae Barbosa, práticas de Teatro do Oprimido de Augusto Boal, Teatro das Oprimidas de Bárbara Santos, Pedagogia do Oprimido, da Autonomia e da Indignação propostas por Paulo Freire, o documentário “Movement (R)evolution África”, referências artísticas afro brasileiras como, o Maracatu Nação Pernambuco, a Aurinha do Coco, a Dona Ivone Lara, Racionais M’c, grupos Abadá Capoeira, poeta Dinha, Coletivo Slam da Guilhermina, e, as referências artísticas angolanas, como, o grupo de danças Bismas das Acácias, o Teatro Ombaka, Inocêncio Oliveira, Manuel Albano, Paulo Tatório, Lucas Katimba, Globo Dikulu, ANIMART, Projeto Raizes, FESTECA – Festival Internacional de Teatro do Cazenga/Angola.

Nas aulas de Arte, foram realizadas explicações teóricas e práticas sobre as manifestações artísticas afro-brasileira, a partir, do levantamento prévio do repertório e entendimento sobre cultura, Arte, África e cultura negra. Em roda, os (as) estudantes compartilharam seus saberes pessoais, e, a partir daí, as turmas foram divididas em pequenos grupos para realização de pesquisas sobre origem, características e representações artísticas dos gêneros da música, da dança, do teatro e das artes visuais, que posteriormente foram compartilhadas com as turmas, na ocasião da realização do Sarau com a participação da AEL Dinha - Academia Estudantil de Letras.

Os (as) estudantes participaram de rodas de conversas mediadas pelo Grupo Abayomi que abordou temáticas como, negritude, representatividade, preconceito e racismo. Esses debates contribuíram para as práticas de Teatro do/a Oprimido/a, o experimento de jogos teatrais, improvisações cênicas e

práticas de Teatro Fórum. Aliada ao teatro, os (as) estudantes expressaram-se também a partir da escrita poética, com referências a literatura marginal periférica que denuncia as mazelas sociais.

Após essas proposições, iniciaram as produções artísticas autorais, onde cada grupo optou pela linguagem artística para se manifestar. Depois de algumas aulas de criação e ensaios, os estudantes receberam a visita de artistas educadores angolanos para apresentação artística de danças tradicionais e contemporânea, além da exibição de máscaras africanas e palestra sobre as manifestações artísticas realizadas.

Na mesma ocasião, os (as) estudantes apresentaram para os angolanos, músicas dos gêneros afro brasileiros: rap e samba, poesias autorais sobre valorização da cultura negra e abolição da escravatura, além de participarem da aula de dança proposta, terem a oportunidade de fazer perguntas aos convidados e entrar em contato com a riqueza, diversidade, pluralidade e multiculturalismo da arte africana contada e apresentada por artistas africanos. Todas as atividades propostas ao longo do projeto, tiveram a interpretação em libras para garantir a inserção dos estudantes surdos nos processos de ensino aprendizagens.

Após a visita, foram produzidas e expostas máscaras africanas e os (as) estudantes realizaram uma avaliação escrita para verificação das aprendizagens conforme os objetivos de conhecimento do currículo da cidade de São Paulo Arte - EJA e fizeram produções de texto relatando as experiências vividas no projeto.

CRONOGRAMA

O projeto ocorreu ao longo do 2º semestre de 2019 e iniciou com o intercâmbio de 10 dias em Angola, para realização de oficinas de Teatro do/a Oprimido/a, de danças afro brasileiras, visitação a escolas públicas, apresentações artísticas e assistência de espetáculos.

Na escola, as etapas foram realizadas conforme segue, embora as etapas tenham se entrecruzadas e algumas ocorridas simultaneamente conforme o interesse e desenvolvimento dos (as) estudantes.

1. 05 a 16/08/2019 - Explicações teóricas e práticas sobre as manifestações artísticas afro-brasileira;

2. 19 a 30/08/2019 - Divisão de grupos para realização de pesquisas sobre origem, características e representações artísticas dos gêneros da música, da

dança, do teatro e das artes visuais;

3. 02 a 13/09/2019 - Compartilhamento das pesquisas realizadas;

4. Setembro/ Outubro - Participação das rodas de conversas mediadas pelo Grupo Abayomi

5. 07 a 18/10/2019 - Práticas de Teatro do/a Oprimido/a;

6. 21 a 25/10/2019 - Práticas de escrita poética com foco nas discussões de gênero, raça e classe da população negra;

7. Outubro - Produções artísticas autorais;

8. Outubro e novembro - Ensaios;

9. 24/10/2019 - Realização do Sarau com a participação da AEL Dinha – Academia Estudantil de Letras;

10.7/11/2019 - Apresentação de artistas educadores angolanos;

11.11 a 22/11/2019 - Produção e exposição de máscaras africanas;

12.18 a 22/11/2019 - Avaliação escrita individual;

13.18 a 22/11/2019 - Registro escrito sobre a participação no projeto.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto ocorreu no 2º semestre de 2019 e iniciou com o intercâmbio de 10 dias em Angola, na realização de oficinas de Teatro do/a Oprimido/a, de danças afro brasileiras, visitação a escolas públicas, apresentações artísticas e assistência de espetáculos. Na escola, a partir do compartilhamento do intercâmbio, realizamos rodas de conversa sobre racismo, explanações teóricas com exibição de imagens e vídeos sobre arte africana e afro brasileira, criação e apresentação de poesias de temática racial, práticas de danças e músicas afro brasileiras (samba, maracatu, coco, ciranda, rap e funk), confecção de máscaras africanas, práticas de Teatro do/a Oprimido/a com jogos teatrais, Teatro Imagem e Teatro Fórum.

Por fim, exibição de apresentações didáticas de danças tradicionais e contemporâneas de Angola (kuduro, kizomba, semba e danças tribais), máscaras africanas, palestra sobre aspectos culturais do país, apresentação das produções realizadas pelos estudantes para os/as artistas angolanos/as.

A gestão escolar colaborou com a estrutura, apoio, recepção dos angolanos/as e desenvolvimento das atividades. Os docentes de História, Geografia e Português entrelaçaram saberes nas aulas específicas de suas disciplinas, por exemplo, para localizar a África como continente e não como um país, como

é costumeiro o entendimento por muitos estudantes, e reconhecer a Angola como um país diverso no continente africano. Além de leituras de obras de Carolina Maria de Jesus e cenas de espetáculos de Abdias do Nascimento.

O projeto foi influenciado por artistas educadores brasileiros/as e angolanos/as que vivenciaram o intercâmbio Brasil/Angola viabilizado pelo Coletivo Raízes e a Globo Dikulu. A gestão do Polo UNIVESP São Rafael propôs rodas de conversa sobre racismo com o Coletivo Abayomi, a biblioteca Mário Palmério contribui com a organização do Sarau, que contou também com a participação dos estudantes do Fundamental II (9º ano) da AEL Dinha - Academia Estudantil de Letras, que realizou apresentações para estudantes do EJA, profissionais da limpeza, segurança e alimentação da escola, que também, participaram na assistência das apresentações artísticas realizadas pelos artistas angolanos e os estudantes do EJA.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação ocorreu durante todo o processo pedagógico, através de avaliação diagnóstica para levantar conhecimentos prévios sobre arte africana e afro brasileira e planejar as sequências didáticas; avaliação formativa para acompanhar as aprendizagens dos/as estudantes que se deu em forma de rodas de conversa, registros, percepção de interesses, observação do envolvimento discente, orientações para o desenvolvimento e apresentações artísticas, a fim de ajustar as práticas artísticas aos processos de aprendizagem e avaliação por escrito, como parte da avaliação cumulativa para verificar o que os/as estudantes aprenderam durante o projeto e atentar para a retomada de objetos de conhecimento.

Houve mudanças expressivas na participação nas aulas de Arte e encantamento ao conhecer os/as artistas angolanos/as. Os/as discentes passaram a respeitar, reconhecer e valorizar a arte africana e afro brasileira como parte integrante da construção da identidade cultural brasileira.

DEPOIMENTOS

“Em uma roda de conversa, é bom porque você expõe suas ideias e ouve ideias alheias, porque muitas vezes o que é certo para você não é certo para os outros. Na roda de

conversa você aprende a conhecer outras culturas porque até o jeito de conversar de cada pessoa é cultura e temos que aprender a respeitar uns aos outros.”

Lucimar Freitas, estudante do EJA Regular - Etapa Complementar

3º LUGAR (EMPATE)

Projeto:

EJA trabalhando cultura maker e robótica com sucata

Unidade Educacional:

CEU EMEF Manoel Vieira de Queiroz Filho

Responsável:

Viviane Sabino Calaça

RESUMO DO PROJETO

O projeto “EJA trabalhando cultura maker e robótica” teve como objetivo trabalhar a produção e consumo sustentáveis associando ao tema a linguagem de programação, o pensamento computacional, o trabalho em equipe e o protagonismo estudantil, uma vez que permitiu ao educando pesquisar, planejar, executar e apresentar um projeto com o qual ele se identificava.

JUSTIFICATIVA

Alguns alunos da EJA trabalhavam com coleta de recicláveis, pensando em explorar o eixo de programação e associá-lo à realidade dos educandos surgiu a ideia de fazer um projeto que envolvesse a cultura maker e a robótica com sucata.

Além disso, como o bairro onde eles moram e estudam não conta com o serviço de coleta seletiva, pensamos em reaproveitar materiais que são descartados, mas poderiam ser reutilizados.

OBJETIVOS

Trabalhar o eixo de programação previsto no currículo de tecnologias e associá-lo a realidade dos educandos, permitindo explorar o conhecimento prévio dos mesmos sobre o tema e aprimorar os saberes. Abordar os ODS relacionados

ao desenvolvimento sustentável e as matrizes do saber 7 e 8: Responsabilidade e Participação Saber: Reconhecer e exercer direitos e deveres, tomar decisões éticas e responsáveis para consigo, o outro e o planeta(...) Empatia e Colaboração Saber: Considerar a perspectiva e os sentimentos do outro, colaborar com os demais e tomar decisões coletivas(...)

PÚBLICO-ALVO

Alunos das etapas de alfabetização, básica, complementar e final da EJA, com idade entre 15 e 70 anos, divididos em 9 turmas, tendo em média 30 alunos em cada uma delas.

METODOLOGIA

Com o objetivo de trabalhar a o eixo Programação previsto no currículo e os ODS relacionados ao desenvolvimento sustentável, foi proposto aos alunos o desenvolvimento de um projeto de robótica com sucata. Em grupos, após assistir vídeos e fazer pesquisa sobre o tema, os educandos deveriam escolher um projeto para desenvolver.

CRONOGRAMA

1. Exibição do vídeo Cultura maker: Que bicho é esse? (julho)
2. Considerações sobre robótica e cultura maker. (agosto)
3. Exibição de vídeos com projetos de robótica com sucata. (agosto)
4. Pesquisa sobre projetos de robótica com sucata. (setembro)
5. Escolha e seleção de materiais para elaboração de um projeto de robótica com sucata. (setembro)
6. Desenvolvimento do projeto de robótica com sucata em grupo. (setembro/outubro/ novembro)
7. Término e revisão do projeto. (outubro/novembro)
8. Apresentação do projeto de robótica para os demais estudantes da turma. (novembro/ dezembro)

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Após a exibição do vídeo sobre cultura maker, houve uma conversa sobre a importância do consumo e da produção sustentável, os educandos perceberam a importância de reciclar e reutilizar certos materiais, em especial o lixo eletrônico que poderia servir como motor para os projetos que seriam por eles desenvolvidos. Cada grupo pesquisou, escolheu e executou um projeto de robótica ou cultura maker com sucata. Os materiais utilizados foram coletados por eles, que a cada aula iam desenvolvendo o projeto conjuntamente até finalizá-lo. Ao final, os trabalhos foram apresentados e expostos na escola para que estudantes de outros períodos também pudessem ver.

Uma das ações mais importantes desse projeto foi o convite e participação dos alunos da EJA na feira de tecnologias que ocorre anualmente na rede e que contou pela primeira vez com a participação de alunos dessa modalidade.

Quatro alunos levaram, expuseram e explicaram seus trabalhos aos participantes do evento.

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Todos os objetivos foram contemplados, os alunos perceberam a importância do consumo e da produção sustentável e o eixo de programação foi abordado gerando a necessidade de ampliar os saberes, sendo assim, partiu dos educandos a iniciativa de desenvolver projetos de robótica utilizando os kits de robótica educacional disponíveis na escola. Alguns grupos começaram a esboçar novos projetos no final de 2019 e deram início a eles em 2020, infelizmente devido à pandemia não foi possível dar continuidade.

Confira a lista dos projetos inscritos no Prêmio Paulo Freire 2020

Categoria I – Educação Infantil

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Despertar da consciência	CEI	Caminhar Com Amor II	Claudia Bassalo Resque e Gislene de Cassia Pinheiro dos Santos
Eu me remexo muito	CEI	Edna Rosely Alves	Elaine Aparecida Pasiani de Paula e Sandra Maria Carnevalle
Leitura e teatro - Trocas confusas	CEI	Helena Pereira de Moraes	Andréia Duarte do Nascimento
Cultivando novos hábitos - bebês e crianças têm direito a uma alimentação digna e saudável!	CEI	Jardim Santa Tereza	Mariana Silva Lima, Katia Aparecida Porfirio, Camila Aparecida Machado Simões e Priscilla Pereira Costa Dantas
Territórios que dão voz aos bebês	CEI	Jardim Santa Tereza	Carla Mota Soares, Petrina A. Assis Cinoti e Mariana Silva Lima
Descriminação da implantação de rotina de atividades de psicomotricidade fina em crianças dos minigrupos I e II no Centro de Educação Infantil Jardim Somara	CEI	Jardim Somara	Ana Lúcia Hashimoto Serafim
Quintal	CEI	Maria Jose de Souza	Ana Claudia Almeida Lourenço de Carvalho
Quem eu sou?	CEI	Nelson Mandela	Kely Cristina da Silva, Vanda de Oliveira Pires, Keila Moraes Nascimento e Cecilia Antonio

Projetos Premiados 2020

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Alimentação saudável e horta	CEI	Professor Durval Miola	Eliana Alves Gaspar, Priscila Martines dos Santos e Alessandra Carvalho da Silva
Espaços para narrar, brincar e imaginar: O Caso do Bolinho	CEI	Professor José Ozi	Rosana Picariello e Marcia da Cruz Shinomya
Materialidades: o olhar generoso dos bebês para o mundo dos objetos	CEI	Professor José Ozi	Claudia Barbosa Nascimento e Rita de Cássia da Silva Pontes
Brincar de quê?	CEI	Professora Anita Castaldi Zampirolo	Mariza dos Santos Rodrigues w Tatiana Rejane Freitas Dias
Flor do Mamulengo, valorizando a diversidade!	CEI	Vereador Cid Franco	Vanessa Pereira Menino e Aparecida Regian Yano Alves
Saídas culturais – Ultrapassando os muros do CEI	CEI	Vereador João Toniolo	Maria Josineide Alves Severo e Job Menezes de Souza Junior
Arte contemporânea da natureza	CEI	Vila Inglesa	Caroline Rodrigues Almeida dos Santos e Viviane Cassimira Marcondes
Os bebês fazem arte: a arte no mundo sensorial	CEI	Vila Inglesa	Janaína Gomes Viana, Daniele Cristina Nogueira Gonçalves e Priscila Vaz
Viva a poesia viva!	CEI	Vila Inglesa	Patrícia Cardoso de Araújo e Daniella Campilongo
Quantas cores tem o céu? – Relações entre cores, luzes e sombra	CEI	Wilson José Abdalla	Ana Barbara dos Santos
Eu e os Dinos	CEI	Yojiro Takaoka	Carla Augusta Seixas Carneiro Silvestre

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Brincando com as histórias no mundo encantado da imaginação	CEMEI	Casa Blanca	Cristiane Macedo Balmant da Silva e Lucimeire de Oliveira Soares
Vivenciarte	CEU CEI	Azul da Cor do Mar	Maria de Lurdes Almeida, Flávia Barbosa Vieira da Silva, Maria Aparecida Rodrigues Gomes e Sibeli Giazzi Carasek
O universo na palma da mão	CEU CEI	Butantã	Ana Maria da Cruz, Ivanilde Aparecida De Santana e Sheila Silva De O. Santiago
Interface de aproximação e parceria com as crianças e familiares no processo pedagógico em tempos de pandemia – Brincando, cantando e aprendendo!!	CEU CEI	Jaçanã	Beatriz Teixeira de Souza
Ler é Tocar!	CEU CEI	Jaçanã	Rosana Aparecida Bregreiro
Tecendo os saberes através das brincadeiras	CEU CEI	Parque São Carlos	Andréia Rodrigues de Miranda, Priscila Pereira de Souza Machado, Tabata Ferreira de Andrade Matos e Maria Eliete de Lima
Calendário negro	CEU EMEI	Braz Jaime Romano	Elizangila Sousa de Jesus, Isis Santana de Freitas, Giovanna Cesar Turco Aguiar e Liliam da Silva

Projetos Premiados 2020

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Democratização do livro na EMEI Paz	CEU EMEI	Paz	Susete Aparecida Rodrigues Mendes, Juliana Mota Fardini Gutierrez, Bruno Alberto dos S. Cyriaco e Cristiana de Souza O. da Conceição
Cantos de aprendizagens, utilizando materiais não estruturados como recursos pedagógicos	CEU EMEI	Professora Irene Manke Marques	Vander Martins e Viviane Soares Nascimento
Jornal Turma da Pintura	EMEI	Afonso Sardinha	Fabiane de Oliveira Paes Bezerra
Olhares e descobertas da criança	EMEI	Afonso Sardinha	Aparecida Sueli Santos Gramacho Costa, Sandra Cavaletti Toquetão, Maria de Sousa Farias e Tatiana Maria de Oliveira Bernardino
Africá e de lá	EMEI	Angelo Martino	Marcia Fernandes Pereira Ramos
Simba em casa	EMEI	Antonio Munhoz Bonilha	Juliane Cristine dos Santos Teixeira
Desvendando o centro histórico de Santo Amaro: escutar as crianças e dialogar com o território	EMEI	Borba Gato	Verônica Maria Garbin, Silvana M.P. de Oliveira Barini, Rose Castro de Barros e Lilian Morelli Mansano
Entorno, para um mundo mais sustentável	EMEI	Dona Maria de Lourdes Coutinho Torres	Sirlene Socorro da Dalto de Souza, Elaine Patricia Clementino, Suely Rosa e Lindalva Isabel da Silva Borges
Viagem para África	EMEI	Dona Maria de Lourdes Coutinho Torres	Lindalva Isabel da Silva Borges, Sirlene Socorro da Dalto de Souza e Anadelia Silva Picolo

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Conhecendo e sendo em São Paulo	EMEI	Gabriel Prestes	Vanessa de Oliveira Santos, Nathalia Cordazzo dos Santos, Patricia Helena da Rocha Feltrin e Amanda Gomes Pinto
Além dos muros: conhecendo, interagindo e modificando nossos territórios	EMEI	Julio Alves Pereira	Débora Lambert Gomes Nonis, Cristina Bezerra da Silva Alves, Lilian Valim Pioli e Cristina Pollefrone Macario
A chuva é mais forte que o sol?	EMEI	Júlio de Mesquita Filho	Tatiana Camilo Lopes
Representações de crianças de cinco anos: o colega com deficiência e a apropriação dos espaços	EMEI	Manuel Bandeira	Talita Delfino e Ariane Amorim Lima
África somos todos nós	EMEI	Margarida Maria Alves	Alexandra Alves Sobral
Gente: só é feliz, quem sabe que a África não é um país: Mancala Awelé eu e você...	EMEI	Mário Alves de Carvalho	Jussara Nascimento dos Santos e Fabiana Moutinho Pereira Souza Morgado
Caminhos da inclusão	EMEI	Miroel Silveira	Cecília Aparecida Silva Leonel e Valdete de Lima da Conceição
Le grand tour: viagem ao território da francofonia	EMEI	Montese	Talita Alves Silva
Grupo Lia de Itamaracá: a parceria na construção de uma educação integral e integradora	EMEI	Nelson Mandela	Lígia Chiavolella Barbosa de Oliveira e Roberta de Cassia Costa Silvestre
Jongo: uma roda pela igualdade	EMEI	Nelson Mandela	Carolina Gitahy Hamburger

Projetos Premiados 2020

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Na minha quadra todo mundo joga: desconstruindo estereótipos de gênero e construindo a coletividade nas brincadeiras	EMEI	Nelson Mandela	Priscilla de Lima Rocha
Brincando e aprendendo: um exercício do protagonismo infantil	EMEI	Origenes Lessa	Bruna Farias Gomes dos Santos, Noemi Melato, Katya Castellini Colarusso e Elidamaris Salles Gomes
Cuidando de nós	EMEI	Padre Mauro Baptista	Maria Donizete Mota Fernandes, Luciane Santolin Uhr Viana Santos, Tania Regina Vieira de Oliveira e Maria Cecília de Oliveira
Canto Coral da EMEI Patrícia Galvão	EMEI	Patrícia Galvão	Fernanda Coutinho de Abreu Zani e Lígia Maria Lacava Klein
Mini História: EU SOU MAIS EU!	EMEI	Pedreira I	Manoela Nunes Agarie e Jacqueline Aparecida da Silva Aguiar Reis
Tesouros do jardim	EMEI	Pestalozzi	Hilary E.B.B.Sardelari
A democratização do ensino através do empoderamento das crianças	EMEI	Porto Nacional	Rodrigo Tavante, Rosinea Pereira Zenone, Norma Cristina Dos Santos e Tatiane Negreiros De Moura
Tramas e Territórios	EMEI	Professor Alceu Maynard de Araújo	Elaine da Silva Santana, Sara Mendes Siqueira, Débora Carubbi Clete e Andrea Lalli de Freitas

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
Horta: da fazenda ao restaurante - A criança descobrindo o caminho para uma alimentação saudável	EMEI	Professor Gianfrederico Porta	Débora Cristina Salatiel de Siqueira, Rosemeire Martins Rodrigues da Silva, Valci Barreto da Silva e Cristiane Andréia Lopes da Silva
Valores e emoções com o pequeno príncipe e emojis	EMEI	Professor Gianfrederico Porta	Cristiane Andréia Lopes da Silva e Gisele Valentim Nicolau de Moraes
Mulheres incríveis da nossa história	EMEI	Professor Henrique Ricchetti	Jaqueline Ferreira de Macedo
Territórios Brincantes: revelando as múltiplas formas de ser criança no extremo sul - vivências com a infância guarani	EMEI	Professor José La Torre	Keila Cristina Rocha Carvalho, Nilma Ferreira Andrade e Aline Oliveira Lemos Nepomuceno
Identidade e autonomia na Educação Infantil	EMEI	Professora Aparecida de Lourdes Carrilho Jardim	Débora Batista dos Santos
Descobrimo a música	EMEI	Professora Eldy Poli Bifone	Cinthia Bettoi Pais e Graziella Oliveira Silva
Encontros com famílias	EMEI	Professora Eldy Poli Bifone	Cinthia Bettoi Pais
Assembleia Mirim	EMEI	Professora Fúlvia Rosemberg	Márcia Suzuki
Coral EMEI Fúlvia Rosemberg	EMEI	Professora Fúlvia Rosemberg	Renata Oliveira da Silva Costa e Vilma Cavalcante Sabino da Silva
Era uma vez a minha vez	EMEI	Professora Fúlvia Rosemberg	Luciene Heloísa André de Souza e Cláudia Rodrigues

PROJETO	SIGLA	NOME DA INSTITUIÇÃO	RESPONSÁVEIS
E.B.A. – Encantar, brincar e aprender	EMEI	Professora Maria Lucia Petit da Silva	Amanda Barros de Souza Cioccia, Isabel Aparecida da S. S. Nascimento, Suzana Elisabeth Jahcha e Naira Denise Lopes
Desemparedando, o brincar potente com e na natureza	EMEI	Professora Odilea Botta de Mattos	Aline Aparecida Machado Bortoto e Érika Luiza da Fonseca
O grande rabanete	EMEI	Professora Odilea Botta de Mattos	Aline Aparecida Machado Bortoto, Érika Luiza da Fonseca e Rafael Domingues Pastor Silva
Assembleia e Conselho Mirim: protagonismo e cidadania infantil	EMEI	Ricardo Gonçalves	Monique Naiara Martin Luz, Thellma Figueiredo De Souza e Cleópatra de Magalhães Barbosa

Categoria II – Fundamental I

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Inclusão em movimento	CEU EMEF	Água Azul	Fernando Toledo Cardoso
Coral Feitiço	CEU EMEF	Feitiço da Vila	Nazaré Aparecida Barbosa e Danielle Vieira Dias Cargo
Protagonismo infantil - Disseminando valores	CEU EMEF	Jaçanã	Grace Cuencas Carvalho, Rosangela Dantas Cortez, Luzinete Ferreira da Silva e Helen Cristina de Oliveira Marques

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Brincar é Cultural!	EMEF	Alexandre de Gusmão	Almira Silvestre da Silva, Elisabete F. N. Costa Leão, Karen Cristina da Silva e Maria das Graças
Somos capazes: brinquedos gigantes – múltiplas potencialidades	EMEF	Alexandre de Gusmão	Daiane de Oliveira Bernardes
Raça! Qual raça? Somos todos HumanAry!!!	EMEF	Almirante Ary Parreiras	Kelli Regina Gomes Felizardo, Marlene Dos Pereira Dos Santos, Luiz Fernando Machado e Luana Guarany
Mulheres que mudaram o mundo	EMEF	Coelho Neto	Genilda Santo Araújo e Alexandre Ernani dos Santos
Resistir	EMEF	Deputado Caio Sérgio Pompeu de Toledo	Renilde Santos dos Passos e Josiane Januário
FRUVS	EMEF	Deputado José Blota Júnior	Roberta Pires Caetano e Rosinei de Oliveira Moraes
Mancala Awelé	EMEF	Deputado José Blota Júnior	Roberta Pires Caetano e Rosinei de Oliveira Moraes
Fotocurrículo de Educação Física	EMEF	Dona Angelina Maffei Vita	Lucas da Silva Fachini
E agora, a escola sumiu?!? Pedagogia do afeto em tempos de pandemia	EMEF	Dona Angelina Maffei Vita	Gladis Cassapian Barbosa
A hora do Conto. Deixa que eu conto!	EMEF	Doutor Manoel de Abreu	Adriana da Silva, Jamilly Yasmin Costa, Jéssica Samara Verissimo Silva e Raquel Gomes de Melo

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Caixas de Sapatos: como inovar em sala de aula, tendo como pano de fundo os problemas do bairro onde o aluno reside	EMEF	Duque de Caxias	Paulo Roberto Magalhães, Joyce Maria dos Santos Leite Silva, Thaís Ribeiro Santos Silva e Fernanda Coimbra Hengler
Da exclusão ao protagonismo da mudança	EMEF	Elias Shammass	Sandrea de Almeida Moura Aquino, Laura Paulina Ribeiro, Tatiane Alves Da Silva Xavier e Isabel Cristina Bernardo
“Tudo vai dar certo”: cantar, brincar e gravar videoclipes na aula de inglês	EMEF	Frei Francisco de Mont’Alverne	Geisy Nunes Adriano
Brincadeiras de matrizes indígenas e africanas no Gianfrancesco	EMEF	Gianfrancesco Guarneri	Duarte Alves Martins Cabrita e Luiz Alberto Tomaz dos Santos
Animação: desenhos em movimento	EMEF	Hipólito José da Costa	Rodrigo Pignatari
Aprendizado da animação em diálogo com as manifestações artísticas	EMEF	Marechal Mascarenhas de Moraes	Rodrigo Mendes de Oliveira
Comer e brincar	EMEF	Ministro Anibal Freire	Márcia Martins Castaldo, Elder de Lima Magalhães, Célia Cristina de Figueiredo Cassiano e Margareth Garcia da Silva
Incluir? É possível	EMEF	Olival Costa	Aline Bernardino dos Santos
A vida marinha “grita” por socorro em stopmotion	EMEF	Plínio Ayrosa	Angela Márcia da Guarda Gallep

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Balé Popular do Brasil	EMEF	Prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz	Júlia de Oliveira Galli
Educando através da dança	EMEF	Professor André Rodrigues de Alckimin	Alessandra Gomes da Silva
Universo Harry Potter	EMEF	Professor Florestan Fernandes	Silvia Gil
Educação financeira: um aprendizado divertido e para vida inteira!	EMEF	Professora Áurea Ribeiro Xavier Lopes	Lilian Regina Richetti Cecareli
Brincando em diferentes mundos	EMEF	Professora Cecília Moraes de Vasconcelos	Egle Anny dos Santos e Roseli Monteiro
Transformando vidas	EMEF	Professora Shirley Guio	Luciene Alves do Nascimento e Janaína Aparecida de Souza
EMEF Raul de Leoni - 50 anos construindo história	EMEF	Raul de Leoni	Tayz Lucas de Oliveira Souza, Silvia da Silva Gaia e Camilla Borges de Souza Pereira
Taking care of my health: dos alimentos que escolho aos meus cuidados pessoais	EMEF	Rui Bloem	Juliana Lima Nascimento
Alfabetização e letramento no sentido da vida	EMEF	Sebastião Nogueira de Lima, Des.	Eunice Dias Rigotti, Nelson Moreira Leite, Eliane Regina Ribeiro Magno Gonçalves e Katia Maria Ferreirinho Dinis
Desbravando a cultura afro-brasileira	EMEF	Sérgio Milliet	Andreza Cristina Braga
Eu e os Direitos Humanos na EMEF Sérgio Milliet	EMEF	Sérgio Milliet	Jéssica Gomes de Jesus Oliveira

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Circulando - Transformando espaços e relações, consigo e com o outro, por meio da cidadania, sustentabilidade e da cultura do brincar	EMEF	Ulysses da Sylveira Guimarães	Ludimilla de Paiva Pinto e Marluce Paulino Peixoto

Categoria III – Fundamental II e Médio

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Cartas libertárias: lugares, histórias e sonhos	CEU EMEF	Mara Cristina Tartaglia Sena	Rodrigo Luis de Oliveira
Fotografia: aprendizagem muito além dos muros da escola	CEU EMEF	Professor José Rezende	Emerson Aparecido de Souza e Ritche Soares
Vidas na periferia importam	CEU EMEF	Professor Paulo Gonçalves dos Santos	Ademar Degasperri, Marcio Anatole de Sousa Romeiro, Marli Aparecida Covissi e Mitue Shoegima
Vocês não estão sozinhos	CEU EMEF	Professora Maria Aparecida de Souza	Elaine Cristina Ribeiro Da Silva
Compartilhamento de práticas inovadoras para acesso a serviços públicos de mobilidade ativa	CEU EMEF	Professora Rosângela Rodrigues Vieira	Felipe Félix de Alcântara, Tatiani Cristina Marques, Danilo Lisboa Barros e Maria Ester de Camilo

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Malala viaja pelo mundo	CEU EMEF	Professora Rosângela Rodrigues Vieira	Elisângela Germano de Oliveira, Izabel Rodrigues de Oliveira, Luzia Silva dos Santos e Marcia Rogéria Costa do Nascimento
Alimentação e saúde	EMEF	Alexandre de Gusmão	Erica Rodrigues Dias da Silva, José da Silva Dias e Elisabete Freitas do Nascimento Leão
Banheiro de Shopping "A ascensão social"	EMEF	Alexandre de Gusmão	Fábio Moraes Gonçalves
Mediação de Conflitos da EMEF Alexandre de Gusmão: da escuta à ação – uma experiência de protagonismo	EMEF	Alexandre de Gusmão	Fabiola Figueiredo da Silva, Josimara Pimentel de Oliveira, Luciana Fátima Mariano e Pedro José da Silva Neto
Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E, sobre o que podemos falar?	EMEF	Alexandre de Gusmão	Lenilson de Souza Thomaz
Oficina de alunos – Fábrica de conhecimento	EMEF	Altino Arantes	Fábio da Costa Marinho
Sarau Heranças Afro: a ruptura do silêncio e o emergir de novas identidades	EMEF	Anna Silveira Pedreira	Lidiane Pereira da Silva Lima
Um olhar sobre o nosso bairro: equipamentos públicos, políticas públicas e convivência no Teotônio Vilela	EMEF	Bartolomeu Campos de Queirós	Daniela Pinheiro Alvani Terciano, Everton Lima Freitas, Priscila Alexandre do Nascimento Pereira e Jurema Carla Pupo de Freitas
A linguagem da robótica como meio de inclusão escolar	EMEF	Brigadeiro Haroldo Veloso	Edson Luiz Plateiro

Projetos Premiados 2020

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Cultura indígena na escola	EMEF	Cacilda Becker	Marilene Lopes de Araujo
Poesia na escola: Paraisópolis - o lugar onde eu vivo	EMEF	Dom Veremundo Toth	Katia Melo
Leitura, escuta e transformação de texto (2019)/ O herói e sua jornada (2020)	EMEF	Duque de Caxias	Carla Ferreira da Silva
Território Jaraguá Nova Geração	EMEF	Estação Jaraguá	Henrique Macedo Justiniano, Maria Aparecida da Silva e Tatiani Ribeiro
Trilogia dos Poderes	EMEF	Estação Jaraguá	Henrique Macedo Justiniano, Maria Aparecida da Silva e Tatiani Ribeiro
Bosque da leitura	EMEF	Ezequiel Ramos Júnior	Júlio Sergio Costa e Marta Regina Alves Dias Silva
Correspondentes do bem	EMEF	Ezequiel Ramos Júnior	Júlio Sergio Costa e Marta Regina Alves Dias Silva
60 Anos – A história da escola em uma viagem musical	EMEF	General Henrique Geisel	Mariza de Fátima Cipriano
Bem-estar na escola	EMEF	José Maria Lisboa	Fernando Cavalli
Feira de ciências e tecnologia	EMEF	Julio Mesquita	Vitor Hugo Matias dos Santos, Vanessa de Mello Borges, Thiago de Oliveira Nogueira e Suzete Fraga Mayer
Investigando o paradeiro da criatura de Frankenstein	EMEF	Marechal Mascarenhas de Moraes	Márcio Luiz Okada Amoroso Quedinho
English Plus +	EMEF	Mário Moura e Albuquerque Bel.	Priscilla da Silva

Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
CENA (Coletivo Estudantil Neuza Avelino) - ressignificando nossas histórias	EMEF	Neuza Avelino da Silva Melo	Samara Belchior da Silva Valença e Marcelle Marques de Andrade
Um país chamado Grajaú: cartografia afetiva do bairro, sua história, personagens, coletivos e organizações sociais	EMEF	Padre José Pegoraro	Thabata Soares Damasceno dos Santos, Michelle Santana de Almeida, Lucidalva de Azevedo Ribeiro Gonçalves e Carlos Alberto Ribeiro de Amorim
Caminhos do TCA 2019 – Produção do Trabalho Colaborativo Autoral	EMEF	Padre Manoel de Paiva	Marcos Vinicius de Andrade Steidle e Dieverson Miller Dos Reis
Identidade	EMEF	Professor Benedito Montenegro	Beatriz Nogueira de Sousa, Marcos Holmo Martin, Renata Maria Costa da Silva e Talita Nogueira Martins
Escola: lugar onde as diferenças se encontram	EMEF	Professor Giuseppe Tavoraro	Cimara Pianta Frederico e Claudia Ramos de Andrade Cavassini
Ocupação dos espaços públicos da cidade de São Paulo	EMEF	Professor Henrique Mélega	Sueli Aparecida dos Santos Godoy, Thaís Klarge Minoda e Edneusa Cássia Ribeiro Leite Fernandes
Sustentabilidade	EMEF	Professor João Carlos da Silva Borges	Maria Claudia Faes da Silva, Sandra Estuque Garcia Nastri, Sulamita da Silva Rodrigues e Ana Paula
Clube de ciências para meninas	EMEF	Professor Luis Roberto Mega	Veroneide Pereira da Silva e Tatiana Pereira da Silva

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Novas tecnologias promovendo o protagonismo e a interação família/escola - inovando com o Moodle	EMEF	Professor Quirino Carneiro Rennó	Luiz Antonio Andrade Raymundo, Raquel Menegussi, Flavia Vilela e Edno Candido
Coletivo Co-criando a Escola: o protagonismo juvenil e a gestão democrática	EMEF	Professora Áurea Ribeiro Xavier Lopes	Carina Jakitas Fonseca
Bonjour, madame!	EMEF	Professora Maria Lúcia dos Santos	Márcia Rosa dos Santos Silva
A casa do furnarius rufus	EMEF	Professora Shirley Guio	Adriana de Carvalho Mesquita, Ana Luiza Viana, Marcia Coltre Cordeiro e Rosilene M.F.Rodrigues
Caminhos da Vila Ede	EMEF	Professora Shirley Guio	Douglas Alexandre Faria
Voz ativa estudantil	EMEF	Professora Shirley Guio	Thiago Santos Moreira
Eu sou a cor que eu quiser	EMEF	Roquette Pinto	Mariana Moi Bonfim Jongbloets, Kelly Avelino e Rita Seabra
Abrindo portas com arte	EMEF	Rui Bloem	Priscila Maria Trentin
Igualdade de gênero no Brasil: conhecendo o passado, modificando o presente e construindo o futuro	EMEF	Sebastião Francisco, o Negro	Caroline Bispo Rodrigues e Rafael Batista Ortega
Agro Floresta Urbana: um laboratório a céu aberto, integrado ao currículo da cidade e aos objetivos de desenvolvimento sustentável	EMEF	Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira	Eliseu Marcolino Rosa Müzel, Roseli Betani De Moraes, Angelica Rodrigues Lima Do Nascimento e Dulce Helena Guimarães Silveira Pacheco

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Orientações profissionais – ampliando horizontes	EMEF	Teresa Margarida da Silva e Orta	Rosemeire Francisca Neves Pereira, Simone Monteiro Matsueda Santos, Elaine dos Santos e Sonia de Souza Costa
Projeto de Vida - Autoconhecimento e inserção profissional de jovens	EMEF	Ulysses da Sylveira Guimarães	Flavio Motta e Silva Garcia Gomes
A voz do aluno paulistano no clube da leitura	EMEF	Vinícius de Moraes	Jorge Fernando Inácio

Categoria IV- EJA

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Alimentação saudável na perspectiva da Cultura Maker	CEU EMEF	Jardim Eliana	Cleodete Regina Pereira e Vanessa da Silva Hnat
EJA trabalhando cultura maker e robótica com sucata	CEU EMEF	Manoel Vieira de Queiroz Filho	Viviane Sabino Calaça
Memórias – resgate de identidade	CEU EMEF	Manoel Vieira de Queiroz Filho	Dalva De Araujo
Encontro Brasil Angola - arte africana e afro brasileira da tradição à contemporaneidade	CEU EMEF	Professora Cândida Dora Pino Pretini	Michelle dos Santos Lomba
Descolonização do currículo: introdução do jogo africano Mancala no CIEJA, implementação do currículo da cidade	CIEJA	Itaquera	Fernanda Righetti dos Santos

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Mundo do Trabalho	CIEJA	Professor Francisco Hernani Alverne Facundo Leite	Antonia Elenir N. Comin, Eliene da Rocha Carvalho e Larissa Perrella Scarabel
Índios, negros e pobres e as histórias que o livro de História não conta	CIEJA	Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu	Luiz Carlos, Michael, Luciana e Josiane
Oficina de saberes	CIEJA	Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu	Aline Patrícia Avelino Ferraz, Monica Ivone Dos Santos, Clélia Leandro da Silva e Rosemeire da Costa Gomes Soares
Mão na massa, vamos fazer o pedido da pizza: construção de conhecimentos com ingredientes de ciências e matemática, aprendizagem que se relaciona com o cotidiano	CIEJA	Professora Rosa Kazue Inakake de Souza	Luis Carlos Mazzarolo, Cleide Almeida Bezerra, Joana da Penha Avelar de Jesus Oliveira e Elizabete Nunes Oliveira Di Napoli
Descolonizar os cotidianos (in)visíveis: culturas e povos indígenas na formação da cidade de São Paulo e da sociedade brasileira	CIEJA	Vila Prudente/ Sapopemba	Thiago Fijos de Souza e Marcia Dalla Vecchia
Altino EJA Chef: o saboroso saber	EMEF	Altino Arantes	Carolina Lobrigato, Natália Aparecida Ribeiro e Maria Cecília Sabino de Miranda
Sextou? Quarentou! Processos urbanos, consciência e participação coletiva	EMEF	Benedito de Jesus Batista Laurindo – Padre Batista	Denis Ricardo Bezzerra, Douglas Sanches da Silva, Keiko Kishi Lazzeri e Simone de Fatima Trivellato Perelli

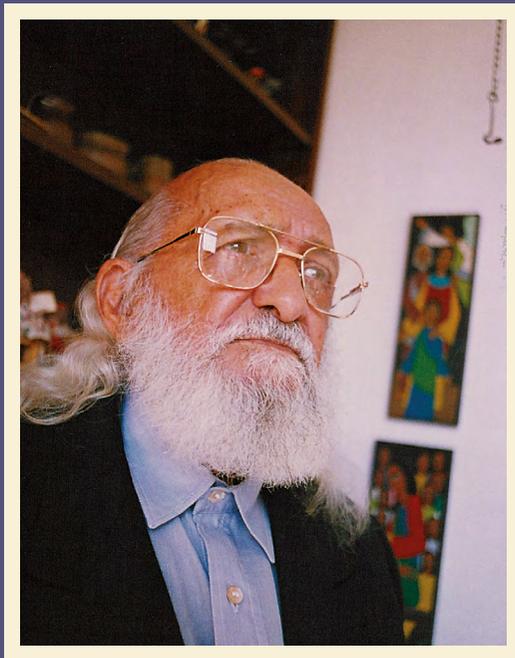
Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis
Livro digital (e-book) de antologia de poemas das educandas e educandos da EMEF Edgard Cavalheiro (tarde e noturno) sobre estes tempos difíceis, tempos de pandemia	EMEF	Edgard Cavalheiro	Pedro Palmares da Silva Ferreira
Sequência didática "Memória, identidades e patrimônio"/ Exposição "Coisas de mulher (2019)"	EMEF	Padre Leonel Franca	Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque



CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

Viaduto Jacareí, 100 - Bela Vista - São Paulo - SP
www.saopaulo.sp.leg.br

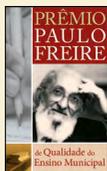
Organização: Equipe de Eventos - CCI.1
Editoração: Equipe de Comunicação - CCI.3



“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire, do livro: Pedagogia do oprimido.

Informações:



CCI.1 - Equipe de Eventos
Viaduto Jacareí, 100 - Anexo - Sala 217
Bela Vista - SP - CEP: 01319-900
Telefones: 3396-4239 / 3396-4311
www.saopaulo.sp.leg.br

Apoio:

